

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ**

**Thiago de Melo Curci**

**A construção da imagem do professor no discurso do  
próprio professor**

**Taubaté –SP**

**2015**

**Thiago de Melo Curci**

**A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO PROFESSOR  
NO DISCURSO DO PRÓPRIO PROFESSOR**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Língua materna e Línguas estrangeiras

Orientadora: Profa. Dra. Miriam Bauab Puzzo

**Taubaté - SP**

**2015**

**Thiago de Melo Curci**  
**A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO PROFESSOR NO DISCURSO DO PRÓPRIO**  
**PROFESSOR**

Dissertação apresentada como requisito parcial para  
obtenção do título de Mestre em Linguística  
Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em  
Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté.

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Resultado: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

Professora Dr<sup>a</sup>.: \_\_\_\_\_ Universidade de Taubaté

Assinatura: \_\_\_\_\_

Professora Dr<sup>a</sup>.: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Professora Dr<sup>a</sup>.: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Dedico este trabalho aos professores que formaram,  
formam e continuam formando o discurso de si  
mesmo enquanto profissional docente.

## AGRADECIMENTOS

À Prof. Dra. Miriam Bauab Puzzo, que me fez conversar com Bakhtin.

À equipe de professores que colaborou na desconstrução e reconstrução de visões.

À professora Marcia Arouca por me estimular e desafiar desde a primeira aula da licenciatura.

À professora Amanda Gurgel, que com seu discurso nos oferece voz e imagens do profissional docente que merecem resposta.

Ao Governo do Estado de São Paulo e aos responsáveis pela concessão da Bolsa Mestrado àqueles que são professores estaduais efetivos.

Aos colegas que tornaram a jornada mais leve, interessante e rica com suas contribuições.

À minha esposa e filho, que me permitiram investir tempo lendo tanto, viajando tanto e escrevendo tanto.

Aos meus pais, que me permitiram e patrocinaram meu estudo, sempre demonstrando admiração por essa minha atitude.

Ao meu pastor Eliezer, que me incentivou de forma determinante a adentrar no ensino superior e a tantas outras formas e possibilidades de estudo.

Acima de tudo e de todos ao Deus que inspirou Dostoiévsky, seu crítico Bakhtin e por meio deles a todos nós.

"O que ocorre, de fato, é que, quando me olho no espelho, em meus olhos olham olhos alheios; quando me olho no espelho não vejo o mundo com meus próprios olhos desde o meu interior; vejo a mim mesmo com os olhos do mundo - estou possuído pelo outro".

Mikhail Bakhtin.

## RESUMO

Há uma crise na identidade do profissional docente. Isso é evidenciado pelo discurso da mídia, do governo e principalmente no discurso do próprio professor. Um exemplo é o discurso da professora potiguar Amanda Gurgel pronunciado em 10 de Maio de 2011, na audiência pública sobre a situação da educação no Rio Grande do Norte. O objetivo desta pesquisa é analisar se é possível perceber a construção e desconstrução de uma imagem de professor no discurso do próprio professor. A análise se fundamenta nos conceitos desenvolvidos pelo Círculo do filósofo russo Bakhtin, tais como o enunciado concreto, o gênero discursivo; o tema, a cronotopia e a ideologia; a forma composicional, o estilo e a entonação; e o propósito comunicativo, exotopia e dialogismo. Para cumprir essa proposta foi selecionado o discurso oral de Amanda Gurgel, veiculado pela televisão e transcrito para fins de análise. Os resultados mostraram que é possível perceber a desconstrução e a construção da imagem docente por meio de vários aspectos inerentes aos gêneros. A imagem docente desconstruída por diversas vozes, em especial a da autoridade constituída, é a de um herói redentor mártir, uma imagem baseada em abstrações e idealizações. A imagem construída é a de um profissional consciente e inconformado com a precariedade da condição docente, uma imagem baseada em fatos concretos e exemplos reais. A conclusão a que se chega é, portanto, a de que é possível perceber as imagens construídas e desconstruídas por meio das categorias de análise do Círculo de Bakhtin. Espera-se com essa pesquisa contribuir para uma compreensão mais ampla da imagem do professor e da forma como é construída pelas diferentes vozes, em diferentes gêneros e contextos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Enunciação. Gênero discursivo. Dialogismo. Identidade docente.

## ABSTRACT

There is a crisis in the identity of the teaching profession. This is evidenced by media discourse, government and especially in the teacher's own speech. An example is the speech of Professor RN Amanda Gurgel pronounced on May 10, 2011, at the public hearing on the state of education in Rio Grande do Norte. The objective of this research is to analyze whether it is possible to realize the construction and deconstruction of a teacher image in the teacher's own speech. The analysis is based on the concepts developed by the Russian philosopher Bakhtin Circle, such as the statement Specifically, the speech genre; the theme, the cronotopia and ideology; the compositional form, style and intonation; and the communicative purpose, exotopy and dialogism. To accomplish this proposal was selected oral speech Amanda Gurgel, broadcast television and transcribed for analysis. The results showed that it is possible to see the deconstruction and construction of the teaching image through various inherent aspects genres. The teacher image deconstructed by several voices, in particular the constituted authority, is that of a martyr redemptive hero, an image based on abstractions and idealizations. The constructed image is that of a professional conscious and unhappy about the precariousness of the teaching condition, an image based on hard facts and real examples. The conclusion reached is therefore that it is possible to perceive the images constructed and deconstructed through analysis categories of the Bakhtin Circle. It is hoped that this research contribute to a broader understanding of the teacher's image and the way it is built by different voices, in different genres and contexts

**KEY-WORDS:** Enunciation. Speech genre. Dialogism. Teacher identity.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
1 CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
1.1 O Gênero Discursivo e o enunciado concreto.....	15
1.2 Tema, Cronotopia e Ideologia.....	17
1.3 Forma Composicional, Estilo e Entonação.....	20
1.4 Propósito Comunicativo, Exotopia e Dialogismo.....	24
2 CAPÍTULO 2: CORPUS DE ANÁLISE E PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS.....	27
2.1 Contextualização do percurso do professor.....	38
3 CAPÍTULO 3: ANÁLISE DO DISCURSO POLÊMICO DE AMANDA GURGEL.....	54
3.1 O Gênero discursivo e suas características na formação da imagem.....	54
3.2 Tema, Cronotopia e Ideologia.....	56
3.2.1 Tema.....	57
3.2.2 Cronotopia .....	61
3.2.3 Ideologia.....	63
3.3 Forma composicional, Estilo e Entonação.....	70
3.3.1 Forma composicional.....	71
3.3.2 Estilo.....	75
3.3.3 Entonação .....	79
3.4 Propósito Comunicativo, Exotopia e Dialogismo .....	82
3.4.1 Propósito comunicativo.....	82
3.4.2. Exotopia.....	86
3.4.3. Dialogismo.....	90
CONCLUSÃO.....	102
REFERÊNCIAS.....	108

## INTRODUÇÃO

Há uma crise na identidade do professor. Há várias vozes que evidenciam esta crise como a voz do governo, das leis, da mídia, etc. Estas vozes confusas retratam o professor de herói a escravo, de salvador da pátria a responsável pelo caos social. Há, porém uma voz que precisa ser mais ouvida, a voz do professor. Como a voz da professora Amanda Gurgel.

A professora Amanda Gurgel de Freitas, nascida em Natal e com 33 anos, é uma militante trotskista e política brasileira. Professora da rede estadual e municipal em Natal é graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Ainda na Universidade, em 2001, ingressou no Movimento estudantil, se tornando diretora de seu DCE (GURGEL, 2015).

Em seu ativismo universitário, Amanda era próxima politicamente do PT, mas quando passou a militar como sindicalista se afastou desse partido por criticar sua atuação no Sindicato de Professores de Natal, foi quando se aproximou do PSTU como militante em 2010 (GURGEL, 2015).

Em 2011, em função de sua atividade enquanto militante participou de uma audiência pública na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte. A audiência aconteceu em decorrência das muitas greves no Estado, numa aparente tentativa do governo de por um fim a situação. Acontece que o depoimento desta professora sobre a precariedade do ensino público no Estado causou grande repercussão nas mídias sociais, levando a professora a ser até mesmo convidada a participar do programa Domingão do Faustão, da Rede Globo, em maio de 2011 (GURGEL, 2015).

A professora concorreu ao cargo de vereadora de Natal na eleição municipal de 2012 por seu Partido. Elegeram-se como a vereadora mais votada na história da cidade, com 32.819 votos. Foi a candidata com a maior porcentagem de votos em todas as capitais brasileiras (GURGEL, 2015).

Seu pronunciamento na referida audiência é o corpus analisado nesta pesquisa. A imagem do professor desconstruída e construída pelo próprio professor numa situação em que o profissional docente se pronuncia acerca da sua realidade profissional, já que as demais vozes que se pronunciam acerca do professor partem de contextos e de enunciadores no mínimo à margem da realidade docente revelando por vezes uma visão irreal e abstrata.

Ouvir o que o próprio professor tem a dizer sobre si, como se percebe e como se expressa é fundamental como meio para compreender esta crise de identidade. Em meio a tantas vozes confusas e tendenciosas a voz do professor é abafada e ignorada. Porém o professor tem condições e tem se pronunciado acerca de sua profissão. Não há voz mais importante a ser ouvida sobre a profissão docente que a do próprio professor, aquilo que ele vivencia, sua realidade e os dilemas de sua profissão. Analisar o discurso de Amanda Gurgel é ouvir o professor, é dar valor a sua voz e projetá-la, ampliar seu alcance em busca de uma identidade mais clara. A escolha deste corpus está, por isso, na projeção que esse discurso alcançou na época, pela situação em que foi proferido e principalmente pelo significado construído pelo seu conteúdo acerca da imagem do professor.

Tem-se como objetivo analisar se é possível perceber a construção e desconstrução da imagem do professor no discurso do próprio professor, especificamente na voz da professora Amanda Gurgel. A pesquisa foi fundamentada na análise dialógica do discurso na perspectiva do Círculo de Bakhtin. A possibilidade de análise proporcionada pela teoria bakhtiniana permite analisar gêneros discursivos orais, considerando as questões referentes ao gênero e seu contexto. Assim, especificamente analisa-se a possibilidade da desconstrução e construção da imagem do docente por meio das categorias: 1) o enunciado concreto, o gênero discursivo; 2) o tema, a cronotopia e a ideologia; 3) a forma composicional, o estilo e a entonação; 4) e o propósito comunicativo, exotopia e dialogismo.

A pesquisa explicita no capítulo seguinte a fundamentação teórica baseada em algumas concepções do Círculo de Bakhtin além de apresentar uma revisão de literatura mostrando o que se tem pesquisado e publicado sobre o assunto. No segundo capítulo há considerações metodológicas típicas da abordagem que leva em consideração as teorias bakhtinianas e a apresentação do corpus a ser analisado. O capítulo de análise oferece o corpus em questão, sua contextualização e uma definição do gênero discursivo em questão. Em seguida há subcapítulos para analisar o texto a partir de categorias como tema, cronotopia e ideologia; forma composicional, estilo e entonação; propósito comunicativo, exotopia e dialogismo. Encerra a pesquisa a apresentação dos resultados conclusivos.

Esta análise possibilita uma reflexão sobre a construção da imagem do professor que emerge de um embate de vozes ecoando as mais diferentes, e por vezes divergentes, impressões sobre este profissional. Além disso, pretende contribuir solidificando a compreensão e a importância da teoria de Bakhtin e do Círculo para a compreensão do enunciado em toda sua amplitude e complexidade. Outra contribuição deste trabalho pode ser

a percepção de que as categorias de análise da teoria adotada permitem compreensões abrangentes que tocam nas mais diferentes ciências relacionadas à linguística aplicada.

## 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A identidade do profissional docente é ainda pouco pesquisada pelas diversas áreas de conhecimento. Alguns artigos relevantes aparecem na área de Psicologia, Sociologia e Linguística. Tateo (2012), por exemplo, escreve uma pesquisa fundamentada na Psicologia sobre a identidade do professor no artigo intitulado “What do you mean by "teacher"? Psychological research on teacher professional identity”. O artigo trata principalmente dos aspectos emotivos pertinentes à profissão relacionados à figura do professor.

Por sua vez, Souza (2013) pelo viés sociológico, produz um mapeamento das principais características dos profissionais docentes e coteja tal leitura com demais trabalhos que o campo de investigação vem produzindo. Faria (2011) também procura abordar sobre a formação da identidade docente pelo viés da Sociologia e Psicologia. Tenta entender como o conceito de identidade tem sido apropriado nas pesquisas sobre formação de professores e sua contribuição para a compreensão do processo de constituição da identidade docente. São observadas cinco dissertações de mestrado e cinco teses de doutorado que apresentavam, no título e no resumo, a proposta de estudar identidade de professores por conceitos de vários autores da Sociologia e da Psicologia.

Na área da linguística aplicada, Carmagnani (2009), fundamentada em Foucault, mostra o discurso produzido pela mídia acerca da escola brasileira, sobretudo o discurso sobre professores e o modo como são representados. Também próximo desta linha está Fairchild (2010), teoricamente apoiado em Pêcheux, que apresenta a dificuldade de o professor sustentar um discurso específico sobre o seu objeto de especialidade, o que põe em jogo sua própria condição profissional. Ainda, Alves-Mazzotti (2007) identifica as representações da identidade docente construídas por professores da rede pública de ensino fundamental do Rio de Janeiro frente aos desafios postos à escola na contemporaneidade. Esta última pesquisa destaca que os termos mais citados pelos professores foram “dificuldades e luta”, ser professor é entendido pelos próprios docentes como um lutar cotidianamente contra as inúmeras dificuldades que se interpõem entre eles e seus alunos.

Coracini (2003) analisou 50 textos escritos por professores de 1º e 2º graus. Nesses textos observou-se que além de transmitir conhecimentos, os professores apresentaram um conjunto de imagens positivas, fundadas numa visão idealizada da profissão docente. Essas imagens são fruto também de um passado em que se imagina que o professor ocupava lugar

de destaque além de ter origem na capacidade do professor de se adaptar às necessidades do mercado atual e seu público discente.

Dentre as imagens citadas, estão a do professor como herói, batalhador, sempre disposto a salvar o aluno da ignorância e da perdição da alma; o professor modificador de destinos. Nessa imagem, permanece o conceito tradicional de professor vocacionado, tipo de missionário que educa por missão não por profissão. Certamente é um vestígio de uma época em que isso realmente funcionava assim, como nos tempos dos jesuítas no Brasil. Outra imagem pertinente é a do professor como ator, devido à função de animador que adquiriu desde o advento das ferramentas audiovisuais da década de 80. Por outro lado, aparece nas redações a imagem de um professor humilhado, incompreendido, desiludido, vítima de uma sociedade injusta e ingrata (CORACINI, 2003).

Lima (2003) também se propôs a analisar textos produzidos por professores e também percebeu esta construção conflitante de identidade. Dentre as múltiplas possibilidades de atribuição de significado à identidade docente, a leitura dos textos levou a pressupostos conflitantes sobre a imagem socialmente idealizada de professor que os marcam quanto a sua auto-identificação: por um lado está a imagem do fazer docente com um fazer que apresenta soluções para diferentes problemas sociais, um lugar de prestígio e poder; por outro lado um discurso de desvalorização do profissional da educação por justamente não realizar na prática esta expectativa jogada sobre seus ombros. A conclusão a que a autora chega é a de que os professores da coletânea, para conseguir reverter o discurso que os desacredita, procuram se associar ao discurso que os prestigia mesmo com a possibilidade da frustração na prática.

Citelli (2012) organizou um livro sobre a imagem do professor na mídia. Entre os enfoques dados há a imagem do professor em enunciados pelo rádio, *web*, propaganda comercial, discurso jornalístico e pela publicidade governamental. As pesquisas geralmente partem da construção da imagem docente em discursos de terceiros e não do próprio professor.

Há também pesquisas que se concentraram em analisar o discurso da professora Amanda Gurgel sob outro enfoque teórico. Silva (2013) analisa o(s) *ethos* revelado(s) no discurso da professora, considerando os seus possíveis interlocutores e as condições de produção do discurso. Sua pesquisa está fundamentada na Teoria da Argumentação no Discurso ou Nova Retórica e nos estudos sobre a noção de *ethos* político. Os resultados demonstraram a utilização da estratégia argumentativa de provocação como marca principal desse discurso, revelando vários *ethos* característicos de discursos políticos, tais como *ethos* de identificação, seriedade, humanidade e solidariedade.

Outra pesquisa que parte do discurso da professora é a realizada por Araujo (2011) em que se analisa o traço funcional dos dêiticos aqui, lá e ali na organização do discurso. A abordagem da pesquisa se concentrou em pressupostos da semântica enunciativa e da pragmática. Os resultados obtidos apontaram que a organização do aqui ocorre próxima à fala do locutor e próxima à dos interlocutores, enquanto que os dêiticos lá e ali se organizaram em torno da fala do locutor na instância enunciativa de monitoramento cognitivo.

Há também muitos trabalhos que analisam vários tipos de audiência como gêneros discursivos. Uma análise sobre o gênero audiência pública é feita por Gomes (2001), que aponta as características e o funcionamento do gênero audiência pública, trazendo à tona os temas da democracia como prática da cidadania e da participação popular nas decisões do Estado. A audiência pública é situada a partir das considerações de Fairclough sobre o diálogo na esfera pública e de Swales sobre comunidade discursiva e sua definição de gênero construída a partir dela.

Finalmente, como esta pesquisa foi fundamentada nos métodos e conceitos bakhtinianos, cabe agora explicar alguns conceitos dessa linha teórica por serem fundamentais à análise do corpus.

### 1.1 O GÊNERO DISCURSIVO E O ENUNCIADO CONCRETO

Como as categorias de análise desta pesquisa estão relacionadas a aspectos inerentes aos gêneros discursivos, faz-se necessário elucidar a compreensão, que se tem nesta abordagem teórica, sobre eles. O ponto de partida para a compreensão e análise de um corpus pela linha de Bakhtin deve compreender que “toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige a alguém”(BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1986, p.113). Cada termo bakhtiniano está ligado a outros e explicando um acaba-se que aproximando outro que também passa a ser necessário explicar. Neste trecho citado já aparecem de início conceitos importantes que serão explicados abaixo.

Sobre a linguagem e seu uso, assim se manifesta Bakhtin (2011) de maneira novamente abrangente:

Todos os diversos campos de atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua

efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo de atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 2011, p.261).

Este conceito de linguagem que une a compreensão de seu uso por diversos campos da atividade humana, ao mesmo tempo em que é usada de um enunciador para um interlocutor, já anuncia conceitos importantes para esta pesquisa. Um termo abrangente inicial importante é enunciação.

Quanto às características do enunciado, afirma Bakhtin (2011, p.289) que todo enunciado é um elo na cadeia de comunicação discursiva, assim é caracterizado por um conteúdo “semântico-objetual.” Aquilo que determina os traços “estilístico-composicionais” do enunciado é a posição ativa do falante em determinado campo. Um segundo elemento é o expressivo, a “relação subjetiva, emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado”.

O enunciado concreto é definido por Voloshinov (s.d.) como o enunciado integrado a situação externa, extraverbal. A situação integrada ao enunciado como parte constitutiva essencial da estrutura de sua significação. Um enunciado concreto compreendido nestes termos concebe uma parte realizada em palavras e uma parte presumida formando variadas conexões com o contexto extraverbal da vida que lhe dá significação.

De acordo com Bakhtin (2011, p. 262), “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização de língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, aos quais denominamos gêneros do discurso.” Esses gêneros discursivos são divididos em primários e secundários. Os secundários são os mais complexos e elaborados, fruto de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado. Segundo o autor os gêneros discursivos apresentam tema, forma composicional e propósito comunicativo.

Marcuschi (2008) os chama de gêneros textuais e os define como textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões socio-comunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. O mesmo autor afirma que para analisá-los é necessário identificá-los e caso se apresentem como um gênero “novo” nomeá-lo.



O gênero apresenta a imagem de uma totalidade em seu potencial. Lugar em que os fenômenos da linguagem podem ser apreendidos na interatividade dos textos através do tempo, resultante dos vários usos que se faz da língua (MACHADO, 1997).

Fiorin (2006) explica os aspectos dos gêneros esclarecendo que o conteúdo temático é um domínio de sentido de que se ocupa o gênero. Já a construção composicional se refere ao modo de organizar o texto, de estruturá-lo. Assim, para Fiorin, os gêneros são enunciados de esferas de ação específicas que estabelecem interconexão da linguagem com a vida social, a linguagem penetra na vida por meio dos enunciados concretos e pelos enunciados a vida se introduz na linguagem.

## 1.2. TEMA, CRONOTOPIA E IDEOLOGIA

O tema como aspecto fundamental do gênero será associado aqui ao aspecto da cronotopia e da ideologia. Todos os termos são concebidos a partir das construções de Bakhtin e do Círculo. O tema como aparece no corpus em análise, mas também o tema construído nos discursos anteriores que chega ao presente com a marca desses discursos, além do aspecto ideológico na construção de um tema.

Com relação ao tema afirma Dias (1997) que se trata de um elemento único da enunciação e por isso não reiterável. O tema é a expressão de uma situação histórica concreta em que se pronuncia um enunciado.

Segundo Bakhtin/Volochínov (1986, p. 128,129) tema pode ser definido da seguinte maneira:

O tema da enunciação é determinado não só pelas formas linguísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entoações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação. Se perdermos de vista os elementos da situação, estaremos tão pouco aptos a compreender a enunciação (...) o tema da enunciação é concreto (...) como o instante histórico ao qual ele pertence. Somente a enunciação tomada em toda a sua amplitude concreta, como fenômeno histórico, possui um tema. Isso é o que se entende por tema da enunciação.

O tema, não é apenas o assunto ou uma palavra isolada e nem mesmo parte do enunciado. O enunciado inteiro como atuação discursiva é um tema. Claro que para perceber o tema é importante analisar o conjunto dos significados dos elementos verbais e não verbais da obra além dos elementos semânticos da língua. Mas o tema advém do enunciado completo enquanto ato socio-histórico determinado e, por isso é inseparável da situação da enunciação e dos elementos linguísticos (MEDVIÉDEV, 2012).

Outra categoria importante para análise do discurso é a cronotopia. Para Bakhtin (2011), o lugar e o tempo são determinantes em um texto. Formam uma unidade indissolúvel, tempo histórico condensado no espaço. Quando o cenário se transforma num vestígio falante do movimento da história.

Bakhtin (2011) apresenta a importância da relação espaço-temporal na análise do discurso. Demonstra que situar no lugar e no tempo a obra, personagens entre outros fatores da estética literária era determinante e fundamental para a pesquisa. Observando as obras de Goethe mostra a possibilidade de análise do tempo e do espaço numa unidade indissolúvel, tempo histórico condensado no espaço. Enredos e personagens informam e humanizam paisagens como um vestígio falante do movimento da história.

Fiorin (2006) comenta o mesmo conceito de cronotopia associando-o ao cinema que possibilita este diálogo entre imagem e ação. Vê cronotopia como uma determinada visão de homem situada no tempo, assim como também o cenário histórico, o lugar/tempo da ação do herói.

Há ainda o importante conceito de ideologia. Esse conceito é definido pelo próprio Bakhtin (2011) quando afirma que sua definição no marxismo trata do ocultamento da realidade social, não percepção da existência das contradições. Bakhtin mostra que a ideologia oficial está em diálogo com a ideologia do cotidiano, a primeira estável, a segunda instável. Entende ainda ideologia como expressão, organização, regulação das relações histórico-materiais dos homens.

No domínio dos signos, isto é, na esfera ideológica, existem diferenças profundas, pois este domínio é, ao mesmo tempo, o da representação, do símbolo religioso, da fórmula científica e da forma jurídica, etc. Cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social. É seu caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1986, p. 33).

A palavra ideologia não é compreendida pelo filósofo Bakhtin como ocultamento da realidade social, ou como não percepção da existência das contradições. Diferente desta concepção, para Bakhtin (2011) há uma ideologia oficial, estável, em diálogo com uma ideologia do cotidiano, instável. Assim ideologia e vista como um conjunto de reflexos e das interpretações da realidade social e natural no cérebro humano e expresso por meio de palavras ou signos. Os signos por sua vez são físico-materiais e sócio-históricos. Ideologia é então a expressão, organização, regulação destas relações sócio-históricas. Neste contexto o

signo verbal adquire novos sentidos por acentos ideológicos com tendências situadas. A palavra adquire valores sociais.

Segundo Bakhtin/Volochínov (1986) tudo o que é ideológico é um signo por fazer parte da realidade, mas também por refletir e refratar uma realidade que lhe é exterior. Os signos estão sujeitos a critérios de avaliação ideológica. E mais do que reflexo, são uma sombra da realidade e fragmento material dessa realidade. A própria consciência só existe quando se impregna de conteúdo ideológico no processo de interação social. Assim, seu lugar é o material social de signos criados pelo homem organizado em sociedade. A palavra é o meio de comunicação entre estes homens organizados, e é por isso o fenômeno ideológico por excelência. A palavra pode preencher qualquer espécie de função ideológica. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas e efêmeras das mudanças sociais nesse movimento de signo determinado pela realidade e que reflete e refrata esta realidade em transformação.

Importante ressaltar também que o ser é refletido e refratado no signo pelo confronto de interesses sociais na mesma comunidade semiótica, uma luta de classes. No signo ideológico confrontam-se índices de valor contraditórios. Classes sociais diferentes que se utilizam da mesma língua. O signo como lugar-arena onde se dá a luta de classes. É justamente este entrecruzamento de valores que faz do signo vivo e móvel. A classe dominante procura fazer do signo ideológico algo intangível, acima das diferenças de classe, camuflando a luta de valor e tentando tornar o signo monovalente. Há um esforço por estabilizar o estágio confortável valorizando um lado de valor do signo ideológico. Esse é o caráter refratário e deformador do signo ideológico nos limites da ideologia dominante (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1986).

Os estratos ideológicos passam pelo inferior da ideologia do cotidiano, onde ainda não há modelagem ideológica clara; pelo superior da ideologia do cotidiano, onde aparecem as primeiras mudanças de infra-estrutura em organizações sociais determinadas; pela ideologia oficial, já no sistema ideológico especializado e formalizado. A ideologia do cotidiano luta constantemente com a ideologia oficial, geralmente apossado pela classe dominante (MIOTELLO, 2006).

Bakhtin (2013, p.98) também nos mostra como o autor pode representar a ideia do outro e manter simultaneamente distância ou proximidade, afirmando e fundindo ou não a ideologia do outro com a sua própria de autor. Outra compreensão importante é que a ideia só está viva quando contrai relações dialógicas essenciais com as ideias dos outros e assim pode formar-se, desenvolver-se, encontrar e renovar sua expressão verbal gerando novas ideias.

Como afirma Bakhtin: “O pensamento humano só se torna (...)ideia, sob as condições de um contato vivo(...) materializado na voz dos outros(...) desse contato entre vozes-consciências que nasce e vive a ideia.”

Quanto à carga axiológica do enunciado, Bakhtin/Volochínov (1986) lembra que o signo verbal não pode ter um único sentido, mas possui acentos ideológicos com tendências situadas. Sentidos múltiplos e sempre renovados no uso das palavras. A palavra em uso é, portanto, produto ideológico, resultado do processo de interação na realidade da vida. É neutra como termo de dicionário e ganha a carga que o sujeito lhe der podendo assim ser mediadora, carregada de carga ideológica atribuída tanto pelo enunciador como pelo interlocutor. A palavra adquire valores sociais.

### 1.3. FORMA COMPOSICIONAL, ESTILO E ENTONAÇÃO

Algumas categorias de análise estão tão interrelacionadas que se completam e aprofundam a análise. É o caso da forma composicional, estilo e entonação:

“Todo estilo está indissolivelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso. (...) Na imensa maioria dos gêneros discursivos (exceto nos artísticos literários), o estilo individual não faz parte do plano do enunciado, não serve como um objetivo seu mas é, por assim dizer, um epifenômeno do enunciado, seu produto complementar”(BAKHTIN, 2011, p.266).

Há, portanto, o estilo do gênero discursivo (forma composicional) e o estilo individual do enunciador. A forma composicional está profundamente relacionada ao campo de atividade humana em que circula o gênero discursivo. Os traços típicos do gênero, sua estrutura, suas características inerentes e relativamente estáveis estão atreladas ao campo já referido, ao tema e ao propósito comunicativo (BAKHTIN, 2011).

Quando se trata de um gênero originalmente oral é comum a repetição de palavras e a retomada da fala do outro. O turno não acontece como em um diálogo livre, mas com direito a fala por tempo determinado sem interrupção do interlocutor. Como gênero discursivo oral o texto pode apresentar ainda em sua forma composicional a possibilidade do redirecionamento a partir das reações imediata dos interlocutores, como as respostas a fala da secretária que surgiram certamente durante o discurso. Há, porém, na forma composicional oral, a questão da impossibilidade de consulta a outros textos, a não ser de memória ou previamente separados para tal pelo enunciador, e a impossibilidade de apagamento (FAVERO, 1999).

Rocco (2003) também informa sobre aspectos do enunciado oral ressaltando que tal enunciado é espontâneo, usa menos tempo e se apresenta mais fragmentado. Algumas características também são o uso frequente de sequências justapostas e a necessidade de apoio situacional. Geralmente é realizado face a face e apresenta elementos extralinguísticos e suprasegmentais como entonação, gestos, expressões faciais, elementos que por sua vez suprem os conectivos ausentes. Mesmo no caso dos telespectadores há, para o indivíduo que assiste na tela, a ilusão de ser receptor único e pessoal da mensagem individualizada, mesmo que na verdade seja parte de uma massa sem formato preciso.

Além dos termos já levantados, o suporte aparece como elemento importante em um gênero por ser um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. Ele é imprescindível para que o gênero circule na sociedade e deve ter alguma influência na natureza do gênero suportado. É feito para mostrar e fixar gêneros específicos. (MARCUSCHI, 2008).

Segundo Pietroforte (2004), em vários textos o plano de expressão interfere no sentido produzido. Quando isso acontece, uma forma de expressão é articulada com uma forma de conteúdo, uma relação que é chamada de semi-simbólica.

Como característica importante dos gêneros, segundo Bakhtin (2011), o estilo se apresenta indissolivelmente ligado aos enunciados e se manifesta como reflexo da individualidade da linguagem estando presente naqueles gêneros do discurso que requerem uma forma padronizada. Os estilos de linguagem são estilos de gêneros de determinadas esferas de atividade da comunicação. Existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo, e é a esses gêneros que correspondem determinados estilos, uma determinada função e determinadas condições de comunicação discursiva. Quanto ao estilo, os gêneros são, então, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis. O estilo é indissociável de determinadas unidades temáticas e de certas unidades composicionais, de tipos de construção do conjunto, de tipos do seu acabamento, de tipos de relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva. Esta é a compreensão do que significa forma composicional, o estilo do gênero.

Sobre o estilo individual afirma Bakhtin (2011, p.266),

Em diferentes gêneros podem revelar-se diferentes camadas e aspectos de uma personalidade individual, o estilo individual pode encontrar-se em diversas relações de reciprocidade com a língua nacional. A própria questão da língua nacional na linguagem individual é, em seus fundamentos, o problema do enunciado (porque só nele, no enunciado, a língua nacional se

materializa na forma individual). A própria definição de estilo em geral e de estilo individual em particular exige um estudo mais profundo tanto da natureza do enunciado quanto da diversidade de gêneros discursivos.

É preciso levar em consideração o que diz Faïta (1997), quando afirma que o enunciado possui estilo individual, por ser um ato de um indivíduo assim como por refletir quem fala ou escreve. Assim, além de relacionar traços característicos de outros enunciados formulados na mesma esfera de uso da linguagem, ele também apresenta um nível suplementar de seleção estilística representando uma relação própria com a língua.

Há vários traços estilísticos como ironia, perguntas retóricas e também comparação por relação analógica e por identificação que atribui e hierarquiza valores. Formalmente isso acontece quando se qualifica alguém desqualificando outrem, quando há uma identificação. (PERELMAN, 1987).

Uma forma de perceber o aspecto ideológico verbal é analisando a dinâmica da inter-relação entre discursos, a enunciação e recepção, incluindo a citação do discurso do outro. Ao conceber a língua como reflexo das relações sociais estáveis dos falantes, é possível perceber que o enunciado é marcado pela língua, pela época, pelos grupos sociais, pelo contexto com seu objetivo específico, enfim por uma forma e uma variante específica. No processo do diálogo, o interlocutor ouve e traz a enunciação do outro no contexto de comentário efetivo interiorizado, estabelecendo um elo com a sua expressão corporal e ao mesmo tempo se prepara para a réplica. A apreensão do diálogo se dá nesta réplica interior e comentário efetivo (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1986).

Há, segundo Bakhtin/Volochínov (1986), algumas possibilidades de reação ativa ao discurso do outro. Ao delimitar o discurso citado com fronteiras nítidas e estáveis procura-se conservar a integridade e autenticidade desse discurso. Esse isolamento procura protegê-lo das infiltrações pelas entoações próprias do autor, solidificando e simplificando suas características linguísticas individuais. Este estilo linear apresenta um alto grau de autoritarismo e de dogmatismo, sua firmeza ideológica inibe apreensão apreciativa, geralmente oferece apenas alternativas nítidas e distintas. De forma oposta, o estilo pictórico, esforça-se por desfazer a estrutura fechada e compacta do discurso do outro, absorvendo-o e infiltrando réplicas e comentários no discurso alheio. Quando o autor apaga as fronteiras do discurso citado, pode enchê-lo de entoações, ironia, ódio e desprezo. Dessa forma o dogmatismo autoritário tende a ceder completamente para o relativismo das apreciações sociais, muito favorável a uma apreensão positiva e intuitiva de todos os matizes linguísticos individuais do pensamento, das opiniões, dos sentimentos.

Há um elemento dos gêneros discursivos que é menos comentado, mas aqui igualmente importante, o tom valorativo ou entonação. Os gêneros são de tal forma padronizados que ao enunciador só cabe escolher um determinado gênero e dar-lhe uma entonação expressiva. Diz “Esses gêneros requerem um certo tom, isto é, incluem em sua estrutura uma determinada entonação expressiva.(...)é possível uma reacentuação dos gêneros”(BAKHTIN, 2011, p.284).

Esse aspecto é situado por Bakhtin/Volochínov (1986) como atividade mental do eu frente a atividade mental do nós. Nesta o contexto imediato influencia na construção do enunciado, enquanto que naquela há uma escolha de entonação interior que marca o enunciado.

A entonação pode isolar o discurso do outro no interior do enunciado. O discurso pode ser transmitido em tom irônico, indignado, irreverente. O discurso do outro ganha uma dupla expressão: a alheia e a expressão do enunciado que acolheu o discurso. Tudo isso é peculiar em casos de citação e evocação do discurso do outro no próprio enunciado (BAKHTIN, 2011).

De forma geral, a entoação é definida por Voloshinov (s.d.) como o discurso entrando em contato com a vida, o falante entra em contato com o interlocutor, é social por excelência. Só pode ser entendida quando estamos em contato com os julgamentos de valores presumidos por um dado grupo social. O apoio coral do grupo é importante para a entoação. A metáfora entoacional cria uma personificação, o herói, o terceiro alguém. Ela é ativa e objetiva por tendência.

Barros (1997) destaca a entonação como expressão fônica da avaliação pessoal dos interlocutores, típica do aspecto dialógico da língua. Nesse sentido a posição ocupada pelo enunciador e pelo locutor, suas escolhas enunciativas revelam avaliações e a entonação seria uma destas marcas discursivas importantes.

A ironia, por exemplo, manifesta pela entonação uma demonstração típica de discurso bivocal. Ironizar é voltar-se contra a própria enunciação acrescentando-lhe uma ideia oposta no mesmo momento em que é enunciada. O enunciado irônico apresenta uma pluralidade de vozes em contrariedade e contradição. Aqui a entonação se une ao aspecto dialógico da língua revelando uma forma complexa de revelar polifonia (CASTRO, 1997).

Machado (1997) afirma que o tom provocativo manifesta um desejo de resposta que contribui decisivamente para um inacabamento interior tipicamente dialógico. A entonação provocativa dos enunciados, como é o caso do enunciado analisado nesta pesquisa convida a uma busca por respostas, provoca a novas possibilidades.

Sendo assim, a forma composicional como traço característico de determinado gênero encontra afinidade com o estilo enquanto traço característico de determinado autor que ainda por cima acrescenta um tom marcante ao enunciado concreto.

#### 1.4. PROPÓSITO COMUNICATIVO, EXOTOPIA E DIALOGISMO

A compreensão acerca do propósito comunicativo é fundamental por se tratar de uma das características centrais na construção, interpretação e uso dos gêneros.

Bakhtin (2011, p. 261, 262) menciona finalidade do gênero para se referir ao propósito comunicativo: “O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo...” Neste caso portanto, o propósito comunicativo está relacionado a finalidade do gênero em sua atuação em determinado campo de atividade humana. Ressalta ainda um equívoco acerca do propósito comunicativo quando diz que: “A heterogeneidade funcional, como se pode pensar, torna os traços gerais dos gêneros discursivos demasiadamente abstratos e vazios.” O autor revela que esta aparente compreensão é equivocada justamente por até então os gêneros não serem analisados como enunciados concretos, situados e construídos a partir de propósitos comunicativos específicos. Se estes aspectos não são levados em consideração o enunciado se revela solto no espaço sem relação com sua situação social.

Em outro momento Bakhtin (2011, p. 281, 282) trata da intenção discursiva ou vontade discursiva que determinaria o todo do enunciado. Esta imagem do que o falante quer dizer determinaria a conclusibilidade, o tema, a forma composicional, enfim “a vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na escolha de um certo gênero de discurso”. Essa intenção discursiva é adaptada ao gênero escolhido com ou sem a percepção do enunciador.

Bhatia (1993) afirma que o propósito comunicativo, assim como o conteúdo, a forma, a audiência o meio e o canal, caracteriza o gênero em sua natureza e construção. A relação entre gênero e propósito comunicativo seria tão fundamental que o gênero poderia ser compreendido como uma realização bem-sucedida de um determinado propósito comunicativo.

Assim, o propósito comunicativo tem a ver com aquilo que os gêneros realizam na sociedade, e que ainda assim, o propósito de um gênero não é necessariamente único e predeterminado. Um gênero pode apresentar variados propósitos comunicativos específicos, gerados pelas intenções de específicos e situados atores sociais além dos propósitos



socialmente reconhecidos como típicos daquele gênero. O propósito comunicativo está relacionado, portanto, a um processo de construção social desses propósitos que podem ser intenções públicas ou escamoteadas. Junto a esses propósitos sociais do gênero está o propósito do autor, porém não como realidade estritamente psicológica de um autor onipotente (BHATIA, 1993).

É possível, ainda com relação aos conceitos de gêneros discursivos e enunciados, analisar o gênero usado para se pronunciar com relação à autoria e à exotopia quando no seu discurso a professora se afasta de si para olhar para si e falar de si. Perceber ainda que como enunciado concreto o enunciador se dirige ao destinatário situado num determinado contexto social, adaptando sua linguagem a esse outro ao qual se dirige. A situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1986).

Faz-se necessário ainda esclarecer o termo já citado: exotopia. Segundo Bakhtin (2011), o excedente de visão, sempre presente em face de qualquer outro indivíduo é condicionado pela singularidade e pela insubstituíbilidade do lugar que o eu ocupa no mundo. Estar situado num momento e lugar o torna único situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros ficam fora do eu. Isso claro no mundo do conhecimento, no texto.

Para Brait (2006) está relacionado à situação do enunciador e do ato. Ato sempre situados de alguém, para alguém, em algum lugar e momento sócio-histórico. Enquanto que Fiorin (2006) destaca mais o distanciamento do autor, olhar pelo olhar do outro.

Dialogismo é um termo que se faz necessário explicar por sua abrangência e presença nas análises dos gêneros discursivos. Bakhtin (2011, p. 350) explica as relações dialógicas em primeiro lugar como a sensação do “seu e do outro na palavra, no estilo, nos matizes e meandros mais sutis do estilo, na entonação, no gesto verbalizado, no gesto corporal(mímico), na expressão dos olhos...”. A intensa interação do eu com o outro, uma luta entre os dois, do corpo à palavra. Luta que ocorre em tudo por meio de todo tipo de expressão externa.

Dialogismo também significa uma relação de reciprocidade entre a minha verdade e a verdade do outro. O enunciador é ativo em um caráter dialógico especial, em relação à “consciência viva e isônoma do outro”. O ativismo dialógico interroga, provoca, responde, concorda, discorda, etc (BAKHTIN, 2011, p.339).

Acerca do dialogismo afirma Brait (1997, p.69):

Por um lado o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. É nesse sentido que podemos interpretar o dialogismo como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem. Por um outro lado, o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, instauram-se e são instaurados por esses discursos. E aí, dialógico e dialético aproximam-se, ainda que não possam ser confundidos, uma vez que Bakhtin vai falar do eu que se realiza no nós, insistindo não na síntese, mas no caráter polifônico dessa relação exibida pela linguagem.

O dialogismo aparece nos enunciados por ser algo intrínseco ao ser humano. Não é apenas um diálogo entre duas pessoas, mas aquilo que define o ser humano. A alteridade, o outro, é imprescindível para se conceber o homem. Claro que a percepção deste fenômeno se dá na relação entre os interlocutores que se avaliam e expressam os valores resultantes desta avaliação por diferentes conteúdos ou formas diversificadas de expressão. Por isso que falar em dialogismo significa também levar em conta que a língua não é ideologicamente neutra, mas complexa pelo uso e pelos traços dos discursos impressos nela, aparecem assim choques e contradições. Fica evidente então que o dialogismo ocorre entre interlocutores, mas também, e por isso, entre enunciados e entre ideias (BARROS, 1997).

Dahlet P. (1997) ressalta, ainda acerca do dialogismo, que o sujeito muda o seu discurso por causa das intervenções de outros discursos, que nem precisam ser reais, e de seu interlocutor. O sujeito não é a fonte primeira de sentido, pois incorpora em seu interior o outro e percebe que não há unicidade enquanto sujeito falante, não é um autor solitário e seu enunciado não equivale a um pensamento protegido da influência externa.

O dialogismo enquanto marca da relação do eu e do outro no acontecimento de comunicação se define na noção de vozes que se enfrentam num enunciado representando diferentes elementos históricos, sociais e linguísticos que o atravessam. Pode ser definido também pela imagem da encenação, como se o enunciado vestisse uma multiplicidade de figuras enunciativas, como se fossem máscaras. Assim, o dialogismo revela uma multiplicação de lugares de enunciação disponíveis para o sujeito (DIAS, 1997).

A fundamentação teórica compreende assim as noções de enunciado, enunciado concreto e gênero discursivo e, a partir destes, as noções de tema, cronotopia, ideologia, forma composicional, estilo, entonação, propósito comunicativo, exotopia e dialogismo como categorias mais específicas relacionadas ao gênero discursivo.

## 2. CORPUS DE ANÁLISE E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O discurso analisado na pesquisa foi proferido pela professora Amanda Gurgel em Audiência Pública sobre o cenário atual da educação no Rio Grande do Norte. A Audiência aconteceu no dia 10 de Maio de 2011. O pronunciamento foi divulgado pela internet em vídeo e recebeu rapidamente mais de 200 mil visualizações. Em função disso a professora de português foi entrevistada por jornais locais e de outros Estados. Virou assunto para muitos blogs e muitas notícias. Foi ainda entrevistada pelo apresentador Faustão na Rede Globo e acabou eleita como vereadora no Rio Grande do Norte com 32.819 votos, quando seu vídeo já tinha 2,2 milhões de visualizações e ela já tinha concedido entrevista ao Globo News. Fatos importantes também foram as greves de professores acontecidas desde 2010, inclusive no ano de 2014 já começou em greve.

Segundo o SINTE/RN (Sindicato dos Trabalhadores em Educação pública do RN), a greve começou com movimentações municipais e greves em Natal, São Miguel do Gostoso e Pedro Velho. O site apresenta algumas fotos destas primeiras movimentações que datam de fevereiro a setembro de 2010 (SINTE/RN, 2013).

A melhor fonte de informação sobre o contexto não poderia ser outra senão o próprio sindicato e sites de notícias de amplo alcance na internet. Para uma compreensão melhor do texto analisado nesta pesquisa, enquanto enunciado concreto, é importante que se analise algo mais sobre o contexto em que o enunciado foi produzido.

O site do SINTE/RN (2013) oferece uma coluna de vários links para acessar artigos que tratam das greves e manifestações que são realizadas desde fevereiro de 2011, o ano em que a professora Amanda Gurgel se pronunciou na audiência pública sobre a educação no Rio Grande do Norte. Abaixo seguem as notícias divulgadas pelo site naquele ano:

### **25.02.2011**

#### **Trabalhadores em educação da rede municipal de ensino estão em greve**

A Educação, mais uma vez ferida em seus brios, resolveu parar. A prefeita não dignificou a sua própria palavra quando descumpriu o acordo feito com o Sindicato após a greve de março de 2010.

### **18.07.2011**

#### **A violação de direitos garantidos é legal? A exigibilidade de direitos garantidos é ilegal?**

A efetivação dos direitos mais elementares passa, necessariamente, pela educação e esta, além de direito, constitui-se forte instrumento de exercício democrático e realização da cidadania participativa.

**18.07.2011**

**Educação de qualidade para quê?**

Não há conflito de direitos, como alguns querem fazer crer, entre alunos e professores. Estes reivindicam melhores salários e condições de trabalho; aqueles, aulas de qualidade, de todas as disciplinas.

Os títulos dos artigos revelam que já havia discussão sobre o papel de cada envolvido na educação: o governo, os professores e os alunos. Estava em discussão o papel do professor construído pelo governo como em rivalidade com o aluno. A tensão real entre governo e professores tentando ser mascarada pelo último como uma tensão entre professores e alunos.

O site apresenta ainda uma coluna com notícias desde 2010. Estas notícias tornam mais claros o contexto, as exigências dos professores, a situação da educação no RN e os “diálogos” entre professores e governo. Alguns dos títulos mais relevantes no ano de 2010, quando o problema começou, são:

**18.02.2010**

**Greve é deflagrada na rede municipal de ensino de Natal**

A decisão foi tomada pela categoria em assembleia realizada na manhã desta quinta-feira (18).

**19.02.2010**

**Greve em Natal: professores explicam motivos da paralisação**

A greve é o instrumento utilizado para denunciar o descaso da prefeitura de Natal com a Educação.

**02.03.2010**

**SINTE-RN realiza assembleia para avaliar greve em Natal**

93% da categoria aderiu à paralisação.

**02.03.2010**

**Assembleia conjunta com professores de Natal e do Estado acontecerá nesta sexta-feira (5)**

O encontro acontecerá nesta sexta-feira (05).

**04.03.2010**

**Confira as propostas apresentadas na audiência do SINTE-RN com o governo do Estado**

Assembleia que decidirá os rumos da paralisação acontece na tarde desta quinta-feira (4).

**05.03.2010**

**Professores da rede estadual decidem manter greve**

Na manhã desta sexta-feira (5) categoria fará protesto na praça Sete de Setembro.

**08.03.2010**

**Prefeitura de Natal tenta desviar atenção da sociedade**

Comparações equivocadas são reflexo da falta de argumentação.

**08.03.2010**

**Estudantes fazem movimentação apoiando reivindicações dos professores**

A atividade será promovida pelo movimento estudantil.

**15.03.2010**

**Greve dos professores do Estado chega ao fim**

Categoria aceitou proposta do governo e aulas retornam retomam nesta segunda-feira (15)

**23.04.2010**

**Professores de Tenente Laurentino Cruz estão em greve**

Prefeito se recusa a dialogar e a cumprir a lei e categoria protesta.

**26.04.2010**

**Professores do interior do Estado entram em greve**

Categoria cobra diálogo com as prefeituras.

**28.09.2010**

**Professores de São Miguel do Gostoso permanecem em greve**

Prefeito faltou à audiência não quer negociar reivindicações dos trabalhadores (SINTE/RN, 2013).

No ano em que a greve começou em Natal a adesão chegou a 93% e alcançou a rede estadual. Mesmo quando decidiram parar a greve, ela permaneceu em algumas cidades e se reiniciou em outras. Fica evidente o apoio da população e dos alunos à greve enquanto que cresce a tensão entre os grevistas e as prefeituras.

Um dos artigos publicados, em 25/02/2011, diz que a causa principal foi o descumprimento de reajuste anual de 15, 29%, após a greve de março de 2010. Outras causas apontadas foram ausência de merenda, más condições dos prédios, assédio moral por parte de gestoras indicadas pelo governo, não pagamento de 1/3 de férias, não reembolso de vale-transporte e até proibição de acesso ao contracheque. Assim estava a situação no ano anterior ao pronunciamento da professora Amanda Gurgel, ano em que começou a greve (ARIMATEA, 2013).

No ano de 2011, ano do pronunciamento da professora Amanda Gurgel, as notícias mais relevantes veiculadas pelo SINTE/RN (2013) foram:

**10.02.2011**

**Assembleia delibera greve a partir de sexta-feira**

Educadores municipais pedem correção salarial de 15,29%

**14.02.2011**

**Educadores da rede municipal deflagram greve por tempo indeterminado**

Proposta feita pela Prefeitura municipal não atende à categoria

**21.02.2011**

**Prefeita não cumpre a Lei mas pede ilegalidade da greve**

Sindicato soube da medida através da imprensa

**12.03.2011**

**Fim da greve não garante volta às aulas**

Sinte faz levantamento e constata: não existe condições para o retorno às aulas

**04.05.2011**

**Secretária de Educação afirma que não negocia em greve**

Para dirigente do Sinte, categoria já teve muita paciência

**05.05.2011**

**Regionais promovem paralisação em todo o Estado**

Adesão à greve atinge 90% em algumas localidades

**06.05.2011**

**Sinte terá audiência com a Casa Civil**

Dirigentes ressaltam diálogo como a principal ferramenta de negociação

**11.05.2011**

**Audiência fortalece luta dos Trabalhadores em Educação**

Para direção do Sinte, Governo instalou conflito

**Governo do Estado diz que não pode atender à categoria**

Para coordenadora, frustração da categoria servirá para consolidar ainda mais a greve no estado

**21.05.2011**

**Estado bate mais um recorde de arrecadação**

Desculpa de falta de dinheiro perdeu completamente o sentido

**27.05.2011**

**Governadora marca audiência com Ministro sobre greve da educação do RN**

Fernando Haddad agendou audiência com Rosalba Ciarlini e a bancada federal, para terça-feira (31)

**31.05.2011**

**Assembleia decide continuar a greve por unanimidade**

Avaliação é de que o movimento está forte, mas precisa ser intensificado com participação ainda maior

**02.06.2011**

**Governo faz primeira proposta para os trabalhadores em educação**

Proposta apresentada é interpretação do Piso Nacional, mas esquece a Revisão do Plano e os Funcionários

**02.07.2011**

**SINTE-RN reage a pedido de ilegalidade da greve da educação**

Diretoria orienta categoria a se manter firme na luta e diz que vai se defender juridicamente e atacar politicamente

**07.07.2011**

**Governo trava conciliação em audiência com Desembargador**

Ação impetrada pelo governo deve ir a Julgamento na próxima quarta-feira

**15.07.2011**

**Greve dos professores já é a maior realizada no Estado**

Mesmo diante da decisão do Tribunal de Justiça que acatou o pedido de ilegalidade da greve, profissionais se mantêm firmes

**18.07.2011**

**Rosalba promove um dos maiores ataques da história, contra a luta educação pública do RN**

Governo e seus aliados se unem para retaliar movimento, com descontos, multas, inquerito administrativo e até demissão

**20.07.2011**

**Terminou a greve da rede estadual da educação**

O motivo principal da suspensão do movimento foi a preocupação com o corte dos salários dos professores.

**05.10.2011**

**Funcionários da Educação Deflagram Greve**

Mobilizações serão realizadas em conjunto com outras categorias

**11.10.2011**

**Funcionários deliberam novas ações para a greve**

Decisões foram tomadas na assembleia dessa segunda-feira (10)

**17.10.2011**

**Funcionários encerram greve**

Sindicato avalia que Rosalba assinou título de inimiga dos servidores públicos

O ano de 2011 foi marcado por conflito intenso entre os professores e o governo. O ano já começou em greve. O governo reagiu pedindo ilegalidade e a justiça decretou a greve como abusiva, mas mesmo assim a greve continuou. A secretária se recusou a negociar e aconteceu a audiência em que Amanda Gurgel se pronunciou. O governo diz não poder atender as solicitações apesar dos recordes em arrecadação. A greve atinge recorde de duração e o governo começa a negociar por um lado e retaliar por outro. A greve é interrompida em função dos cortes de salários e retomada no final do ano em clima de bastante hostilidade com o governo. Todo este clima se faz evidente no discurso da professora Amanda Gurgel, inclusive o atrito diretamente com a secretária.

Notícias divulgadas pela SINTE/RN (2013) já manifestavam o conflito com as propostas do governo que prometia pensar numa forma de implantar aumento e em quando faria isso, enquanto os trabalhadores pediam que ao menos fosse implantado o piso de 890 reais aos dois mil professores que ainda não recebiam nem mesmo isso.

As consequências diretas e indiretas desta movimentação e inclusive do discurso da professora Amanda Gurgel podem ser percebidas nas notícias veiculadas pela SINTE/RN no ano seguinte:

**15.03.2012**

**Greve Nacional movimentando todo o país**

Acompanhe o calendário de atividades em Natal e participe!

**29.03.2012**

**Professores de Natal deflagram greve**

Decisão foi tomada na assembleia desta quinta-feira (29)

**02.04.2012**

**Greve da Educação é destaque na imprensa**

Veículos locais e nacionais têm publicado notícias sobre a greve

**11.04.2012**

**Greve dos educadores municipais de Natal é decretada ilegal**

Apesar da determinação de retorno imediato às escolas, direção do SINTE-RN vai esperar decisão da assembleia.

**25.04.2012**

**Categoria mantém greve e marca nova assembleia**

Trabalhadores também ratificaram os poderes de negociação da diretoria

**22.05.2012**

**Walter Fonseca diz que corte de salário é decisão de governo**

Sindicato recorrerá à Justiça

**06.08.2012**

**CUT repudia decreto do governo que reprime greve**

Não à substituição de servidores federais em greve por servidores estaduais e municipais

**09.10.2012**

**Governo não cumpre acordos e SINTE-RN mobiliza categoria para greve em 2013**

Após sucessivas tentativas de negociação para pôr acordos em prática, o Sindicato planeja organizar paralisação no início do próximo ano

**15.04.2013**

**Greve Nacional da Educação Pública será nos dias 23, 24 e 25 de abril**  
SINTE/RN convoca categoria para participar das atividades

**12.08.2013**

**Educação do estado deflagra greve por tempo indeterminado**

Categoria aprovou o indicativo deliberado na semana passada.

**28.01.2014**

**Categoria da rede estadual deflagra greve em assembleia geral**

Trabalhadores em educação exigem respeito do governo

**28.01.2014**

**Trabalhadores em educação da rede estadual entram em greve por tempo indeterminado**

Governo do estado não cumpriu acordos acertados em 2013 com a categoria

**31.01.2014**

**SINTE/RN exige que governo coloque nos salários o reajuste que tem divulgado na imprensa**

Os cálculos confirmam a falácia do governo, nem levando em conta os reajustes do governo passado chega-se a 91%

**26.02.2014**

**Apesar das ameaças a educação decide pela continuidade da greve**

O motivo principal é o descumprimento do acordo firmado com a categoria

**21.03.2014**

**Greve da educação é encerrada com vitórias históricas**

Em vez de acordo que pode ser rasgado, a categoria sai com direitos devidamente aprovados pela Assembleia Legislativa

**07.05.2014**

**Professores de Natal decidem pela continuidade da greve**

O travamento nas negociações motiva a manutenção do movimento

**20.05.2014**

**Educadores de Natal suspendem greve por 90 dias**

SINTE/RN faz acordo e continuará conversando com a categoria para implantação do terço de hora-atividade

Notícias de 2012 e 2013, veiculadas pela UOL, afirmam que os principais motivos para as greves foram: correção salarial em 22,22% e não a oferecida pelo governo de 10%; falta de concurso para professores com carência de novos 1500 profissionais; 94% das escolas e prédios sucateados; falta de material didático para educação infantil; promoções prometidas que não foram pagas e nem sequer publicadas; e excesso de aluno por sala de aula. Nas mesmas notícias o governo afirma que com o reajuste de 10% já irá pagar R\$ 2.448,60, ou seja, bem acima do valor nacional e que aumentar mais que isso fere a lei de responsabilidade fiscal. Além disso, afirma também já ter contratado mais de 3500 novos professores (MADEIRO, 2012).

Abaixo segue o discurso da professora Amanda Gurgel, transcrito e adaptado a partir do vídeo, já que se trata de um discurso oral:



**Discurso da Professora Amanda Gurgel na  
Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte**

Bom dia a todas e todos, eu, durante cada fala aqui eu pensava em como organizar a minha fala, né. São tantas questões aqui colocadas e angústias, né, do dia a dia de quem está em sala de aula e quem está em escola, eu queria pelo menos conseguir sintetizar minimamente essas angústias. (Câmara focada na mesa dos parlamentares e centraliza na professora no momento em que termina a frase.).

Mas também como as pessoas...é apresentam muitos números (pausa) e sempre colocam que os números são irrefutáveis eu gostaria também de apresentar um número pra iniciar a minha fala. Que é um número composto por 3 algarismos apenas, bem diferente dos outros números que são apresentados aqui com tantos algarismos (apontando com a mão para os parlamentares da assembleia legislativa e dirigindo a eles o olhar com um sorriso irônico) que é o número do meu salário, não é. (neste momento levanta seu contracheque a altura do seu rosto e fala pausadamente). Um nove, um três e um zero... meu salário base, R\$930,00. E ai eu gostaria de fazer uma pergunta a todas e todos que estão aqui (limpa o olho com mão trêmula) sem nível superior com especialização: é...se vocês conseguiriam, mas também só respondam se não ficarem constrangidos obviamente (abre as mãos pra cima e os braços em sinal de dúvida), se vocês conseguiriam sobreviver ou manter o padrão de vidas que vocês mantêm com este salário (fecha a boca e internaliza os lábios em sinal de dificuldade e faz novamente o gesto de dúvida abrindo os braços e as mãos)?... Não conseguiriam. Certamente esse salário, ele não é suficiente pra pagar nem a indumentária, né, que os senhores e as senhoras utilizam pra poder frequentar está casa aqui, não é? (recebe aplausos)

Então assim, minha fala não poderia partir de um ponto diferente desse, porque só quem está em sala de aula (dito com aumento de voz e pausadamente para gerar ênfase), só quem está pegando três ônibus por dia pra poder chegar ao seu local de trabalho, ônibus precário inclusive (olhando para os parlamentares em tom de acusação), é que pode falar com propriedade sobre isso. (gesticula negativamente com a cabeça) Fora isso, qualquer colocação que seja feita aqui (levantando a mão aberta como se fosse bater no púlpito), qualquer consideração que seja feita aqui (rindo olhando para alguém na plateia) é apenas para mascarar uma verdade, que é uma verdade visível a todo mundo, que é o fato de que em nenhum governo, em nenhum momento que nós tivemos no nosso Estado (Rio

Grande do Norte), na nossa cidade, no nosso país a educação foi uma prioridade. (pausa) Em nenhum momento.(aplausos) Certo.

(câmera foca na plateia aplaudindo) Então assim, me preocupa muitíssimo a fala da maioria aqui, inclusive da secretária Betânia Ramalho, com todo respeito, (olhando para a secretária) que é: “não vamos falar da situação precária porque isso todo mundo já sabe”(fala em tom de deboche erguendo as mãos em sinal de desculpa se isentando da responsabilidade imitando secretária). Como assim não vamos falar da situação precária? Gente! Nós estamos banalizando isso daí, estamos aceitando a condição precária da educação como uma fatalidade. Estão me colocando dentro de uma sala de aula com um giz e um quadro pra salvar o Brasil? É isso? (gesticula como se pegasse o giz e roda com a mão como quem diz que resolve tudo com o giz como mágica) Salas de aulas superlotadas com os alunos entrando a cada momento (aplausos) com uma carteira na cabeça, porque não tem carteira nas salas. (pausa) Sou eu a redentora do país?(apontando pra si mesma com os indicadores das duas mãos) Não posso, não tenho condições. Muito menos com o salário que eu recebo!(coloca a mão na cintura) Tá certo.

A secretária disse ainda: “que nós não podemos ser imediatistas, ver apenas a condição imediata, precisamos pensar á longo prazo”, mas a minha necessidade de alimentação é imediata, a minha necessidade de transporte é imediata, a necessidade de Jéssica de ter uma educação de qualidade é imediata. Certo.

Eu gostaria de pedir aos senhores, (se vira para os parlamentares e gesticula com firmeza as mãos abertas) inclusive, que se libertem dessa concepção errônea, extremamente equivocada, isso eu digo com propriedade, porque sou eu que estou lá, (batendo a mão no peito) inclusive além, propriedade maior até que dos grandes estudiosos. Parem de associar qualidade de ensino da educação com o professor dentro da sala de aula, (frase dita em tom mais auto seguida de pausa) parem de associar isso daí. Porque não tem como você ter qualidade em educação com professores três horários dentro de sala de aula, certo. Porque é assim que os professores multiplicam os 930. (pega seu contracheque na mão) 930 de manhã, 930 à tarde e 930 à noite pra poder sobreviver. Não é pra andar com bolsa de marca nem pra usar perfume Francês, certo. É pra ter condição de pagar a alimentação dos seus filhos, é pra poder pagar a prestação de um carro, que muitas vezes eles compram pra poder se locomover mais rapidamente entre uma escola e outra. E eles precisam escolher o dia em que vão

andar de carro porque não tem condição de comprar o combustível. Tá certo. (dito em tom indignado)

A nossa realidade, o cenário da educação no Rio Grande do Norte hoje é esse. E eu não me sinto constrangida em apresentar o meu contra cheque, nem a aluno, nem a professor e nem a nenhum dos senhores aqui. Porque eu penso que o constrangimento deve vir de vocês. (Levanta a mão novamente em sinal de dúvida e lamento, como se não entendesse o que está acontecendo) Sinto muito, eu lamento, mas deveriam todos estar constrangidos, entende.

Então assim, entra governo e sai governo, peço desculpa mais uma vez a você Betânia, mas não tem novidade na sua fala. (olha para a secretária e a câmara foca a mesa dos parlamentares) Sempre o que se solicita da gente é paciência, é tolerância e eu tenho colegas que estão aguardando pacientemente (pronunciada pausadamente) há 15 anos, há 20 anos por uma promoção horizontal. (abre os braços e afina o tom da voz em sinal de indignação) Professores que morrem e não recebem uma promoção.

Então eu quero pedir a secretária, em primeiro lugar, paciência também porque nós não aguentamos mais esse discurso, (olhando para a secretária ) não aguentamos! O que nós queremos é objetividade, como é que é? Queremos sair desse impasse? Queremos, mas como? Sem nenhuma proposta, de mãos abanando. Voltar mais uma vez desmoralizado pra sala de aula pro aluno dizer: “professora a gente ficou aqui sem ter aula e só isso. Vocês receberam vinte reais, trinta reais” e dão risada. (imita o deboche dos alunos até no tom da voz e nos gestos)

Pedimos ainda secretária, respeito pra que a senhora não vá mais a mídia dizer assim: “pedimos flexibilidade” como se nós fossemos os responsáveis pelo caos, que na verdade só se apresenta pra sociedade quando estamos em greve, mas que está lá, todos os dias dentro da sala de aula, dentro da escola e em todos os lugares, certo. (aplausos) Respeito, não se refira a nossa categoria dessa forma, não se refira, nem se refira apenas como se fosse à direção do SINDE que está querendo fazer essa greve, não é não, são 90% da categoria. Noventa por cento da categoria no Estado inteiro, nos interiores e aqui na capital.

Pedimos aos deputados, apoio. Estejam mais presentes, participem ali, vão a nossa assembleia, procurem ouvir os trabalhadores, procurem saber a realidade. Pedir à promotoria que esteja com a fiscalização efetiva, ao ministério público, mas que não seja pra dizer: “professor não pode comer desse cuscuz não porque é um cuscuz alegado”, o cuscuz que a gente come, o cuscuz da merenda.

Porque a promotoria está ali pra dizer que a merenda é do aluno não é do professor, é assim que funciona. (dito em tom indignado e exigente)

Diga-se de passagem, nós não temos recurso para nos alimentar diariamente fora de casa, não temos pra isso. São muitas questões mais complexas, questões muito complexas que poderiam ser colocadas aqui, mas infelizmente o tempo é curto e eu gostaria de solicitar isso em nome dos meus colegas que comem o cuscuz alegado, em nome dos meus colegas que pegam três ônibus pra chegarem ao seu local de trabalho, em nome de Jéssica que está sem assistir aula nesse momento, mas que fica sem assistir aula por muitos outros motivos: por falta de professor, por falta de merenda... É isso que eu quero dizer...(aplausos) (CANTINHO DA WEB, 2013).

Este discurso teve alcance nacional e resultou em muitos outros discursos da própria professora e de outros como resposta. É um discurso inusitado já por ser a voz de uma categoria trabalhista na Assembleia Legislativa e por isso mesmo revela bastante do descaso do governo e da realidade do dia a dia do professor. Como ficará evidente é um discurso formado por vozes anteriores, seja como resposta a elas, seja por evocá-las em seu interior. Sendo assim, o enunciado em análise está dentro da cadeia dialógica de enunciados retomando vozes anteriores e estimulando respostas posteriores.

Metodologicamente esta é uma pesquisa de cunho qualitativo com fundamentação teórica na análise do discurso bakhtiniana e seus expoentes, já que foram estes estudiosos que possibilitaram a percepção de níveis mais abrangentes de análise enunciativa e do uso da língua de forma geral, além de serem estes dos grupos de estudos mais recentes na área.

O site que divulgou o vídeo foi [www.youtube.com](http://www.youtube.com) em 14/05/2011 no endereço completo: <https://www.youtube.com/watch?v=yFkt0O7lceA>. Uma tentativa de transcrição foi feita no site <http://cantinodaweb.com/variedades/discurso-professora-amanda-gurgel-por-escrito/>. Este discurso escrito foi publicado em 31/05/2011. Nesta pesquisa procura-se analisar o discurso transcrito com correções a partir do discurso gravado, inclusive com acréscimo entre parênteses acerca dos gestos e entonação.

O discurso da professora Amanda Gurgel apresenta-se como um texto relevante a ser analisado primeiramente por ser a imagem do professor sendo enunciada na voz do próprio professor. Situação essa relevante já que há muitas vozes que formam imagens alienantes e deturpadas do profissional docente. Em segundo lugar, por ser uma enunciação original quanto à forma de abordar o tema. Diferentemente do que tem acontecido até então, professor se pronuncia pela primeira vez com uma imagem diferente acerca de si mesmo. A própria

proposta do discurso também o torna interessante, pois tinha como propósito responder a uma formação de imagem, como é o cenário da educação em um Estado brasileiro. Por estes motivos e outros característicos do gênero escolhido se torna relevante analisar este enunciado. Além destes aspectos inerentes ao texto, poderiam ser ressaltados ainda a realidade da profissão docente em crise e o clamor por reflexão, mudanças e respostas.

No primeiro momento, será categorizado qual o gênero discursivo utilizado pelo enunciador e os aspectos inerentes ao gênero, ressaltando a sua contribuição na construção de uma imagem de professor. Os elementos típicos de um gênero discursivo que serão levados em consideração por apresentarem características relevantes quanto à formação da imagem docente serão: a) tema; b) cronotopo; c) ideologia; d) forma composicional; e) estilo; f) entonação; g) propósito comunicativo; h) exotopia; e i) dialogismo.

Assim, em primeiro lugar têm-se uma categorização do gênero em questão a partir do seu campo de circulação e uso. Nesta categorização também serão levadas em consideração as características típicas do gênero discursivo para procurar denominá-lo da forma mais coerente possível.

O gênero discursivo é analisado quanto ao tema e em como a abordagem do tema é feita nesse enunciado de modo a confrontar diversas imagens prefiguradas em várias instâncias enunciativas. Então a imagem de professor será retomada em sua trajetória espaço temporal, isto é, enquanto cronotopo construído em um longo período histórico em um espaço determinado. A possibilidade de analisar a evolução do conceito sobre o docente no contexto social e seu percurso histórico perceptível por uma análise cronotópica pode ser fundamental para perceber a construção da imagem docente aqui. Aí então será percebida a construção desta imagem como construção ideológica.

A análise da forma composicional e do estilo pretende perceber de que maneira a escolha deste gênero como forma de expressão pode criar uma imagem original de profissional docente. Pretende-se inclusive observar a influência do suporte em que o enunciado é apresentado e seus efeitos na construção de sentido, no caso, seus efeitos na construção da imagem do professor. A entonação é também analisada como aspecto importante por revelar as peculiaridades na construção desta imagem. Assim como o suporte parece ser o extremo possível da análise da forma composicional, para a entonação a análise da influência que o estilo individual exerce na construção de uma imagem em um enunciado concreto demarca o limiar de análise deste aspecto.

O propósito comunicativo também será uma categoria de análise para revelar como a imagem do profissional docente é desconstruída e construída intencionalmente, como função

do gênero em questão e como propósito da autora. Então a imagem docente será analisada no discurso da professora quando se afasta de si para olhar para si e falar de si em um horizonte social, sob o olhar daqueles que o compõem, este é o aspecto exotópico. O dialogismo nesse enunciado concreto também é analisado já que responde (e é responsável quando responde) a discursos anteriores sobre a imagem do professor (comodismo, grevistas etc). É interessante também perceber a produção de sentido na criação da imagem docente por meio do dialogismo, já que há várias vozes que ecoam na materialidade linguística, os que falaram antes dela, os que co-enunciam com ela, e a voz dela dialogando com ela mesma. Desta forma é evidente a construção da imagem do professor por meio destas múltiplas vozes.

## 2.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO PERCURSO DO PROFESSOR

Para estabelecer a imagem construída, faz-se necessário voltar às primeiras imagens de que se tem registro com relação ao profissional docente. Para traçar estas imagens é necessário recorrer a História. Os primeiros “professores” que foram vistos como tais no Brasil foram os jesuítas.

Novais e Souza (1997) afirmam que os jesuítas ensinavam, desde o início da colonização: latim, leitura e escrita. Não ensinavam filosofia nem outras ciências, pois acreditavam que poderia gerar soberba nos colonos, já que o conhecimento havia corrompido a personagem bíblica Eva. Até 1759 os jesuítas dominaram com seus seminários e escolas de formação para clérigos e leigos. Havia, porém outras instituições como de beneditinos, franciscanos e carmelitas.

Holanda (2011) reforça que os jesuítas criaram e mantiveram o ensino público por dois séculos com catequese e instrução. Acrescenta que as escolas eram também igrejas e casas de moradia para índios convertidos, como o colégio de Piratininga. Esses colégios sustentados pela coroa ofereciam classes de retórica, humanidades e gramática. Posteriormente, para os que optavam pelo sacerdócio era ensinado filosofia com ênfase em lógica, física, metafísica, moral e matemática. Os franciscanos enfatizavam o ensino de artes e teologia, enquanto que os beneditinos e carmelitas ensinavam na língua indígena.

É evidente que a imagem inicial de professor teve como traços a relação direta com a imagem do sacerdote. O professor era o padre que ensinava, acolhia e abrigava. Ele decidia o que ensinar com base em crenças religiosas, enfim, ensinava para formação religiosa. Uma figura de autoridade reconhecida para além do conhecimento humano, alguém que conhecia

até os mistérios da alma, Deus e tudo o que a religião traz consigo. A imagem do sacerdote que domina o conhecimento não é típica da história do Brasil apenas, já que é do conhecimento geral que os sacerdotes egípcios e gregos eram respeitados também por deterem o conhecimento das letras e dos assuntos religiosos.

Novais e Souza (1997) informam que a situação mudou quando o Marques de Pombal tirou o poder dos jesuítas e o Estado passou a assumir a responsabilidade pelas aulas, chamando-as de aulas régias. Porém faltaram professores e materiais, além de os salários serem pagos com atrasos. Na maioria dos casos os pais assumiam as despesas deste ensino público, mas privatizado. A formação do professor deveria ser reconhecida por Coimbra. Havia um preconceito com relação aos pardos e a educação era, ainda assim, prisioneira da orientação religiosa e refratária ao espírito científico europeu da época. A educação era realizada apenas como instrução subordinada à civilidade das aparências pelos indivíduos socialmente privilegiados.

Novais e Souza (1997) mencionam um caso de um professor de latim e de filosofia racional e moral, egresso da universidade de Coimbra, que encarnava esse ideal pedagógico da imitação dos textos clássicos, exagero, retórica e eloquência. Um estilo de professor imitativo, elitista e ornamental que zelava pela perpetuação da ordem patriarcal, colonial.

Nesta época havia tutores de órfãos como professores cuja missão era doutriná-los, ensiná-los a orar, temer e amar a Deus, além de afastar-se do mal e apegar-se ao bem. Quando os filhos eram de pessoas de “menor qualidade” eram entregues a outros da mesma profissão para aprender o ofício em troca de sustento e criação. Era portanto uma escola inacessível aos que apenas subsistiam num período de bandeiras, escravidão, índios, escassez, etc. Era uma escola para uma elite reduzida, uma escola excluída da experiência da maioria e que produzia exclusão social. Aos negros bastava a opção entre serem boçais ou ladinos (aprenderem alguma função). Aos índios só se respondia com práticas e dogmas da igreja. As elites buscavam a instrução de forma bastante irregular e ainda por motivos como prestígio e diferenciação para com os negros e índios (NOVAIS E SOUZA, 1997).

Os religiosos ainda ofereciam um ensino considerado semipúblico, as aulas régias eram públicas, mas de alcance social limitado ao extremo. Números mostram que em 1818 apenas 2,5% da população fazia aulas régias em São Paulo. Em vários casos os pais ensinavam os filhos, ou ainda parentes e capelães assumiam a função. Em alguns casos contratavam mestres, que como o capelão, se deslocavam até a casa grande da fazenda para ensinar a ler, escrever, contar e rezar. Havia também a opção dos mestres de escolas de música, arte, corte e costura, marcenaria, etc. Havia os considerados mestres de risco que

ensinavam a ser cirurgiões, boticários, engenheiros, justamente por exercerem ou terem exercido o ofício. Por fim haviam os autodidatas (NOVAIS E SOUZA, 1997).

Na sociedade colonial, apesar da negligência das autoridades e do desinteresse social, a escola ainda assim era objeto de valorização. Ela se distribuía de forma irregular pelos grupos sociais, concentrada entre os bem situados na ordem social e foi crescendo a partir do século XVIII. Na falta das escolas públicas a instrução aconteceu no espaço privado, por vínculos mais ou menos formais entre mestres e aprendizes, fossem estes de primeiras letras ou de outros níveis, ou ainda de ofícios. A escola servia aos poucos aprendizes como reprodutora da ordem social e da ostentação, valorizando uma civilidade de aparências características das sociedades do Antigo Regime (NOVAIS E SOUZA, 1997).

Os professores, não mais os padres, ensinavam latim, grego e retórica, tudo de forma simplificada, nos moldes europeus. O ensino não poderia ser mais pela língua indígena, mas obrigatoriamente pela língua portuguesa. Todos eram proibidos de usar nas escolas régias os materiais jesuítas. Há registros de processos contra professores que ousaram usar material jesuíta (HOLANDA, 2011).

Há também registros de concursos para professores régios em 1771 para ocupar as 3 salas de grego, 3 de filosofia, 6 de retórica, 15 de gramática e latim e 17 de ler e escrever espalhadas pelo país. Havia um fundo pecuniário para garantir aos professores régios decente honestidade de habitação e independência. Mas na prática os professores eram ambulantes que não recebiam bem. Até 1800 o ensino foi se ampliando e se estabelecendo. Em São Paulo há registro de salário para mestre substituto de filosofia racional e moral a 240 mil réis; professor de retórica que recebia 440 mil réis; de gramática latina que recebia 400 mil réis; e de primeiras letras recebendo 90 mil réis. Em Santos um professor de primeiras letras recebia 120 mil réis e o de gramática 300 mil réis. Em São Sebastião há um registro de um professor de gramática latina recebendo 280 mil réis. Em Mogi das Cruzes para a mesma função a 240 mil réis. Em Curitiba um professor de primeiras letras recebia 80 mil réis (HOLANDA, 2011).

O professor do início da escola régia é um professor elitista e pedante que atende a uma minoria que busca aparência e ostentação. No mais, ele é substituído ainda pela figura religiosa ou pela figura dos outros profissionais experientes no seu próprio ofício e que por isso ensinavam aos interessados. Já é um professor mal pago e que vive em condições ruins de transporte e locação. O salário do professor já no período régio não era bom. Esse é o retrato do professor régio no Brasil.



No século XIX há um caso de um professor pesquisador chamado Vilhena na Bahia de 1872, numa época em que havia de 6 a 7 professores por dez mil habitantes livres. Ele mesmo conta ser um professor de grego, enviado de Lisboa que acabou ganhando a metade do que deveria por falta de alunos. Esse professor conviveu com ricos e pobres, conheceu riqueza intelectual, mas estava mergulhado em miséria material. Cercado por baianos que queriam parecer e aparecer ricos com a opulência dos engenhos e fazendas. Ostentavam genealogias nobres, estruturavam sua sociedade em livres brancos em contraste aos escravos negros. Preocupavam-se não em saber, mas em manter aparências. Viviam numa opulência que gerou desprezo pelo trabalho (NOVAIS e SOUZA, 1997).

Com as imigrações e a revolução liberal de 1848 houve algumas mudanças. Entre os imigrantes luteranos havia círculos de leitura da Bíblia e associações para a manutenção da educação. Formavam sociedades de: escolas, igrejas, fumantes, ginástica, tiro, etc. Entre eles também havia uma relação estreita entre escola e igreja funcionando num mesmo espaço e considerados os seus dois principais pilares sociais. Enquanto que os católicos portugueses não abriam escolas e nem incentivavam a leitura, os luteranos alemães alfabetizavam para lerem a bíblia e isso favorecia o surgimento das escolas entre eles. As escolas aconteciam também nas casas, havia escolas comunitárias e os professores eram colonos criadores de porcos e com roça própria. As escolas católicas de então ainda privilegiavam a educação religiosa e o ensino de gramática, ciências e história do Brasil. Os nobres não imigrantes enviavam seus filhos para a Europa ou os ensinavam em casa a ler, escrever e fazer as 4 operações (NOVAIS E SOUZA, 1997).

Exemplos da educação e retratos do profissional docente desta época ficaram registrados nas crônicas de vários escritores reconhecidos. A obra que talvez melhor desenhou este tema foi “O Ateneu” de Raul Pompéia. Além dele encontramos nas crônicas de Machado de Assis e de Carlos Drummond de Andrade a visão que se tinha do professor na virada de século.

Bakhtin (2013) afirma que toda obra literária é interna, imanentemente sociológica, se encontrando nela forças sociais vivas que se cruzam e em cada elemento de sua forma encontrando avaliações sociais vivas. Assim, cada elemento da estrutura artística apresenta a refração de forças sociais vivas, por determinadas avaliações sociais e sob um determinado ângulo. Por isso mesmo se torna interessante e pertinente recorrer aos registros literários.

Pompéia (2005) nos oferece algumas descrições interessantes da educação e do professor. Logo no início de suas crônicas de saudades seu personagem aparentemente autobiográfico afirma: “Frequentara como externo, durante alguns meses uma escola familiar

do Caminho Novo, onde algumas senhoras inglesas, sob a direção do pai, distribuían educação a infância como melhor lhes parecia.” Este trecho mostra professores estrangeiros que ensinavam num ambiente familiar a alunos externos. Seu ensino não tinha parâmetro e revelava uma estrutura bem precária.

Logo depois há um trecho que diz: “Lecionou-me depois um professor em domicílio.” Outra possibilidade de ensino na época. Ainda assim em ambiente familiar em que o professor é que se desloca para atender ao aprendiz (POMPEIA, 2005).

Um personagem que encarna a função do pedagogo e representa a educação na época do império é o diretor Aristarco. Sobre ele se diz: “O Dr. Aristarco Argolo de Ramos, da conhecida família do Visconde de Ramos, do Norte, enchia o império com o seu renome de pedagogo.” O autor cria o personagem como alguém que fazia conferências, produzia livros elementares para concursos de professores, entre outras atribuições. Ele representa, porém a função do pedagogo diretor na obra e em contrapartida como retrato da época (POMPEIA, 2005).

Uma citação apenas define bem este personagem e com ele a figura que se fazia da educação na época:

Aristarco todo era um anúncio. Os gestos, calmos, soberanos, eram de um rei – o autocrata excelso dos silabários, a pausa hierática do andar deixava sentir o esforço, a cada passo, que ele fazia para levar adiante, de empurrão, o progresso do ensino público; o olhar fulgurante, sob a cristação áspera dos supercílhos de monstro japonês, penetrando de luz as almas circunstantes – era a educação da inteligência; o queixo, severamente escanhado, de orelha a orelha, lembrava a lisura das consciências limpas – era a educação moral. A própria estatura, na imobilidade do gesto (...)teremos esboçado, moralmente, materialmente, o perfil do ilustre diretor (POMPEIA, 2005, p.11,12).

A imagem é de ostentação de um modelo ideal de pedagogo iluminista, positivista que encarna a educação moral e cívica. Em outros trechos esta imagem é desconstruída por outra, mais real, do dia a dia deste diretor e por isso mesmo de todos. Passagens que constroem uma imagem mais realista e negativa de um profissional da educação. Uma das passagens é a que diz: “rapado, de cara chupada, pedagógica, óculos apocalípticos, carapuça negra de borla, fanhoso, onipotente e mau, com uma das mãos pra trás escondendo a palmatória e doutrinando à humanidade o bê-á-bá.” Outra passagem ainda diz: “a figura paternal do educador desmanchava-se, volvendo a simplificar-se na esperteza atenta e seca do gerente” (POMPEIA, 2005, p. 20 e 23).

Quando Pompéia (2005, p.13) se refere aos professores em geral, afirma: “mestres à frente, na investida heroica do obscurantismo, agarrando pelos cabelos, derribando, calcando

aos pés a Ignorância e o Vício, misérrimos trambolhos(...)” O trecho revela uma idealização dos professores que com violência enfrentam o dever de lutar pela educação racional e moral. Como heróis combatentes, são assim representados os professores.

Vale citar um trecho, discurso de um personagem professor que define também o profissional docente:

Venâncio, professor do colégio, a quarenta mil réis por matéria, mas importante, sabendo falar grosso, o timbre de independência, mestiço de bronze, pequenino e tenaz, que haveria de varar carreira mais tarde. O discurso foi o confronto chapa dos torneios medievais com o moderno certame das armas da inteligência; depois, uma preleção pedagógica, tacheada de flores de retórica a martelo; e a apologia da vida de colégio, seguindo-se a exaltação do metre em geral e a exaltação, em particular, de Aristarco e do Ateneu. “O mestre, perorou Venâncio, é o prolongamento do amor paterno, é o complemento da ternura das mães, o guia zeloso dos primeiros passos, na senda escabrosa que vai às conquistas do saber e da moralidade. Experimentando no labutar cotidiano da sagrada profissão, o seu auxílio ampara-nos como a Providência na Terra; escolta-nos assíduo como um anjo da guarda, a sua lição prudente esclarece-nos a jornada inteira do futuro. Devemos ao pai a existência do corpo; o mestre cria-nos o espírito (sorites de sensação), e o espírito é a força que impele, o impulso que triunfa, o triunfo que nobilita, o enobrecimento que glorifica, e a glória é o ideal da vida, o louro do guerreiro, o carvalho do artista, a palma do crente! A família é o amor no lar, o estado é a segurança civil, o mestre, com amor forte que ensina e corrige, prepara-nos para a segurança íntima inapreciável da vontade. Acima de Aristarco – Deus! Deus tão-somente; abaixo de Deus – Aristarco” (POMPEIA, 2005, p.13,14).

A imagem do professor que recebe mal, mas que é importante porque sabe falar bonito, com voz empostada é extremamente irônica e real na época. Como já foi notado pelos registros históricos, a imagem do professor é a de alguém que sabe imitar a oratória clássica, sabe atender a uma aparência nobre, ostentar conhecimento e honra que na verdade são vazios e pouco reais. Outro aspecto que vale ressaltar é a imagem familiar. O professor ensina e acolhe como o pai e a mãe, aliás, melhor que eles. Mas o ambiente familiar, do lar está muito próximo da imagem docente.

Um último trecho que descreve um professor revela mais uma vez essa preocupação em ostentar na aparência uma honra que não é reconhecida na prática:

Diante das fileiras, Bataillard, o professor de ginástica, exultava envergando a altivez do seu sucesso na extremada elegância do talhe, multiplicando por milagroso desdobramento o compêndio inteiro da capacidade profissional, exibida em galeria por uma série infinita de atitudes. A admiração hesitava em decidir-se pela formosura masculina e rija da plástica de músculos a estalar o brim do uniforme, que ele trajava branco como os alunos, ou pela nervosa celeridade dos movimentos(...) dava ordens fortemente, com uma

vibração penetrante de corneta que dominava a distância, e sorria a docilidade mecânica dos rapazes (POMPEIA, 2005, p.16).

Antes de analisar a imagem do professor no início da república vale ainda mencionar um trecho de literatura que também procurou retratar a educação nesta época de império. Há, no romance “Doidinho” de José Lins do Rego, cenas de uma típica escola que recebia como internos aprendizes da zona rural do nordeste açucareiro em decadência financeira. O ambiente também é de professores em família, marido e mulher que ensinavam e cuidavam dos meninos:

D.Emília foi que me disse:  
 - Vou tomar conta de você.  
 E voltando-se para o velho:  
 - Ele passa para a minha classe, Maciel.  
 - Não, fica comigo mesmo. Está muito atrasado. Fica comigo  
 (REGO, 2006, p.34).

Como se lê a esposa e o marido decidiam, enquanto professores, o que fazer com os alunos. E a imagem era a do respeito imposto pela violência:

Ninguém podia trocar palavras. Falava-se aos cochichos, e para tudo lá vinha: é proibido. (...)E aquele homem impiedoso para tomar lições, para ensinar à custa do ferrão o que eu não sabia, o que não quisera aprender com meus professores, os que não me davam porque eu era neto do coronel Zé Paulino (REGO, 2006, p. 35, 36).

Uma imagem de transição se dá no Conto de Escola, de Machado de Assis. Nessa o autor retrata uma escola em 1840. No começo do conto é descrito o professor Policarpo, que lecionava na própria casa e tinha o filho como um dos alunos e era mais rígido com ele que com os demais:

Subi a escada com cautela, para não ser ouvido do mestre, e cheguei a tempo; ele entrou na sala três ou quatro minutos depois. Entrou com o andar manso do costume, em chinelas de cordovão, com a jaqueta de brim lavada e desbotada, calça branca e tesa e grande colarinho caído. Chamava-se Policarpo e tinha perto de cinquenta anos ou mais. Uma vez sentado, extraiu da jaqueta a boceta de rapé e o lenço vermelho, pô-los na gaveta, depois relanceou os olhos pela sala. Os meninos, que se conservaram de pé durante a entrada dele, tornaram a sentar-se. Tudo estava em ordem; começaram os trabalhos (ASSIS, 2008, p.87).

Como nas obras anteriores a ênfase também é dada aqui no professor que mantém sua imagem de autoridade por meio da violência. Além disso, o professor é apresentado como alguém que tem interesse pela política:

Na verdade, o mestre fitava-nos. Como era mais severo para o filho, buscava-o muitas vezes com os olhos, para trazê-lo mais aperreado. Mas nós também éramos finos; metemos o nariz no livro, e continuamos a ler. Afinal cansou e tomou as folhas do dia, três ou quatro, que ele lia devagar, mastigando as ideias e as paixões. Não esqueçam que estávamos então no fim da Regência, e que era grande a agitação pública. Policarpo tinha decerto algum partido, mas nunca pude averiguar este ponto. O pior que ele podia ter para nós, era a palmatória. E essa lá estava, pendurada no portal da janela, à direita, com os seus cinco olhos do diabo. Era só levantar a mão, dependurá-la e brandi-la, com a força do costume, que não era pouca (ASSIS, 2008, p.88).

Sobre a educação na Primeira República, Pinheiro (1997) afirma que houve uma superestimação do processo educacional como se a ignorância fosse a responsável por todas as crises. Acreditava-se que a educação do povo era a base para a organização social e que a disseminação da instrução solucionaria todos os problemas. Aparecem então os educadores profissionais e começa a disputa entre a escola tradicional e a escola nova. Esse escolanovismo procurava deslocar o educando para o centro das reflexões escolares e mudar o relacionamento entre professor e aluno.

Pinheiro (1997) nos informa ainda que a mudança da imagem do professor estava relacionada a uma realidade que não tinha sintonia com o discurso que supervalorizava a educação. O chamado Ministério esdrúxulo, a Secretaria de Estado dos Negócios da Instrução Pública, Correios e Telégrafos, só foi criado para deslocar políticos opositores.

Para mostrar o desprestígio do magistério na época basta mencionar uma declaração de um estudante do magistério entre 1918 e 1922 na capital da República:

Acontece que em 1918 foi o fim da guerra e houve em 1919 aquela grande epidemia de gripe espanhola. Foi quando aconteceu o concurso para a Escola Normal. Naquela época, haviam três escolas superiores tradicionais e únicas. Não havia universidade: era a Escola Politécnica, a grande "Academia de Ciências". Não havia Academia de Ciências propriamente dita. Na Politécnica acontecia tudo em matéria de ciências físicas e matemáticas. Havia a Escola de Medicina e a Escola de Direito. Eram as três grandes tradicionais e eram as três profissões que os rapazes de classe média tinham pra escolher. Abaixo dessas, tinha as três grandes escolas secundárias: o velho colégio Pedro II, tradicional, por onde passaram todas aquelas grandes figuras da República; a Escola Normal; e o Colégio Militar. (...) Aí foi baixando o nível... No primeiro concurso passamos tantos, não fui o mais brilhante, como não fui brilhante na escola. (ri) Depois, o prefeito achou que, por pressão popular, deveria admitir mais gente. Acabaram

admitindo apenas os que tinham o curso completo da escola primária (LEAL & PIMENTEL, 2003, p. 128,129).

A profissão do professor primário estava se tornando predominantemente feminina e os rapazes que faziam o curso da Escola Normal se sentiam então diminuídos. Partiam então para as outras Escolas. É o caso do professor Paschoal Lemme do relato acima citado que por fim acabou entrando para a Escola Politécnica (LEAL & PIMENTEL, 2003).

Havia uma preocupação de formação de professores primários com quatro anos de estudo envolvendo Leitura, Escrita, Língua Pátria, Aritmética, Geografia e História do Brasil, Noções de Ciências Físicas e Naturais, Instrução Moral, Trabalhos Manuais e Ginástica. Já não havia cursos ligados a doutrina cristã. A estes quatro anos se acrescentavam dois com foco em Latim e Francês. Era um tipo de formação relegada a segundo plano e com predominância de mulheres em sua procura: “em 1907, era de 5020 alunos, sendo 786 do sexo masculino (...) em 1928, para 23 808 alunos matriculados, 3401 eram do sexo masculino.” Assim era tida a escola normal como instituição destinada à educação das moças burguesas. Somente em 1917 fundou-se uma escola para preparação de professores, mestres e contramestres para as escolas profissionais, que era a Escola Normal de Artes e Ofícios Wenceslau Braz (PINHEIRO, 1997, p.269).

Neste período, outro aspecto que modificou a imagem do professor foram as descobertas da psicopedagogia que inverteram o papel do professor e do aluno:

O professor que falava para o aluno ouvir; que pensava pelo aluno; que aferia toda a classe pelo mesmo nível intelectual e julgava capaz de acompanhá-lo com o mesmo aproveitamento, há de ser substituído pelo professor que ouve o que o aluno diz; que provoca o seu raciocínio; que o considera como unidade psíquica, sob o ponto de vista intelectual, moral e volitivo (...) Fazer para aprender, mas fazer só, assistido, acompanhado do professor, é o processo da escola nova(...) (PINHEIRO, 1997, p.283,284).

Estabelece-se a imagem do professor apenas intermediário, aquele que vai aproximar e multiplicar as relações do aluno com o meio, criando ou aproveitando circunstâncias problemas para que o aluno organize sua própria mentalidade. O professor deveria então elaborar um processo de ensino sob o ponto de vista de atender aos interesses práticos da criança. Os trabalhos deveriam ser socializados para refletir este trabalho em cooperação e não mais de passividade do aluno (PINHEIRO, 1997).

Uma crônica que retrata esta imagem de professor foi escrita por Carlos Drummond de Andrade, chamada “Na escola”. O trecho abaixo expressa uma fala da professora:

Então, vamos ao assunto. Surgiu um movimento para as professoras poderem usar calça cumprida nas escolas. O governo disse que deixa, a

diretora também, mas no meu caso eu não quero decidir por mim. O que se faz na sala de aula deve ser de acordo com os alunos. Para todos ficarem satisfeitos e um não dizer que não gostou. Assim não tem problema. [...] a discussão esquentou, Dona Amarilis pedia ordem, ordem, assim não é possível, mas os grupos se haviam extremado, falavam todos ao mesmo tempo, ninguém se fazia ouvir, pelo que, com quatro votos a favor de calça comprida, dois contra e um tanto-faz, e antes que fosse decretada por maioria absoluta a abolição do uniforme escolar, a professora achou prudente declarar encerrado o plebiscito, e passou à lição de História do Brasil (ANDRADE, 1980, p.55,57).

O retrato feito já é de um professor democrático, preocupado com o ponto de vista do aluno e que não recorre mais a violência para impor ordem. Além disso, o ambiente escolar já não é mais ambientalizado numa residência, assim a professora está retratada com um aspecto menos maternal.

No Brasil Republicano das décadas de 30 a 60, segundo Pierucci (1997), com o grande aumento de ingressos, que praticamente dobravam a cada década, começou-se a haver uma preocupação com o chamado fracasso escolar da maioria da clientela e com as deficiências do ensino. A responsabilidade era colocada sobre a necessidade de ter mais escolas já que ainda havia um elevado contingente da população sem nenhuma escolaridade por falta de vagas e dificuldade de acesso. Percebiam também que os altos índices de reprovação tinham relação com a evasão. Quanto aos professores havia o despreparo do corpo docente, formado em grande parte de leigos, a escassez de material didático e muitas escolas de professor único para alunos de séries diversas. O professor, neste contexto:

(...) era quase sempre caricaturado como o arauto mais ou menos consciente das necessidades de uma estrutura de dominação, foi sendo transformado, gradualmente, num tipo social diverso, mais complexo, no profissional submetido às duras injunções do empobrecimento relativo, obrigado a lutar pela defesa de seus níveis de remuneração, dividido diante das muitas alternativas teóricas e políticas de encaminhamento de suas reivindicações (PIERUCCI, 1997, p.411).

Ainda sobre a imagem do professor neste período de surgimento da Nova Escola, tem-se a informação sobre um dos fundadores, Paschoal Lemme, que afirma que sua visão missionária sobre ser professor o fez brigar com seu pai para deixar a engenharia pelo magistério. Havia uma representação do “missionarismo” no grupo. Resgata neste período uma imagem tradicional acerca do professor, mas associada a uma imagem nova a do “profissional de esquerda”. Paschoal se identifica como homem de esquerda: “...eu fui sempre de oposição. Não tinha nenhuma relação com a administração central ou mais alta. Eu fui sempre uma pessoa de esquerda.” Fala importante de um professor que era referencia e ícone de um novo modelo de educação que surgia. Assim, ele representa a imagem do professor que

se sacrificaria pela educação como missão, mas em oposição a situação política. Essa imagem do professor que começa a se associar mais com a imagem do operário, com a população de baixa renda (LEAL E PIMENTEL, 2003).

Leal e Pimentel (2003) ressaltam que no período de origem da Nova Escola após os anos 20 os educadores procuravam assumir a posição de profissionais liberais frente aos professores tradicionais católicos. Por isso mesmo defendiam uma escola pública, laica e gratuita. Até a década de 40 acontece esse embate que o Estado procurava intermediar e conciliar. Entre as décadas de 50 e 60 a imagem do professor é definitivamente marcada por Paulo Freire e suas ideias. Ele cria o professor que partia da conversação fundada em palavras geradoras, temas da realidade do aluno, a fim de tomar consciência de sua realidade e transformá-la.

Ferreira Jr e Bittar (2006), afirmam que no período da ditadura, que vai de 1964 a 1985, houve a proletarização da profissão docente, o que trouxe não somente empobrecimento econômico, mas também de status cultural que a profissão tinha até então de colocar o professor entre os demais profissionais liberais. As licenciaturas criadas no regime militar geraram uma formação rápida e pobre. Assim, o perfil do professor do sexo masculino, formado nas elites intelectuais cedeu lugar a uma massa formada as pressas que recebia em média o comparável a 182 dólares.

O arrocho salarial e a tendência tecnicista da educação de então foram aproximando os problemas do professor ao da sua clientela e retiraram do professor o status de profissional liberal. Essa aproximação da realidade industrial operária levou os professores a muitos movimentos grevistas na ditadura em final dos anos 70. O perfil do professor dessa época era formado por aqueles que foram proletarizados de sua origem burguesa como profissional liberal e daqueles que subiram das classes mais pobres por encontrarem na expansão e facilidade da licenciatura uma forma de ascensão econômica. Enquanto que o primeiro grupo se envolve e motiva a manifestações e greves o segundo grupo tende a um conservadorismo e pouco envolvimento nas lutas salariais (FERREIRA JR E BITTAR, 2006).

Na década de 90 o desprestígio já era total e o que Ferreira Jr e Bittar (2006) citam são os casos de abandono da profissão pela impossibilidade de subsistência por meio dela. Há casos de denúncias como no Mato Grosso do Sul em 1995 em que saiam pedidos de exoneração de professores diariamente por baixo salário. Enquanto que na mesma década a procura pela formação docente diminuiu consideravelmente em São Paulo. No Rio de Janeiro havia uma estatística em 1994 que mostrava a desistência de uma média de sete professores por dia.



Na década de 90 surge também a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996). Sobre o professor ela afirma que:

#### TÍTULO VI

##### Dos Profissionais da Educação

Art. 61. Consideram-se profissionais da educação escolar básica os que, nela estando em efetivo exercício e tendo sido formados em cursos reconhecidos, são:

I – professores habilitados em nível médio ou superior para a docência na educação infantil e nos ensinos fundamental e médio;

II – trabalhadores em educação portadores de diploma de pedagogia, com habilitação em administração, planejamento, supervisão, inspeção e orientação educacional, bem como com títulos de mestrado ou doutorado nas mesmas áreas;

III – trabalhadores em educação, portadores de diploma de curso técnico ou superior em área pedagógica ou afim.

Parágrafo único. A formação dos profissionais da educação, de modo a atender às especificidades do exercício de suas atividades, bem como aos objetivos das diferentes etapas e modalidades da educação básica, terá como fundamentos:

I – a presença de sólida formação básica, que propicie o conhecimento dos fundamentos científicos e sociais de suas competências de trabalho;

II – a associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço;

III – o aproveitamento da formação e experiências anteriores, em instituições de ensino e em outras atividades.

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos 5 (cinco) primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade normal.

§ 1º A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios, em regime de colaboração, deverão promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério.

§ 2º A formação continuada e a capacitação dos profissionais de magistério poderão utilizar recursos e tecnologias de educação a distância.

§ 3º A formação inicial de profissionais de magistério dará preferência ao ensino presencial, subsidiariamente fazendo uso de recursos e tecnologias de educação a distância.

§ 4º A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios adotarão mecanismos facilitadores de acesso e permanência em cursos de formação de docentes em nível superior para atuar na educação básica pública.

§ 5º A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios incentivarão a formação de profissionais do magistério para atuar na educação básica pública mediante programa institucional de bolsa de iniciação à docência a estudantes matriculados em cursos de licenciatura, de graduação plena, nas instituições de educação superior.

§ 6º O Ministério da Educação poderá estabelecer nota mínima em exame nacional aplicado aos concluintes do ensino médio como pré-requisito para o ingresso em cursos de graduação para formação de docentes, ouvido o Conselho Nacional de Educação - CNE.

62-A. A formação dos profissionais a que se refere o inciso III do art. 61 far-se-á por meio de cursos de conteúdo técnico-pedagógico, em nível médio ou superior, incluindo habilitações tecnológicas.

Parágrafo único. Garantir-se-á formação continuada para os profissionais a que se refere o caput, no local de trabalho ou em instituições de educação básica e superior, incluindo cursos de educação profissional, cursos superiores de graduação plena ou tecnológicos e de pós-graduação.

Art. 63. Os institutos superiores de educação manterão:

I - cursos formadores de profissionais para a educação básica, inclusive o curso normal superior, destinado à formação de docentes para a educação infantil e para as primeiras séries do ensino fundamental;

II - programas de formação pedagógica para portadores de diplomas de educação superior que queiram se dedicar à educação básica;

III - programas de educação continuada para os profissionais de educação dos diversos níveis.

Art. 64. A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional.

Art. 65. A formação docente, exceto para a educação superior, incluirá prática de ensino de, no mínimo, trezentas horas.

Art. 66. A preparação para o exercício do magistério superior far-se-á em nível de pós-graduação, prioritariamente em programas de mestrado e doutorado.

Parágrafo único. O notório saber, reconhecido por universidade com curso de doutorado em área afim, poderá suprir a exigência de título acadêmico.

Art. 67. Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público:

I - ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos;

II - aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim;

III - piso salarial profissional;

IV - progressão funcional baseada na titulação ou habilitação, e na avaliação do desempenho;

V - período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho;

VI - condições adequadas de trabalho.

§ 1º A experiência docente é pré-requisito para o exercício profissional de quaisquer outras funções de magistério, nos termos das normas de cada sistema de ensino.

§ 2º Para os efeitos do disposto no [§ 5º do art. 40](#) e no [§ 8º do art. 201 da Constituição Federal](#), são consideradas funções de magistério as exercidas por professores e especialistas em educação no desempenho de atividades educativas, quando exercidas em estabelecimento de educação básica em seus diversos níveis e modalidades, incluídas, além do exercício da docência, as de direção de unidade escolar e as de coordenação e assessoramento pedagógico.

§ 3º A União prestará assistência técnica aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios na elaboração de concursos públicos para provimento de cargos dos profissionais da educação.

A lei apresenta, portanto uma imagem do profissional da educação de forma ampla, não somente professores, mas diretores, etc. A lei pretende valorizar o profissional com relação à condição salarial e formação. Muita ênfase é dada às possibilidades de formação e

exigências de qualidade da mesma. Um profissional que pode se qualificar de diversas formas.

Por fim vale a pena citar o Plano Nacional de Educação já que apresenta diagnósticos e expressa expectativas quanto ao professor das últimas décadas. Quanto à educação para crianças de 0-3 anos o documento afirma que:

A maioria dos ambientes não conta com profissionais qualificados, não desenvolve programa educacional, não dispõe de mobiliário, brinquedos e outros materiais pedagógicos adequados. Mas deve-se registrar, também, que existem creches de boa qualidade, com profissionais com formação e experiência no cuidado e educação de crianças, que desenvolvem proposta pedagógica de alta qualidade educacional. Bons materiais pedagógicos e uma respeitável literatura sobre organização e funcionamento das instituições para esse segmento etário vêm sendo produzidos nos últimos anos no país (BRASIL, 2001).

Um texto bastante vago, mas que assume um profissional sem qualificação e sem amparo quanto aos materiais necessários, e isso ainda nas décadas atuais. O professor da pré-escola é melhor descrito:

Das 219 mil funções docentes, 129 mil são municipais; 17 mil, estaduais e 72,8 mil, particulares. Em torno de 13% dos professores possuem apenas o ensino fundamental, completo ou incompleto; 66% são formados em nível médio e 20% já têm o curso superior. De 1987 para 1998 houve aumento do número dos diplomados em nível universitário trabalhando na educação infantil (de 20 para 44 mil), elevando o percentual nessa categoria em relação ao total de professores, o que revela uma progressiva melhoria da qualificação docente. Os com ensino médio completo eram 95 mil em 1987 e em 1998 já chegavam a 146 mil. Esses dados são alvissareiros, considerando-se que nos primeiros anos de vida, dada a maleabilidade da criança às interferências do meio social, especialmente da qualidade das experiências educativas, é fundamental que os profissionais sejam altamente qualificados. Nível de formação acadêmica, no entanto, não significa necessariamente habilidade para educar crianças pequenas (BRASIL, 2001).

A imagem do professor desta faixa etária também continua sendo a de um profissional sem qualificação adequada já que a grande maioria tem somente o fundamental e o médio. A exigência é a de um professor qualificado ainda que não necessariamente por formação acadêmica. Reconhece a necessidade de outras habilidades que, portanto, não são contempladas na formação acadêmica.

Por fim, o PNE estabelece como metas:

A formação dos profissionais da educação infantil merecerá uma atenção especial, dada a relevância de sua atuação como mediadores no processo de desenvolvimento e aprendizagem. A qualificação específica para atuar na faixa de zero a seis anos inclui o conhecimento das bases científicas do desenvolvimento da criança, da produção de aprendizagens e a habilidade de reflexão sobre a prática, de sorte que esta se torne, cada vez mais, fonte de novos conhecimentos e habilidades na educação das crianças. Além da formação acadêmica prévia, requer-se a formação permanente, inserida no trabalho pedagógico, nutrindo-se dele e renovando-o constantemente (BRASIL, 2001).

O professor deve ser então um mediador que sabe como a criança desenvolve conhecimentos, deve ser um observador e alguém em constante qualificação.

Quanto ao diagnóstico do professor do ensino fundamental e médio não constam dados significativos já que o foco é dado em outros problemas. Somente em capítulo referente ao magistério é afirmado que:

A melhoria da qualidade do ensino, que é um dos objetivos centrais do Plano Nacional de Educação, somente poderá ser alcançada se for promovida, ao mesmo tempo, a valorização do magistério. Sem esta, ficam baldados quaisquer esforços para alcançar as metas estabelecidas em cada um dos níveis e modalidades do ensino. Essa valorização só pode ser obtida por meio de uma política global de magistério, a qual implica, simultaneamente,

- . a formação profissional inicial;
- . as condições de trabalho, salário e carreira;
- . a formação continuada.

A simultaneidade dessas três condições, mais do que uma conclusão lógica, é uma lição extraída da prática. Esforços dos sistemas de ensino e, especificamente, das instituições formadoras em qualificar e formar professores têm se tornado pouco eficazes para produzir a melhoria da qualidade do ensino por meio de formação inicial porque muitos professores se deparam com uma realidade muitas vezes desanimadora. Ano após ano, grande número de professores abandona o magistério devido aos baixos salários e às condições de trabalho nas escolas. Formar mais e melhor os profissionais do magistério é apenas uma parte da tarefa. É preciso criar condições que mantenham o entusiasmo inicial, a dedicação e a confiança nos resultados do trabalho pedagógico. É preciso que os professores possam vislumbrar perspectivas de crescimento profissional e de continuidade de seu processo de formação. Se, de um lado, há que se repensar a própria formação, em vista dos desafios presentes e das novas exigências no campo da educação, que exige profissionais cada vez mais qualificados e permanentemente atualizados, desde a educação infantil até a educação superior (e isso não é uma questão meramente técnica de oferta de maior número de cursos de formação inicial e de cursos de qualificação em serviço) por outro lado é fundamental manter na rede de ensino e com perspectivas de aperfeiçoamento constante os bons profissionais do magistério. Salário digno e carreira de magistério entram, aqui, como componentes essenciais. Avaliação de desempenho também tem importância, nesse contexto (BRASIL, 2001).

Ao reconhecer o profissional do magistério como alguém desmotivado por suas condições de trabalho, baixos salários e pouca qualificação o Plano se propõe a sanar as deficiências e assim apresenta números que também colaboram na formação desta imagem docente recente:

Para a *educação infantil*: 29.458 professores que atuam na pré-escola precisam fazer o curso de nível médio, modalidade normal, para atingirem a qualificação mínima permitida. Quanto aos da creche, não há dados. Um levantamento urgente se faz necessário, para dimensionar a demanda e definir a estratégia e os recursos requeridos.

(...)São 13.166 professores que possuem formação apenas de ensino fundamental e que deverão cursar pelo menos o ensino médio, modalidade normal.

Para as *4 primeiras séries do ensino fundamental*: 94.976 precisam obter diploma de nível médio, modalidade normal. Considerando o grande aumento do número de matrículas nesse nível de ensino, entre 1996 e 1999, é de supor que a quantidade de professores nessa situação seja bem maior, principalmente se houve admissões sem a qualificação mínima exigida.

Para as *4 últimas séries do ensino fundamental*: 159.883 carecem de formação de nível superior, com licenciatura plena.

Para o *ensino médio*: 44.486 necessitam de formação superior. Chega-se ao número de 58.000, em 1997, calculando-se a partir dos dados disponíveis sobre o percentual dos que atuam nesse nível com curso superior (BRASIL, 2001).

Um grande número de professores sem a qualificação mínima é o quadro formado pela educação das últimas décadas.

### 3. ANALISE DO DISCURSO POLÊMICO DE AMANDA GURGEL

#### 3.1 O Gênero discursivo e suas características na formação da imagem

A professora fez uso de um gênero discursivo para se expressar. Como já foi dito sobre o gênero discursivo “cada campo de utilização de língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados”. A professora utiliza um tipo específico de enunciado adequado ao lugar, situação e propósito (BAKHTIN, 2011, p.262).

Para analisar este gênero discursivo em questão é necessário primeiramente nomeá-lo e quando se pensa na nomenclatura dos gêneros, Marcuschi (2008) diz que damos nomes aos gêneros usando um dos seguintes critérios: forma estrutural; propósito comunicativo; conteúdo; meios de transmissão; papéis de interlocutores; contexto situacional. No geral os gêneros estão bem fixados e não oferecem problemas na sua identificação.

Veja-se então o gênero em questão. Sua veiculação na internet como vídeo (NATAL, 2011) foi chamada de “depoimento”, enquanto que a pessoa que lhe autoriza a falar na filmagem diz que lhe passou a “palavra” apenas. Ela se refere a seu texto no vídeo como “fala”. Em um site em que seu texto foi transcrito ele é chamado de “Discurso”(CANTINHO DA WEB, 2013). Em entrevista realizada pelo apresentador Faustão, este se referiu ao texto da professora também como “Discurso”(BUSTOS, 2011).

A palavra “depoimento” é definida pelo dicionário Aurélio (2010) como:

s.m. Ato de depor em juízo, pelo qual uma pessoa, denominada testemunha, faz suas declarações perante a autoridade que a convocou ex officio ou em atenção a pedido deferido por ela. &151; O depoimento, na técnica jurídica, é o meio de prova. A testemunha, ou depoente, alude, em seu depoimento, aos fatos trazidos ao conhecimento do julgador da causa, e assim se insere como elemento fundamental do processo em andamento.

O termo depoimento é definido como gênero típico do ambiente jurídico. Claro que também é chamado de depoimento algo mais próximo do relato pessoal. Mas de toda forma o texto analisado nesta pesquisa não se relaciona com um depoimento jurídico e nem mesmo com um depoimento parecido com relato pessoal.

Os outros dois termos “palavra” e “fala” são termos abrangentes que não configuram gêneros discursivos, mas que se tornam sinônimos de alguns deles como definido pelo dicionário Aurélio (2010):

Significado de Palavra: s.f. Vocábulo provido de significação. / Faculdade natural de falar. / Oração, discurso; pregação, doutrina. // Arte da palavra, a retórica, a literatura. // Dom da palavra, a eloquência. // De palavra, que cumpre o que promete: pessoa de palavra. // Só ter uma palavra, ater-se ao compromisso. // Medir (ou pesar) as palavras, tomar cuidado no que diz. // Dar palavra a, permitir (o presidente de uma assembléia) que alguém fale. // Pedir a palavra, solicitar permissão para falar, ou o direito de falar. // Direito de palavra, direito reconhecido a qualquer membro de corpo deliberativo de pedir e obter a palavra, nas condições previstas pelo regimento interno. / &151; S.f.pl. Promessas vagas, discursos vãos (por opos. a ações, obras). (V. VOCÁBULO.)

Significado de Fala: s.f. Ato ou faculdade de falar. / Alocução, discurso. / Voz, palavra, frase. / Expressão, comunicação, significado. / Modo de falar, tom, estilo. / Idioma, dialeto, jargão. / Teatro Trecho de diálogo ou monólogo, dito de uma vez pelo mesmo ator. / Linguística Atualização, peculiar a cada pessoa, da capacidade geral da linguagem. (Opõe-se à noção de língua.)

Observa-se que os dois termos são sinônimos de “discurso” que é o termo usado para se referir ao texto da professora quando transcrito ou mesmo quando falado. O termo “discurso” é encontrado no dicionário Aurélio (2010) como:

Significado de Discurso: s.m. Exposição de idéias, proferida em público, feita de improviso ou antecipadamente escrita com esse propósito; oração, fala. // Discurso direto, repetição textual das palavras de um interlocutor, ou de uma personagem narrativa. // Discurso indireto, reprodução das idéias expressas na fala de um interlocutor, de uma personagem de narrativa, reprodução esta que se faz em oração subordinada a um verbo que signifique "dizer", "perguntar", "responder" e introduzida por conjunção integrante ou por pronome interrogativo.

A primeira definição apresentada para o termo “discurso” está de acordo com a realidade do texto analisado nesta pesquisa. Levando em conta que o texto é proferido em uma audiência pública, perante deputados, na câmara, poderia ser considerado parte do gênero audiência pública. Seria um enunciado concreto polêmico, pois representa uma fala em audiência, um discurso polêmico que argumenta contra a fala dos políticos na condição de oprimido consciente e inconformado.

O problema de nomenclatura deste gênero discursivo é resolvido desta forma como um enunciado concreto pertencente ao gênero audiência pública. Evita-se chamar este enunciado concreto de discurso eliminando a possível confusão com outros significados desse termo. A primeira confusão poderia se dar com relação aos tipos de discurso: direto, indireto e indireto livre. Estes discursos são maneiras de utilizar a linguagem de forma a assumir uma fala ou se referir à fala de outrem. Não se referem a um gênero discursivo usado em uma situação específica. Diversos gêneros podem fazer uso dos três tipos de discurso.

Outra confusão pode aparecer quando “discurso” significa “fala” ou “palavra”, como já foi mencionado antes. Neste caso o vocábulo “discurso” tem o significado abrangente de qualquer enunciação. Quando se leva em conta este significado não é especificado um gênero, mas todo enunciado independente do gênero. Neste sentido o enunciado concreto analisado é um discurso polêmico não como gênero “Discurso Polêmico”, mas como tipo, característica do discurso, que poderia ser político, de protesto, polêmico, etc. Bakhtin (2013) afirma que o discurso polêmico aberto está orientado para o discurso refutável do outro. Isto é claramente perceptível neste corpus como se verá adiante.

O gênero discursivo Audiência Pública pode ser considerado um gênero secundário por ser mais complexo e pertencer a um convívio cultural bastante desenvolvido e organizado. O enunciado analisado é portanto situado no contexto da política e em sua relação com o funcionário público.

Gomes (2001) concebe o gênero Audiência Pública como situado no meio político-jurídico, estabelecendo diálogo democrático em que todos tem direito a fala, obedecendo a regras específicas de tempo, espaço e linguagem. Esse é um gênero que permite fala institucionalizada e dialógica, produzida em interação face-a-face, expressando-se publicamente entre um número determinado de pessoas, com um certo grau de monitoramento, sobre um assunto em questão.

Segundo Charaudeau (2006), o discurso típico usado por grupos de militantes geralmente apoiam reivindicações contra as medidas governamentais quanto aos interesses dos assalariados ou de outras categorias de trabalhadores. Estes discursos dos militantes tradicionalmente eram assumidos por sindicatos que estudavam a situação e decidiam os discursos a serem sustentados.

Esclarecidos os possíveis equívocos, o gênero discursivo em questão é o gênero Audiência Pública. Uma vez que o gênero foi nomeado é importante observar as características do enunciado concreto, comuns ao gênero a que o enunciado concreto pertence, e como estas características constroem a imagem do professor no texto analisado.

### **3.2 Tema, Cronotopia e Ideologia**

Os aspectos relevantes de um gênero discursivo são vários: tema, forma composicional, propósito comunicativo, estilo, tom valorativo entre outros. Analisar estes aspectos no corpus pode ajudar na percepção de como a imagem de professor é construída,



assim como a definir melhor o gênero. Neste momento serão analisados três aspectos afins que são o tema, a cronotopia e a ideologia.

### 3.2.1 Tema

Segundo Bakhtin/Volochínov (1986, p. 128,129) tema pode ser definido da seguinte maneira:

O tema da enunciação é determinado não só pelas formas linguísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entoações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação. Se perdermos de vista os elementos da situação, estaremos tão pouco aptos a compreender a enunciação (...) o tema da enunciação é concreto (...) como o instante histórico ao qual ele pertence. Somente a enunciação tomada em toda a sua amplitude concreta, como fenômeno histórico, possui um tema. Isso é o que se entende por tema da enunciação.

O tema, ou conteúdo temático do discurso deve ser algo de interesse coletivo, já que o discurso é sempre proferido para um número plural de interlocutores. A legenda que inicia a filmagem do discurso diz “Audiência Pública sobre o cenário da educação no RN”. Esta legenda, além de deixar claro que o discurso é feito em audiência pública, informa que o tema é o cenário da educação no Rio Grande do Norte. Os temas dos discursos proferidos em câmara dos deputados precisam se referir à vida pública, interesses públicos, políticos como, por exemplo, o cenário da educação. A palavra “cenário” incentiva o discurso a desenhar uma imagem, uma descrição local, e, de certa forma, é o que acontece.

O tema do discurso é influenciado pelo enunciador que fala na condição de professor. Trata-se de uma professora discursando sobre a educação em seu Estado. O discurso, por ser enunciado pela professora, não assume a temática do discurso político sobre educação, mas a temática de polemizar sobre educação. De acordo com a forma como o tema aparece podemos situar o enunciado concreto analisado como parte do gênero discursivo Audiência Pública.

Este discurso polêmico, enunciado por uma professora, retrata a educação no Estado do Rio Grande do Norte. Assim, de sua situação discursiva, enquanto professora, o tema é construído a partir da imagem do professor. A educação é retratada a partir do cotidiano do professor, sua realidade. A situação da educação é primeiramente criticada quanto ao salário recebido pelo professor, inferior aos dos parlamentares que a ouviam. Nesta situação o tema do cenário da educação é retratado como lugar de precariedade para ao menos vestir o profissional. “Certamente esse salário, ele não é suficiente pra pagar nem a indumentária que os senhores e as senhoras utilizam pra frequentar esta casa aqui, não é?”

Durante todo o discurso o tema é retratado de forma objetiva e realista, procurando tornar visível a vida do professor, leva o interlocutor a imaginar o professor em suas atividades diárias. Além da crítica a situação da educação, quanto aos salários precários, é feita a crítica sobre a logística de transporte do professor: “só quem está pegando três ônibus por dia pra chegar ao seu local de trabalho, ônibus precário inclusive, é que pode falar com propriedade”. A imagem construída é a do professor pegando vários ônibus e ainda por cima ônibus precários.

Como enunciado polêmico é feita uma denúncia explícita de que “em nenhum governo, em nenhum momento que nós tivemos no nosso Estado, na nossa cidade, no nosso país a educação foi uma prioridade.” O cenário é retratado como um descaso da parte dos líderes políticos.

O tema do cenário precário da educação no RN apresenta questões a ele relacionados como salário baixo, transporte ruim, descaso com a educação e também a hipocrisia ao colocar o professor como salvador:

Estão me colocando dentro de uma sala de aula com um giz e um quadro pra salvar o Brasil? É isso? Salas de aulas superlotadas com os alunos entrando a cada momento com uma carteira na cabeça, porque não tem carteira nas salas. Sou eu a redentora do país? Não posso, não tenho condições.

Neste momento o tema é abordado como questionamento à fala dos representantes políticos. Um discurso político que não deve ser aceito. Torna-se então um discurso polêmico como resposta ao discurso político:

A secretária disse ainda: “que nós não podemos ser imediatistas, ver apenas a condição imediata, precisamos pensar a longo prazo”, mas a minha necessidade de alimentação é imediata, a minha necessidade de transporte é imediata, a necessidade de Jéssica de ter uma educação de qualidade é imediata.

Outro aspecto secundário que aparece é a realidade do professor que precisa trabalhar três turnos. Este subtema aparece ligado ao subtema do salário baixo “não tem como você ter qualidade em educação com professores três horários dentro de sala de aula. Porque é assim que os professores multiplicam os 930”. Outro aspecto que se relaciona com o anterior é o da compra do carro para dar conta dos turnos já que a situação do transporte coletivo é precária: “um carro, que muitas vezes eles compram pra poder se locomover mais rapidamente entre uma escola e outra.”

O discurso assume mais claramente ser polêmico quando evoca o discurso político para combatê-lo. O discurso político acusa os professores de impaciência e inflexibilidade, mas a professora responde mostrando, dentro do tema do cenário da educação naquele estado que o professor é paciente e flexível demais:

Entra governo e sai governo, peço desculpa mais uma vez a você Betânia, mas não tem novidade na sua fala. Sempre o que se solicita da gente é paciência, é tolerância e eu tenho colegas que estão aguardando pacientemente há 15 anos, há 20 anos por uma promoção horizontal. Professores que morrem e não recebem uma promoção. Então eu quero pedir a secretária, em primeiro lugar, paciência também porque nós não aguentamos mais esse discurso, não aguentamos!  
 [...]Pedimos ainda secretária, respeito pra que a senhora não vá mais a mídia dizer assim: “pedimos flexibilidade” como se nós fossemos os responsáveis pelo caos, que na verdade só se apresenta pra sociedade quando estamos em greve, mas que está lá, todos os dias dentro da sala de aula, dentro da escola e em todos os lugares. Respeito, não se refira a nossa categoria dessa forma, não se refira, nem se refira apenas como se fosse à direção do SINDE que está querendo fazer essa greve, não é não, são 90% da categoria.

O tema do cenário da educação no Rio Grande do Norte toma ares de comédia quando vem à tona a relação professor-aluno. O aluno é a figura que denuncia, que torna evidente, o fato de todos perceberem a situação caótica gerada pela indiferença do governo: “professora, a gente ficou aqui sem ter aula e só isso. Vocês receberam vinte reais, trinta reais, e dão risada.”

O discurso polêmico trata do tema ressaltando a responsabilidade do governo quanto à mudança neste cenário educacional com uma liderança presente e justa.

O discurso da professora termina mostrando que a abrangência do tema não permitia que este fosse abordado exaustivamente, mas que as questões relacionadas a ele foram parcialmente levantadas como demonstrado acima.

A explanação do tema é feita aqui de maneira a gerar uma visualização da realidade do professor. As questões relacionadas ao tema do cenário educacional criam então um cenário caótico sobre a vida de um profissional mal pago, mal vestido, prejudicado pela logística de transporte, mal alimentado, zombado pelos alunos, acusado injustamente pelo governo e em quem é depositada uma esperança heroica frustrante e irreal.

Tanto o realce do cotidiano do professor como o contraste com a imagem formada pelo discurso político é que marcam o tratamento dado ao tema. Pelo discurso político o professor é tratado como imediatista, impaciente, baderneiro e insatisfeito injustamente. Mas o discurso polêmico que responde a este discurso trata do tema docente descrevendo um professor paciente, esgotado, exigente, insatisfeito com a injustiça praticada contra ele.

É, portanto, formada uma imagem docente pelo tema do gênero polêmico em questão nos moldes já apresentados. Porém, é necessário levar em consideração aspectos inerentes ao tema do enunciado concreto que estão em seu contexto de produção. O tema da educação no Rio Grande do Norte pode ser ampliado para a imagem do profissional docente a partir da sua realidade enquanto professor em crise.

O tema, não é apenas o assunto ou uma palavra isolada e nem mesmo parte do enunciado. O enunciado inteiro como atuação discursiva é um tema. Claro que para perceber o tema é importante analisar o conjunto dos significados dos elementos verbais da obra e os elementos semânticos da língua, a materialidade linguística. Mas o tema advém do enunciado completo enquanto ato sócio-histórico determinado e, por isso, é inseparável da situação da enunciação e dos elementos linguísticos (MEDVIÉDEV, 2012).

Até aqui se percebe que o enunciado pronunciado como um todo cria uma imagem de profissional docente, mas seria incompleta a percepção do tema sem levar em consideração que há um contexto, uma situação de onde o enunciado emerge. Já estavam os professores em seu segundo ano de greve. Desde o início os professores foram tratados e pintados pelo governo como injustos, atores de uma greve abusiva, mentirosos e incoerentes. Enquanto o governo se concentrava em passar este tipo de informação os professores se reuniam e se pronunciavam a comunidade e ao governo como enganados por promessas não cumpridas do governo, por situação precária que dificultava aos profissionais exercer e acusando o governo de divulgar falsas informações.

Fica claro pelo contexto que já havia toda uma tensão entre os envolvidos no enunciado concreto em questão. O discurso de Amanda Gurgel dá formato e torna evidente esta tensão, este embate de vozes e revela o tema da crise de identidade profissional docente como algo gerado pela situação da educação como um todo. É uma identidade em crise pela ação do outro, pela voz alienante do outro. O governo como voz que constrói uma imagem de profissional docente ambicioso e inimigo da ordem pública. Mas o tema é realmente formado neste enunciado concreto como resposta a estas vozes e a estas imagens, pela voz e olhar do próprio professor que está vivendo esta precariedade e injustiça. A voz deste professor procura desconstruir esta falsa imagem e desnudar as falas do governo, apresentando uma nova imagem de profissional docente que por estar ciente de sua situação precária enfrenta a voz alienante em busca de solução, de uma reconstrução de imagem profissional.

### 3.2.2 Cronotopia

Bakhtin (2011) apresenta a importância da relação espaço-temporal na análise do discurso. Demonstra que situar no lugar e no tempo a obra, personagens entre outros fatores da estética literária era determinante e fundamental para a pesquisa. Observando as obras de Goethe mostra a possibilidade de análise do tempo e do espaço numa unidade indissolúvel, tempo histórico condensado no espaço. Enredos e personagens informam e humanizam paisagens como um vestígio falante do movimento da história.

Fiorin (2006) comenta o mesmo conceito de cronotopia associando-o ao cinema que possibilita este diálogo entre imagem e ação. Vê cronotopia como uma determinada visão de homem situada no tempo, assim como também o cenário histórico, o lugar/tempo da ação do herói.

Situar um discurso, seu tema, seu herói de maneira espaço-temporal é uma possibilidade pertinente de análise. Já no início desta pesquisa o discurso analisado foi situado em relação a acontecimentos locais que com ele dialogam e que o geraram. Além disso, foi realizada uma observação sobre a imagem do professor, em um percurso histórico. Agora se realiza a análise cronotópica, isto é, perceber como a imagem construída no discurso proferido pela professora Amanda Gurgel tem relação com as imagens construídas anteriormente.

Enfim, a imagem do profissional docente é marcada em primeiro lugar pela imagem do sacerdote. O professor colonial era o padre que não só ensinava como abrigava. Um currículo marcado pela formação religiosa e decidido arbitrariamente pelo padre. Este tipo de concepção se faz presente no discurso da professora Amanda Gurgel quando diz que não é a salvadora ou redentora do país. Há um resgate nestes termos da imagem religiosa que se faz do professor que se sacrifica para a salvação sobrenatural da nação.

Quanto à imagem do professor da escola régia, um professor elitista e pedante que atende a uma minoria em busca de ostentação superficial, a pesquisa mostra que já era mal pago e que experimentava condições ruins de transporte e locação, além do salário ruim. Essa imagem docente está presente em todo o discurso da professora Amanda Gurgel. As dificuldades vividas pelos professores com os quais ela se identifica ainda apontam a mesma imagem de profissionais com baixos salários em péssimas condições de transporte. A imagem permanece, pois a realidade dos dois problemas citados permanece apesar da distância do tempo.

Outro aspecto cronotópico da imagem do professor régio é ser pedante, ostentar um conhecimento que não condiz com sua precariedade de vida. Isso também é percebido no

discurso de Amanda Gurgel quando revela a ridicularização da imagem do professor realizada pela secretaria. A imagem formada pelo discurso de um professor que reclama sem necessidade e que reclama para desfrutar de luxo é radicalmente oposta a revelada pela professora Amanda Gurgel. Outra forma em que esta imagem do profissional que fala bem, mas que não vive bem no discurso da professora Amanda está presente também no discurso dela como um todo, pronunciado com habilidade pela professora que revela neste mesmo hábil discurso sua condição precária de vida.

A imagem do professor da república revela o esvaziamento da figura de autoridade paternal, ou maternal. O professor se transforma em mediador e que não pode mais usar de violência para impor ordem. O corpus analisado nesta pesquisa mostra um professor que é ridicularizado pelos alunos. Os alunos zombam do professor por este não conseguir mudar sua realidade por meio das greves. O profissional desacreditado até por crianças e adolescentes.

A imagem gerada pela Nova Escola do professor esquerdista, que protesta, que luta pelo pobre, que luta por sua categoria também é evidente na fala de Amanda Gurgel. Seu discurso é o de um profissional sindicalista que defende a situação precária em que trabalham os de sua categoria. É o discurso daquele que se inclui na condição de explorado, porém consciente e inconformado com tal situação.

Acrescentada a estas imagens está a do professor proletarizado pela ditadura. Amanda Gurgel cita a presença de grande maioria de professores num movimento grevista. O discurso polêmico de protesto da professora é bastante marcado com o discurso sindical que denuncia a realidade de uma categoria e exige mudanças. A identificação do professor com o operário é muito forte quanto a sua precariedade de condições de vida. O ambiente de trabalho opressor, baixas condições salariais, transporte coletivo, extensão da jornada de trabalho em três turnos, entre outros fatores.

O professor esvaziado de prestígio que prefere abandonar a docência aparece no discurso de Amanda Gurgel como a do profissional já esgotado com o descaso do governo e que morre esperando uma mudança, uma promoção.

Já a LDB e o PNE nos oferecem uma imagem do professor desqualificado, sem recursos e com baixo salário, inclusive com plano de carreira a se formar. Estes fatos são também encontrados no discurso de Amanda Gurgel quando já começa trazendo a tona a realidade do seu baixo salário. Seu discurso combate inclusive a abstração ideal presente na voz do governo, que é baseada nas leis e planos que também apresentam metas futuras e imagens ideais da profissão docente.

O discurso analisado apresenta, portanto, forte presença de toda a história da imagem da profissão docente. O acúmulo das diversas imagens que o professor foi adquirindo com o tempo no Brasil se faz presente de diversas formas no discurso da professora. São imagens resgatadas por historiadores, escritores e até mesmo por políticos e que agora encontram forma no discurso aqui analisado, que por sua vez revela esta antiga e recente imagem na voz do próprio professor dos dias atuais.

### **3.2.3 Ideologia**

Sobre ideologia, assim afirma Bakhtin/Volochínov (1986, p.33):

No domínio dos signos, isto é, na esfera ideológica, existem diferenças profundas, pois este domínio é, ao mesmo tempo, o da representação, do símbolo religioso, da fórmula científica e da forma jurídica, etc. Cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social. É seu caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral.

A palavra ideologia não é compreendida por Bakhtin (2011) como ocultamento da realidade social, ou como não percepção da existência das contradições. Diferente desta concepção, para o filósofo Bakhtin há uma ideologia oficial, estável, em diálogo com uma ideologia do cotidiano, instável. Assim ideologia é vista como um conjunto de reflexos e das interpretações da realidade social e natural no cérebro humano e expresso por meio de palavras ou signos. Os signos por sua vez são físico-materiais e sócio históricos. Ideologia é então a expressão, organização, regulação destas relações sócio históricas. Neste contexto o signo verbal adquire novos sentidos por acentos ideológicos com tendências situadas. A palavra adquire valores sociais.

Segundo Bakhtin/Volochínov (1986) tudo o que é ideológico é um signo por fazer parte da realidade, mas também por refletir e refratar uma realidade que lhe é exterior. Os signos estão sujeitos a critérios de avaliação ideológica. E mais do que reflexo, são uma sombra da realidade e fragmento material dessa realidade. A própria consciência só existe quando se impregna de conteúdo ideológico no processo de interação social. Assim, seu lugar é o material social de signos criados pelo homem organizado em sociedade. A palavra é o meio de comunicação entre estes homens organizados, e é por isso o fenômeno ideológico por

excelência. A palavra pode preencher qualquer espécie de função ideológica. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas e efêmeras das mudanças sociais nesse movimento de signo determinado pela realidade e que reflete e refrata esta realidade em transformação.

Importante ressaltar também que o ser é refletido e refratado no signo pelo confronto de interesses sociais na mesma comunidade semiótica, uma luta de classes. No signo ideológico confrontam-se índices de valor contraditórios. Classes sociais diferentes que se utilizam da mesma língua. O signo como lugar-arena onde se dá a luta de classes. E é justamente este entrecruzamento de valores que faz do signo vivo e móvel. A classe dominante procura fazer do signo ideológico algo intangível, acima das diferenças de classe, camuflando a luta de valor e tentando tornar o signo monovalente. Há um esforço por estabilizar o estágio confortável valorizando um lado de valor do signo ideológico. Esse é o caráter refratário e deformador do signo ideológico nos limites da ideologia dominante (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1986).

Os estratos ideológicos abordados por Bakhtin passam pelo inferior da ideologia do cotidiano, onde ainda não há modelagem ideológica clara; pelo superior da ideologia do cotidiano, onde aparecem as primeiras mudanças de infra-estrutura em organizações sociais determinadas; pela ideologia oficial, já no sistema ideológico especializado e formalizado. A ideologia do cotidiano luta constantemente com a ideologia oficial, geralmente apossado pela classe dominante (MIOTELLO, 2006).

O autor pode representar a ideia do outro e manter simultaneamente distância ou proximidade, afirmando e fundindo ou não a ideologia do outro com a sua própria de autor. Outra compreensão importante é que a ideia só está viva quando contrai relações dialógicas essenciais com as ideias dos outros e assim pode formar-se, desenvolver-se, encontrar e renovar sua expressão verbal gerando novas ideias. Como afirma Bakhtin: “O pensamento humano só se torna(...)ideia, sob as condições de um contato vivo(...) materializado na voz dos outros(...) desse contato entre vozes-consciências que nasce e vive a ideia” (BAKHTIN, 2013, p.98)

A luta ideológica presente no discurso da professora sobre o professor aparece pela tensão evidente na construção desta imagem por parte da ideologia dominante e por parte da ideologia do cotidiano do professor. Observam-se aspectos desta luta ideológica no discurso desde o começo:

Bom dia a todas e todos, eu, durante cada fala aqui eu pensava em como organizar a minha fala, né. São tantas questões aqui colocadas e angústias,



né, do dia a dia de quem está em sala de aula e quem está em escola, eu queria pelo menos conseguir sintetizar minimamente essas angústias. (Câmara focada na mesa dos parlamentares e centraliza na professora no momento em que termina a frase.)

A enunciadora se posiciona como a voz do cotidiano do professor. A posição ocupada já é a do trabalhador angustiado logo no início. Sua proposta é sintetizar angústias. O valor que dá ao seu discurso é o de analisar e resumir experiências angustiantes frente a uma outra fala, várias outras falas anteriores.

Mas também como as pessoas...é apresentam muitos números (pausa) e sempre colocam que os números são irrefutáveis eu gostaria também de apresentar um número pra iniciar a minha fala. Que é um número composto por 3 algarismos apenas, bem diferente dos outros números que são apresentados aqui com tantos algarismos (apontando com a mão para os parlamentares da assembleia legislativa e dirigindo a eles o olhar com um sorriso irônico) que é o número do meu salário, não é. (neste momento levanta seu contracheque a altura do seu rosto e fala pausadamente). Um nove, um três e um zero... meu salário base, R\$930,00. E aí eu gostaria de fazer uma pergunta a todas e todos que estão aqui (limpa o olho com mão trêmula) sem nível superior com especialização: é...se vocês conseguiriam, mas também só respondam se não ficarem constrangidos obviamente (abre as mãos pra cima e os braços em sinal de dúvida), se vocês conseguiriam sobreviver ou manter o padrão de vidas que vocês mantêm com este salário (fecha a boca e internaliza os lábios em sinal de dificuldade e faz novamente o gesto de dúvida abrindo os braços e as mãos)?... Não conseguiriam. Certamente esse salário, ele não é suficiente pra pagar nem a indumentária, né, que os senhores e as senhoras utilizam pra poder frequentar está casa aqui, não é? (recebe aplausos)

Sua primeira luta acontece contra os parlamentares. Há uma ideologia oficial estabelecida pela classe dominante com relação ao salário. Os parlamentares precisam se vestir bem e por isso recebem bem. Sua fala surge de uma imitação do discurso oficial acadêmico, como uma tentativa de aproximação e legitimidade do mundo e contexto da ideologia oficial dominante: apresentação de argumentos por números. O questionamento feito aos parlamentares comparando os salários estabelece uma luta clara de interesses socioeconômicos. A ideologia dominante dos parlamentares defende bons salários para si, mas não para os demais funcionários públicos. Salário para eles tem um significado muito diferente daquele que tem para os professores e isso é ressaltado nos “zeros” a mais que sempre estão presentes nos discursos oficiais.

Então assim, minha fala não poderia partir de um ponto diferente desse, porque só quem está em sala de aula (dito com aumento de voz e pausadamente para gerar ênfase), só quem está pegando três ônibus por dia pra poder chegar ao seu local de trabalho, ônibus precário inclusive (olhando

para os parlamentares em tom de acusação), é que pode falar com propriedade sobre isso. (gesticula negativamente com a cabeça) Fora isso, qualquer colocação que seja feita aqui (levantando a mão aberta como se fosse bater no púlpito), qualquer consideração que seja feita aqui (rindo olhando para alguém na plateia) é apenas para mascarar uma verdade, que é uma verdade visível a todo mundo, que é o fato de que em nenhum governo, em nenhum momento que nós tivemos no nosso Estado (Rio Grande do Norte), na nossa cidade, no nosso país a educação foi uma prioridade. (pausa) Em nenhum momento.(aplausos) Certo.

Nesse momento a enunciativa provoca uma inversão de valores. Ela coloca o discurso ideológico do cotidiano acima da autoridade do discurso da ideologia oficial da classe dominante. Exalta a experiência do professor como critério de autoridade sobre o assunto, que é a sua própria imagem e realidade, em detrimento da intenção mascaradora, e por isso mentirosa, do discurso autoritário dominante. Aqui fica evidente a percepção de que o discurso da ideologia oficial da classe dominante é deformador.

(câmera foca na plateia aplaudindo) Então assim, me preocupa muitíssimo a fala da maioria aqui, inclusive da secretária Betânia Ramalho, com todo respeito, (olhando para a secretária) que é: “não vamos falar da situação precária porque isso todo mundo já sabe”(fala em tom de deboche erguendo as mãos em sinal de desculpa se isentando da responsabilidade imitando secretária). Como assim não vamos falar da situação precária? Gente! Nós estamos banalizando isso daí, estamos aceitando a condição precária da educação como uma fatalidade. Estão me colocando dentro de uma sala de aula com um giz e um quadro pra salvar o Brasil? É isso? (gesticula como se pegasse o giz e roda com a mão como quem diz que resolve tudo com o giz como mágica) Salas de aulas superlotadas com os alunos entrando a cada momento (aplausos) com uma carteira na cabeça, porque não tem carteira nas salas. (pausa) Sou eu a redentora do país?(apontando pra si mesma com os indicadores das duas mãos) Não posso, não tenho condições. Muito menos com o salário que eu recebo!(coloca a mão na cintura) Tá certo.

Sua luta acontece agora contra a fala da secretária. Uma fala que expressa claramente a intenção de abafar a tensão ideológica presente no tema. O discurso autoritário afirma que não é necessário falar sobre a precariedade, pois ela já é conhecida, tudo o que se poderia falar sobre ela já foi dito, o assunto foi esgotado, não há mais significados dos que os já dados. Esta tentativa de abafamento por parte do discurso oficial revela o desconforto com as significações conflitantes sobre a precariedade. Tocar nestes significados gera a luta, os questionamentos, provoca reflexão e mudanças, o que não é desejado pela ideologia oficial. Mais uma vez a ideologia do cotidiano apresenta fatos da precariedade, justamente trazendo ela a tona em denúncias explícitas e específicas.

Nesse trecho aparece também uma luta contra um discurso oficial implícito que é o do professor como redentor e herói. As duas imagens são típicas da ideologia oficial estabelecida

e formalizada principalmente pela religião. São imagens positivas e exaltadas pelo discurso oficial, mas atribuídas a personagens do cotidiano para manipulação e mascaramento.

A secretária disse ainda: “que nós não podemos ser imediatistas, ver apenas a condição imediata, precisamos pensar á longo prazo”, mas a minha necessidade de alimentação é imediata, a minha necessidade de transporte é imediata, a necessidade de Jéssica de ter uma educação de qualidade é imediata. Certo.

Mais uma vez o discurso da secretária revela este intuito amenizador e procrastinador da ideologia oficial da classe dominante que procura evitar as mudanças. Ao sugerir que pense a longo prazo, na verdade, está se sugerindo que a reflexão seja adiada. A resposta do discurso que representa a ideologia do cotidiano, mais uma vez, é apresentar as verdades e realidades do cotidiano mesmo.

Eu gostaria de pedir aos senhores, (se vira para os parlamentares e gesticula com firmeza as mãos abertas) inclusive, que se libertem dessa concepção errônea, extremamente equivocada, isso eu digo com propriedade, porque sou eu que estou lá, (batendo a mão no peito) inclusive além, propriedade maior até que dos grandes estudiosos. Parem de associar qualidade de ensino da educação com o professor dentro da sala de aula, (frase dita em tom mais auto seguida de pausa) parem de associar isso daí. Porque não tem como você ter qualidade em educação com professores três horários dentro de sala de aula, certo. Porque é assim que os professores multiplicam os 930. (pega seu contracheque na mão) 930 de manhã, 930 à tarde e 930 à noite pra poder sobreviver. Não é pra andar com bolsa de marca nem pra usar perfume Francês, certo. É pra ter condição de pagar a alimentação dos seus filhos, é pra poder pagar a prestação de um carro, que muitas vezes eles compram pra poder se locomover mais rapidamente entre uma escola e outra. E eles precisam escolher o dia em que vão andar de carro porque não tem condição de comprar o combustível. Tá certo. (dito em tom indignado)

O discurso dos parlamentares é retomado de forma indireta na ideia de que o professor em sala de aula é solução. Como da primeira vez, a resposta à ideologia oficial dos parlamentares se dá por aproximação com o mundo acadêmico, os professores são os especialistas. Além disso, novamente contrapõe os bens de consumo da classe dominante a ausência destes entre os professores. A bolsa e o perfume substituem o argumento inicial do salário e mostram que ao contrário das preocupações luxuosas da classe dominante o professor mal pode usar o veículo, e ainda se tiver um. Associada a esta questão se ressalta a realidade exaustiva do trabalho em três turnos do professor como causa de problema escolar e não como solução. O mesmo assunto, a mesma sugestão é apresentada pela ideologia oficial como solução e pela ideologia do cotidiano como fonte de problemas.

A nossa realidade, o cenário da educação no Rio Grande do Norte hoje é esse. E eu não me sinto constrangida em apresentar o meu contra cheque, nem a aluno, nem a professor e nem a nenhum dos senhores aqui. Porque eu penso que o constrangimento deve vir de vocês. (Levanta a mão novamente em sinal de dúvida e lamento, como se não entendesse o que está acontecendo) Sinto muito, eu lamento, mas deveriam todos estar constrangidos, entende.

O constrangimento pelo baixo salário é colocado também de forma invertida. Não é o professor que deve estar constrangido em recebê-lo, mas a classe dominante em pagá-lo tão mal. A construção da ideologia oficial de atrelar bom salário a prestígio social que os diferencia dos demais é jogado contra eles como fator de constrangimento que denuncia avareza e insensibilidade.

Então assim, entra governo e sai governo, peço desculpa mais uma vez a você Betânia, mas não tem novidade na sua fala. (olha para a secretária e a câmara foca a mesa dos parlamentares) Sempre o que se solicita da gente é paciência, é tolerância e eu tenho colegas que estão aguardando pacientemente (pronunciada pausadamente) há 15 anos, há 20 anos por uma promoção horizontal. (abre os braços e afina o tom da voz em sinal de indignação) Professores que morrem e não recebem uma promoção.

O discurso procrastinador da ideologia oficial dominante é desmascarado ao extremo quando colocado ao lado da realidade cotidiana da eterna espera dos professores por uma mudança. A paciência que dura até a morte é a que o discurso da classe dominante pede. A realidade experimentada pelo professor revela o quão indiferente e estagnado é o comportamento e o discurso da classe dominante.

Então eu quero pedir a secretária, em primeiro lugar, paciência também porque nós não aguentamos mais esse discurso, (olhando para a secretária) não aguentamos! O que nós queremos é objetividade, como é que é? Queremos sair desse impasse? Queremos, mas como? Sem nenhuma proposta, de mãos abanando. Voltar mais uma vez desmoralizado pra sala de aula pro aluno dizer: “professora a gente ficou aqui sem ter aula e só isso. Vocês receberam vinte reais, trinta reais” e dão risada. (imita o deboche dos alunos até no tom da voz e nos gestos)

O discurso é devolvido à secretária. Claro que ao fazer isso o discurso ganha outra carga ideológica, primeiro por ser emitido de outra posição, situação e interlocutor e segundo por ser uma resposta. Na voz do professor, aquele que representa a ideologia do cotidiano em mudança e construção o pedido de paciência vira um desabafo, uma declaração de que o professor não terá mais paciência. Por ser uma réplica adquire caráter afrontador, devolvendo

a ordem, não se submetendo ao discurso paralisante e conformador da classe dominante. Neste trecho também é notória a instabilidade, a busca por respostas que ainda não estão construídas, discursos ainda a construir. As perguntas revelam este tom da ideologia do cotidiano e isso tanto na voz da professora como na voz dos alunos hipotéticos. As vozes do cotidiano pedem uma mudança e ridicularizam as vozes dominantes pelo discurso estéril, que não gera soluções.

Pedimos ainda secretária, respeito pra que a senhora não vá mais a mídia dizer assim: “pedimos flexibilidade” como se nós fossemos os responsáveis pelo caos, que na verdade só se apresenta pra sociedade quando estamos em greve, mas que está lá, todos os dias dentro da sala de aula, dentro da escola e em todos os lugares, certo. (aplausos) Respeito, não se refira a nossa categoria dessa forma, não se refira, nem se refira apenas como se fosse à direção do SINDE que está querendo fazer essa greve, não é não, são 90% da categoria. Noventa por cento da categoria no Estado inteiro, nos interiores e aqui na capital.

O discurso dominante pede flexibilidade responsabilizando o professor pelo caos provocado pela greve. Transferir a responsabilidade das mudanças para aqueles que não têm o real poder de autorizá-las e efetivamente torná-las reais é uma maneira de manter a ordem vigente. A resposta mais uma vez revela a luta entre ideologias dentro do mesmo assunto desmascarando a ideologia oficial. Desta vez a responsabilidade pelo caos é indiretamente atribuída aos parlamentares como algo para além da greve, algo presente todos os dias na realidade precária do professor. Em seguida é ressaltada a realidade de que o professor faz tudo o que pode para mudar em participação quase unânime. Frente ao argumento de que justamente os representantes da ideologia do cotidiano provocam o caos com seu desejo de mudanças está a resposta de que o caos é provocado justamente por se evitarem as adaptações necessárias.

Pedimos aos deputados, apoio. Estejam mais presentes, participem ali, vão a nossa assembleia, procurem ouvir os trabalhadores, procurem saber a realidade. Pedir à promotoria que esteja com a fiscalização efetiva, ao ministério público, mas que não seja pra dizer: “professor não pode comer desse cuscuz não porque é um cuscuz alegado”, o cuscuz que a gente come, o cuscuz da merenda. Porque a promotoria está ali pra dizer que a merenda é do aluno não é do professor, é assim que funciona. (dito em tom indignado e exigente)

Diga-se de passagem, nós não temos recurso para nos alimentar diariamente fora de casa, não temos pra isso. São muitas questões mais complexas, questões muito complexas que poderiam ser colocadas aqui, mas infelizmente o tempo é curto e eu gostaria de solicitar isso em nome dos meus colegas que comem o cuscuz alegado, em nome dos meus colegas que pegam três ônibus pra chegarem ao seu local de trabalho, em nome de

Jéssica que está sem assistir aula nesse momento, mas que fica sem assistir aula por muitos outros motivos: por falta de professor, por falta de merenda... É isso que eu quero dizer...(aplausos)

A última situação de confronto entre ideologias aparece na fala da fiscalização da merenda proibindo os professores de se alimentarem na escola. A ordem revela a postura autoritária e insensível que exclui a participação do professor, demarcando um dever, impedindo um direito. A resposta revela a realidade vivida no cotidiano do professor que, portanto deve até passar fome como profissional. Ao ressaltar esta fala e situação a professora pede mudanças no discurso e no comportamento daqueles que representam a ideologia oficial para que estabeleçam mais contato e assim possam compreender e ajudar aqueles que vivem e representam a ideologia do cotidiano. Ela pede a continuação do diálogo para desengessar a ideologia oficial e atender aos anseios de mudança da ideologia do cotidiano.

### **3.3 Forma composicional, Estilo e Entonação**

Neste momento será analisado o discurso polêmico e sua forma composicional, estilo e entonação na formação da imagem docente. Há, portanto, o estilo do gênero discursivo (forma composicional) e o estilo individual do enunciador. A forma composicional está profundamente relacionada ao campo de atividade humana em que circula o gênero discursivo. Os traços típicos do gênero, sua estrutura, suas características inerentes e relativamente estáveis estão atreladas ao campo já referido, ao tema e ao propósito comunicativo (BAKHTIN, 2011).

Todo estilo está indissolúvelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso. (...) Na imensa maioria dos gêneros discursivos (exceto nos artísticos literários), o estilo individual não faz parte do plano do enunciado, não serve como um objetivo seu mas é, por assim dizer, um epifenômeno do enunciado, seu produto complementar (BAKHTIN, 2011, p.266).

### 3.3.1 Forma composicional

No discurso polêmico proferido pela professora Amanda Gurgel torna-se relevante perceber como sua forma composicional também colabora para a criação da imagem do professor.

A primeira consideração a ser feita é que o discurso analisado não foi veiculado primeiramente em forma escrita, mas oral. O discurso foi pronunciado em audiência pública e filmado. Posteriormente foi transcrito e veiculado pela internet. Apesar de oral e aparentemente sem base em um texto escrito. O discurso é complexo e fruto de uma cultura e contexto desenvolvido e organizado. Em nenhum momento o enunciador lê o que diz, mas apenas diz com o olhar fixo no público. O discurso não foi nem mesmo decorado já que em vários pontos faz referências a enunciados proferidos minutos antes. Não é, portanto, definitivamente um texto produzido anteriormente por escrito. Fica claro que se trata enfim de um enunciado oral. Ainda mais quando o enunciador diz “durante cada fala aqui eu pensava em como organizar a minha fala”.

Como já foi ressaltado anteriormente, o conteúdo temático é o cenário da educação no Rio Grande do Norte. O tema foi abordado a partir da situação caótica do professor, o profissional da educação. O enunciador é um professor que recebe a palavra em audiência pública. O campo de atividade do discurso polêmico é a relação insatisfatória com o poder dominante. É o ambiente daqueles que dependem de ações do governo ou daqueles que mantêm relações de direitos e deveres com o Estado. Sendo assim, sua forma composicional é justificada pelo dinamismo em que se dá este relacionamento.

O discurso polêmico é primeiramente oral por ser enunciado em Audiência Pública. Como enunciado oral, sua forma composicional está relacionada ao tom da voz, gesticulação, retomadas de assunto, repetições, etc. No caso do gênero em questão, a sua estrutura respeita a situação admitindo o uso da norma padrão mesmo sendo um enunciado oral. Busca inclusive justificar a forma como aborda o tema imitando uma forma de argumentação respeitada, independentemente de ser apresentada por escrito ou falada, que são os números: “Como as pessoas apresentam muitos números e sempre colocam que os números são irrefutáveis eu gostaria também de apresentar um número pra iniciar a minha fala.”

O tom da voz indica indignação e por isso a voz mantém uma altura e firmeza expressiva. A gesticulação apoia a fala com movimentação firme das mãos. Ele é pronunciado de pé, frente aos interlocutores que simpatizam ou não com a temática, como um desafio de confrontar os poderosos e encorajar os injustiçados. Esse enunciado polêmico é organizado

retratando uma situação injusta ou indesejável contrapondo ao que seria a situação justa e preferível. Um recurso interessante do discurso é a forma irônica de se dirigir ao interlocutor ou lhe fazer perguntas cujas respostas são óbvias, como quando a professora pergunta comparando seu salário com o dos interlocutores. O discurso polêmico em Audiência Pública provoca e afronta.

Sua forma composicional admite ainda a fala das autoridades ou descrever ações dos governantes para denunciá-las e combatê-las. O enunciado concreto compartilha com o gênero audiência pública a possibilidade de ser um discurso em nome de outros. Assim o enunciador retoma na íntegra fala dos seus opositores para desmenti-las e se defender, como em:

Então me preocupa muitíssimo a fala da maioria aqui, inclusive da secretária Betânia Ramalho, com todo respeito, que é: “não vamos falar da situação precária porque isso todo mundo já sabe”. Como assim não vamos falar da situação precária. Gente! Nós estamos banalizando isso daí, estamos aceitando a condição precária da educação como uma fatalidade.

Na verdade, o enunciado polêmico analisado não apresenta uma estrutura tão padronizada ainda que não seja um enunciado artístico e literário. Parecem ter em comum a denúncia da situação vigente e a expressão do desejo da mudança em nome de todos os descontentes. Por ter que ser dirigido a um locutor superior em poder, status e hierarquia social se organiza como um gênero que se impõe pela alta voz, pela firmeza e consistência de suas denúncias e ainda pela sobriedade de suas exigências.

Segundo Fávero (1999), um gênero textual pode ter sua forma composicional categorizada. No caso do gênero em questão poderíamos dizer que se trata de uma situação discursiva formal em evento de fala pré-estabelecido. O tema do evento também está previamente estabelecido, assim como o objetivo, como já foi demonstrado. Houve certo grau de preparo quanto ao tema em geral, mas o gênero não exige dos enunciados que o compõem preparo prévio minucioso. Envolve participantes típicos, no caso o professor como enunciador e os representantes do poder como interlocutores. A relação entre os participantes é de conflito e de formalidade. O canal utilizado é o pronunciamento face a face, de um púlpito em pé para uma plateia sentada.

Por se tratar de um gênero predominantemente formado de enunciados orais, é comum a repetição de palavras e a retomada da fala do outro. O turno não acontece como em um diálogo livre, mas com direito a fala por tempo determinado sem interrupção do interlocutor. Como parte de um gênero discursivo oral este texto apresenta ainda em sua forma



composicional a possibilidade do redirecionamento a partir das reações imediatas dos interlocutores, como as respostas à fala da secretária que surgiram certamente durante o discurso. Há, porém, na forma composicional oral, a questão da impossibilidade de consulta a outros textos, a não ser de memória ou previamente separados para tal pelo enunciador, além da impossibilidade de apagamento (FAVERO, 1999).

Rocco (2003) também informa sobre aspectos do enunciado oral ressaltando que tal enunciado é espontâneo, usa menos tempo e se apresenta mais fragmentado. Algumas características também são o uso frequente de sequências justapostas e a necessidade de apoio situacional. Geralmente é realizado face a face e apresenta elementos extralinguísticos e suprasegmentais como entonação, gestos, expressões faciais, elementos que por sua vez suprem os conectivos ausentes. Mesmo no caso dos telespectadores há, para o indivíduo que assiste na tela, a ilusão de ser receptor único e pessoal da mensagem individualizada, mesmo que na verdade seja parte de uma massa sem formato preciso.

No corpus analisado percebe-se que de fato a enunciação é elaborada no momento da fala, o que demonstra esta espontaneidade. Além disso, a disposição de pouco tempo faz com que o discurso seja objetivo e conciso. Há um evidente apoio situacional na fala da secretária. O enunciado é também pronunciado frente aos parlamentares, apesar de também, como vídeo, ser pronunciado frente a todos os telespectadores. A utilização dos gestos, expressões faciais e entonação também se tornam bastante relevantes.

Como discurso polêmico parece compartilhar a preocupação com assumir certa identidade discursiva militante, feita de paixão em função de suas declarações, de suas sentenças decisivas a favor ou contra ideias ou pessoas, julgamentos acerca das ações do outro que detêm poder. Todas essas características revelam um discurso que acredita que “dizer é fazer”, construindo uma imagem de combativo num imaginário de virilidade (nós combatemos) ou de fecundidade (combatemos por nossos filhos). (CHARAUDEAU, 2006, p.272).

Quando se trata de um enunciado oral de estilo argumentativo, a argumentação procura convencer, persuadir pelas repetições, pelo ritmo imposto aos segmentos, pela dinâmica do próprio processo dialógico sem esquecer os já citados aspectos extralinguísticos e suprasegmentais já citados (ROCCO, 2003 apud TANNAI, 1982).

Os traços gerais e comuns em discursos polêmicos presentes em audiência pública parecem ser os apresentados acima. O que excede os traços apresentados começa a revelar estilos individuais dos enunciadores de cada discurso polêmico.

A contribuição do gênero discursivo em que o enunciado foi pronunciado para a formação da imagem do professor está profundamente relacionada ao tema. O professor descreve o cenário de sua profissão. Quando faz esta descrição em formato de discurso polêmico ressalta em diversos momentos essa imagem caótica da educação, e nela a insatisfação do professor e o seu desejo de mudanças. O professor não se cala, ele responde. Responde retomando as vozes que o tentaram calar e desconstruindo estas vozes. Fazendo frente às vozes do interlocutor, o enunciado, este discurso polêmico, apresenta imagens, fatos do cotidiano difícil do profissional da educação com a posição corporal, tom de voz e organização oral que o cenário merece. O professor responde e responde indignado, questionador.

Além dos termos já levantados, o suporte aparece como elemento importante em um gênero por ser um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. Ele é imprescindível para que o gênero circule na sociedade e deve ter alguma influência na natureza do gênero suportado. É feito para mostrar e fixar gêneros específicos (MARCUSCHI, 2008).

Segundo Pietroforte (2004), em vários textos o plano de expressão interfere no sentido produzido. Quando isso acontece, uma forma de expressão é articulada com uma forma de conteúdo, uma relação que é chamada de semi-simbólica. O fato de este discurso ter sido veiculado por meio de um vídeo pode interferir em sua significação.

A forma composicional contribui, portanto na formação da imagem docente neste enunciado em primeiro lugar quanto a figura do enunciador. As características composicionais do enunciado ressaltam uma professora enunciativa como o tipo de professor descrito, oprimido, mas não calado; em situações precárias, mas consciente e exigindo mudanças. A pessoa do enunciador concentra, portanto características importantes neste caso enquanto se concentra na forma composicional formando um típico enunciador do discurso polêmico de audiência pública, o professor que questiona.

Em segundo lugar as características típicas do formato do discurso polêmico em audiência pública ressaltam um docente que sabe falar, que sabe perceber e responder as imagens alienantes que fazem de sua profissão e do cotidiano dela.

Acerca da influência do suporte nesta significação, é preferível limitar-se ao que até aqui foi analisado, já que a semiótica geraria um amplo estudo que desvirtuaria o foco de análise deste trabalho. A gravação deste discurso polêmico contribui na percepção que é possível de fazer a respeito do contexto da fala e de como este contexto influencia na forma composicional da audiência pública e de seus discursos polêmicos, além de possibilitar

perceber a postura, voz e gesticulação que são questões relevantes quando levamos em consideração o estilo e a entonação do gênero discursivo.

### 3.3.2 Estilo

Como afirma Bakhtin (2011),

Em diferentes gêneros podem revelar-se diferentes camadas e aspectos de uma personalidade individual, o estilo individual pode encontrar-se em diversas relações de reciprocidade com a língua nacional. A própria questão da língua nacional na linguagem individual é, em seus fundamentos, o problema do enunciado (porque só nele, no enunciado, a língua nacional se materializa na forma individual). A própria definição de estilo em geral e de estilo individual em particular exige um estudo mais profundo tanto da natureza do enunciado quanto da diversidade de gêneros discursivos.(p.266).

Estilo parece levar em consideração tanto a forma composicional do gênero discursivo como também o estilo individual do enunciado. Como já foi observado o estilo enquanto forma composicional do gênero discursivo audiência pública, veja-se agora o estilo individual do enunciado em questão.

Partindo do que já foi percebido, o enunciado polêmico da audiência pública permite uma liberdade de formato tanto por estar profundamente dependente e marcado pelo contexto em que é produzido quanto ao tema, como também por apresentar uma forma oral e por isso mesmo não planejada previamente em sua totalidade.

Além das marcas que seriam típicas do gênero temos uma ironia bastante acentuada e uma descrição objetiva de um cenário como resposta a um discurso político abstrato e alienante. O recurso à ironia e ao ridículo são estratégias para quebrar a argumentação do outro. É um recurso cuja aceitação por parte dos interlocutores depende de uma posição privilegiada do enunciador (PERELMAN, 1987). Um exemplo dessa ironia está presente em:

Não é pra andar com bolsa de marca nem pra usar perfume Francês, certo. É pra ter condição de pagar a alimentação dos seus filhos, é pra poder pagar a prestação de um carro, que muitas vezes eles compram pra poder se locomover mais rapidamente entre uma escola e outra. E eles precisam escolher o dia em que vão andar de carro porque não tem condição de comprar o combustível. Tá certo. (dito em tom indignado)

As perguntas que recebem respostas bastante objetivas levando o interlocutor, por um processo persuasório a aderir às ideias do enunciador e levando-o a dar respostas internamente que não são próprias desse interlocutor. Estas respostas induzidas pela habilidade de

questionamento da enunciadora é um recurso estilístico e argumentativo presente neste discurso (PERELMAN, 1987).

Veja-se este exemplo:

E ai eu gostaria de fazer uma pergunta a todas e todos que estão aqui (limpa o olho com mão trêmula) sem nível superior com especialização: é...se vocês conseguiriam, mas também só respondam se não ficarem constrangidos obviamente (abre as mãos pra cima e os braços em sinal de dúvida), se vocês conseguiriam sobreviver ou manter o padrão de vidas que vocês mantém com este salário (fecha a boca e internaliza os lábios em sinal de dificuldade e faz novamente o gesto de dúvida abrindo os braços e as mãos)?... Não conseguiriam. Certamente esse salário, ele não é suficiente pra pagar nem a indumentária, né, que os senhores e as senhoras utilizam pra poder frequentar está casa aqui, não é? (recebe aplausos)

É preciso levar em consideração o que diz Faïta (1997), quando afirma que o enunciado possui estilo individual, por ser um ato de um indivíduo assim como por refletir quem fala ou escreve. Assim, além de relacionar traços característicos de outros enunciados formulados na mesma esfera de uso da linguagem, ele também apresenta um nível suplementar de seleção estilística representando uma relação própria com a língua.

O enunciado analisado apresenta este estilo individual primeiramente no uso da primeira pessoa quanto aos pronomes e verbos por eles conjugados. Este uso revela um enunciador que assume o discurso. Exemplificam esta característica estilística os trechos:

Bom dia a todas e todos, eu, durante cada fala aqui eu pensava em como organizar a minha fala.  
 ...eu gostaria também de apresentar um número pra iniciar a minha fala. Que é um número composto por 3 algarismos apenas, bem diferente dos outros números que são apresentados aqui com tantos algarismos que é o número do meu salário.  
 Então assim minha fala não poderia partir de um ponto diferente desse.

Outra marca que reflete o enunciador, aquele que fala, é a identificação do cotidiano do professor com sua experiência pessoal enquanto docente:

(...) porque só quem está em sala de aula, só quem está pegando três ônibus por dia pra chegar ao seu local de trabalho, ônibus precário inclusive, é que pode falar com propriedade sobre isso.  
 Estão me colocando dentro de uma sala de aula com um giz e um quadro pra salvar o Brasil? É isso? Salas de aulas super lotadas com os alunos entrando a cada momento com uma carteira na cabeça, porque não tem carteira nas salas. Sou eu a redentora do país? Não posso, não tenho condições. Muito menos com o salário que eu recebo!

Além disso, cita pessoas do seu convívio pessoal, como sua filha Jéssica, e também do contexto imediato da fala, como a secretária:

A secretária disse ainda: que nós não podemos ser imediatistas, ver apenas a condição imediata, precisamos pensar a longo prazo, mas a minha necessidade de alimentação é imediata, a minha necessidade de transporte é imediata, a necessidade de Jéssica de ter uma educação de qualidade é imediata.

Voltar mais uma vez desmoralizado pra sala de aula pro aluno dizer: professora a gente ficou aqui sem ter aula e só isso. Vocês receberam vinte reais, trinta reais e dão risada.

O estilo individual do enunciado também está evidente na escolha por um gênero discursivo como um enunciado polêmico em audiência pública. Sabe-se que outras pesquisas já foram realizadas, inclusive citadas acima, em que o professor, expressando-se em redações escritas como relato pessoal, ou depoimento, assume uma imagem de heróis vitimados pela sociedade. Nesse discurso polêmico em audiência pública a enunciativa faz diferente, assume uma postura de profissional sindicalizada, de profissional que se manifesta contra a opressão e luta por seus direitos:

Pedimos ainda secretária, respeito pra que a senhora não vá mais a mídia dizer assim: “pedimos flexibilidade” como se nós fossemos os responsáveis pelo caos, que na verdade só se apresenta pra sociedade quando estamos em greve, mas que está lá, todos os dias dentro da sala de aula, dentro da escola e em todos os lugares. Respeito, não se refira a nossa categoria dessa forma, não se refira, nem se refira apenas como se fosse à direção do SINDE que está querendo fazer essa greve, não é não, são 90% da categoria. Noventa por cento da categoria no Estado inteiro, nos interiores e aqui na capital. Pedimos aos deputados, apoio. Estejam mais presentes, participem ali, vão a nossa assembleia, procurem ouvir os trabalhadores, procurem saber a realidade.

Já foi evidenciada a presença da ironia e a estratégia de citar o discurso político opressor identificado na pessoa da secretária. Como são marcas que tornam o enunciado único também devem ser levadas em consideração como evidência de escolhas estilísticas do enunciatador.

Aqui cabe citar Bakhtin (2013), por aparecer no discurso da professora uma parodização da fala da secretária. A paródia reveste a linguagem do outro de orientação semântica diametralmente oposta. A voz do outro é colocada no discurso em hostilidade com seu agente primitivo e o obriga a servir a fim diametralmente opostos. “O discurso se transforma em palco de luta entre duas vozes.”

Outro traço estilístico é a estratégia da comparação por relação analógica e por identificação que atribui e hierarquiza valores. Formalmente isso acontece quando se qualifica o professor e se desqualifica o parlamentar, quando há uma identificação com o profissional docente oprimido, com seu cotidiano, seus sentimentos, etc (PERELMAN, 1987).

Há, segundo Bakhtin/Volochínov (1986), algumas possibilidades de reação ativa ao discurso do outro. Ao delimitar o discurso citado com fronteiras nítidas e estáveis procura-se conservar a integridade e autenticidade desse discurso. Esse isolamento procura protegê-lo das infiltrações pelas entoações próprias do autor, solidificando e simplificando suas características linguísticas individuais. Este estilo linear apresenta um alto grau de autoritarismo e de dogmatismo, sua firmeza ideológica inibe apreensão apreciativa, geralmente oferece apenas alternativas nítidas e distintas. De forma oposta, o estilo pictórico, esforça-se por desfazer a estrutura fechada e compacta do discurso do outro, absorvendo-o e infiltrando réplicas e comentários no discurso alheio. Quando o autor apaga as fronteiras do discurso citado, pode enchê-lo de entoações, ironia, ódio e desprezo. Dessa forma o dogmatismo autoritário tende a ceder completamente para o relativismo das apreciações sociais, muito favorável a uma apreensão positiva e intuitiva de todos os matizes linguísticos individuais do pensamento, das opiniões, dos sentimentos.

Essas observações de Bakhtin/Volochínov (1986) ficam claras no discurso analisado. O estilo pictórico prevalece. As citações dos enunciados da secretária são carregadas de apreciações e questionamentos. O discurso da secretaria é fracamente delimitado, citado apenas nos trechos mais polêmicos para ser desconstruído. Como discurso oral há apenas marcas de entonação e a citação é feita brevemente para logo em seguida ser bombardeada por perguntas e ironia:

Então assim, me preocupa muitíssimo a fala da maioria aqui, inclusive da secretária Betânia Ramalho, com todo respeito, (olhando para a secretária) que é: “não vamos falar da situação precária porque isso todo mundo já sabe”(fala em tom de deboche erguendo as mãos em sinal de desculpa se isentando da responsabilidade imitando secretária). Como assim não vamos falar da situação precária? Gente! Nós estamos banalizando isso daí, estamos aceitando a condição precária da educação como uma fatalidade. [...] A secretária disse ainda: “que nós não podemos ser imediatistas, ver apenas a condição imediata, precisamos pensar á longo prazo”, mas a minha necessidade de alimentação é imediata, a minha necessidade de transporte é imediata, a necessidade de Jéssica de ter uma educação de qualidade é imediata. Certo.[...] Pedimos ainda secretária, respeito pra que a senhora não vá mais a mídia dizer assim: “pedimos flexibilidade” como se nós fossemos os responsáveis pelo caos, que na verdade só se apresenta pra sociedade quando estamos em greve, mas que está lá, todos os dias dentro da sala de aula, dentro da escola e em todos os lugares, certo. (aplausos) Respeito, não se refira a nossa categoria dessa forma, não se refira, nem se refira apenas

como se fosse à direção do SINDE que está querendo fazer essa greve, não é não, são 90% da categoria. Noventa por cento da categoria no Estado inteiro, nos interiores e aqui na capital.

Assim, o estilo deste enunciado cria um discurso assumido pelo enunciador enquanto profissional docente que aborda sua realidade profissional. Sua experiência real é exposta no discurso, tanto cotidiana quanto imediata ao momento da fala. Esse estilo possibilita a construção de uma imagem de docente que tem autoridade pra falar sobre si mesmo e sobre seu contexto. O enunciador é o docente que sabe responder as mentiras sobre sua profissão e seu dia a dia por conhecer esta realidade e estar ciente da precariedade dela. Sabe responder ao discurso político, pois percebe seu tom mascarador e alienante e assume o estilo do sindicalizado que protesta e com autoridade se pronuncia. O estilo do professor que polemiza escolhendo este discurso como meio de expressão. Por fim gera-se a imagem de um docente que originalmente assume a posição de consciente e exigente que não quer fugir mais para uma imagem alienada de si mesmo e nem usá-la como covarde refúgio, antes quer respeito e mudanças.

### **5.3 Entonação**

Segundo Dahlet V. (1997), a entonação acontece pela influência de três atores, que são o locutor/autor, o ouvinte/leitor, e o objeto do enunciado. Desta interação permanente concebe-se a entonação que comporta a avaliação social do enunciado. De acordo com a autora o:

eu só existe na medida em que está correlacionado ao tu, que está antecipado no discurso interior, e é coparticipante do discurso exteriorizado, falado ou escrito, pois é ele que o determina em parte, ao mesmo tempo em sua forma e em seu conteúdo. No caso do discurso exteriorizado, produz-se uma relação dialógica de acordo ou desacordo que, numa configuração intercorporal, deve corresponder uma resposta/reação passando pela voz e/ou pelo gesto, e ao nível do material semiótico do psiquismo, por uma reacentuação do discurso exteriorizado pelo discurso interior, ou ainda por uma alteração de respiração. Todos estes constituintes da relação dialógica podem se combinar de maneira variável (DAHLET, V. 1997, p. 267).

O tom do enunciado polêmico analisado neste trabalho é um tom diferente do habitualmente assumido pelo docente em seu dia a dia ou em outras pesquisas já realizadas. Como citado acima, o tom é marcado por três atores. No caso específico do discurso polêmico analisado temos um enunciador professora sindicalizada e mãe. Como ouvinte estão os

parlamentares, a secretária, professores e cidadãos presentes na assembleia. O objeto é o cenário da educação no Rio Grande do Norte.

Que estes fatores determinaram o tema e a forma composicional já foi esclarecido. O tema já estava estabelecido anteriormente pela situação e pelo discurso político. A forma composicional, no entanto, é um fator inovador que permite a enunciativa dar um tom muito diferente e original ao enunciado. Esse discurso polêmico permite a professora apresentar sua fala não mais como vítima, oprimida e alienada por uma visão utópica e alienante de si mesma, mas como profissional consciente, protestante, realista, impregnada de uma visão real e coerente sobre a realidade docente, consciente até mesmo do discurso político que leva o docente a apresentar a inação e a uma fala/atitude de vítima.

O tom, porém fica evidente no discurso exteriorizado na reação dialógica de desacordo com o discurso político abstrato. Desde o início de sua fala o enunciativo revela que fez escolhas pensando em seu público ouvinte e no objeto. Escolhe então o tom da ironia e da resposta indignada. Faz perguntas retóricas, cria imagens ridículas, cita falas opressoras para desconstruí-las logo a seguir.

Com voz e gestos firmes começa sua fala e apresenta seus argumentos. Quando fala de pessoas que apresentam seus argumentos com números aponta a mão para os parlamentares e olha rapidamente pra eles. Apresenta um leve sorriso irônico e movimenta a cabeça pra cima e pra baixo em gesto de afirmação. Depois quando reforça que vai falar de Algarismos gesticula com a mão para cima ressaltando os elevados números apresentados na casa. Quando cita seu contracheque o pega na mão e ergue na altura do rosto. Fala o número separadamente e pausadamente. O tom escolhido somente neste começo de discurso já revela ironia e um tom firme.

Ao continuar afirma que deseja fazer uma pergunta apontando para a mesa dos parlamentares e limpa o olho com a outra mão trêmula. Quando se refere ao possível constrangimento deles em responder abre as duas mãos e braços, mudando o tom da voz para ressaltar sua ironia. Gesticula em sinal de dúvida e pergunta se conseguiriam manter o padrão de vida com o baixo salário dos professores. Internaliza os lábios em sinal de dificuldade e fecha os punhos sobre a mesa três vezes conforme faz a pergunta. Quando fala da indumentária gesticula com a mão para o seu próprio vestido. Justifica sua pergunta recebendo aplausos e apoiando os dois braços no palanque folgadoamente.

Efetua várias pausas enfáticas para descrever as situações dos professores. Gesticula com a mão aberta como se fosse bater na mesa quando acusa os parlamentares de descaso. Quando cita a secretária olha em sua direção. Questiona a fala da secretária novamente



fazendo sinal de dúvida. E especificamente quando usa o discurso direto tomando a fala da secretária usa um tom de deboche e de fuga gesticulando com as mãos abertas como se não quisesse assumir responsabilidade.

Afina a voz quando indignada em vários momentos enquanto aumenta o tom de voz. Encena a fala dos alunos com fala debochada e gestos de desrespeito. Gesticula afirmativamente com relação aos seus argumentos, mas negativamente para indicar vergonha ao descaso e falas alienantes dos parlamentares.

Todos estes recursos suprasegmentais e extralinguísticos indicam uma escolha por um tom indignado que procura ridicularizar a voz dos parlamentares e ressaltar a condição indignada do professor. Segundo Bakhtin (2011) todo enunciado é cheio de tonalidades dialógicas, já que a ideia nasce e se forma nesse processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, ação que encontra o seu reflexo nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento.

O tom, como enunciativa professora que fala em nome de professores e familiares é, portanto um tom de indignação e desvendamento. Um tom de autoridade de quem tem experiência sobre o que diz. Enquanto docente falando do cotidiano docente. Assume o tom de desabafo e de confronto pelos seus pares. Desde o início o discurso parte conscientemente do propósito de ser a voz dos professores, ser a voz de um professor que é todos os professores. Esse tom é retomado no final.

Quando se leva em consideração o interlocutor o tom se revela denunciador. A fala do outro é recitada de forma debochada e desacreditada. A fala dos interlocutores e seus conceitos são ridicularizados e desautorizados. O outro é desafiado a ser mais autêntico e parar de mascarar a realidade. É em relação ao interlocutor que o tom de polêmica se torna evidente. O enunciado é construído evidentemente em resposta ao interlocutor, a indiferença e alienação deste.

A entonação que isola o discurso do outro, segundo Bakhtin (2011), é um fenômeno especial por permitir que a expressão do falante penetre para além dos limites de alternância do diálogo e se disseminar no discurso do outro, aparecendo assim como tom irônico, indignado. O discurso do outro ganha dupla expressão por receber a expressão alheia do enunciado que acolheu esse discurso.

Em relação ao tema o tom é realista. Pretende-se impor a realidade às abstrações aceitas até então. É possível perceber em todo o discurso como a enunciativa leva em consideração o cenário da educação como um cenário caótico. Todas as descrições do cotidiano docente referem-se ao tema e dão o tom do discurso.

### **3.4. Propósito comunicativo, Exotopia e Dialogismo**

Alguns aspectos ainda extremamente relevantes para a percepção da imagem de profissional docente criada neste discurso são os associados ao propósito comunicativo, exotopia e dialogismo.

#### **3.4.1. Propósito comunicativo**

Bakhtin (2011, p. 261) fala em finalidade do gênero para se referir ao propósito comunicativo: “O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo...” Neste caso portanto, o propósito comunicativo está relacionado a finalidade do gênero em sua atuação em determinado campo de atividade humana.

Bakhtin (2011, p. 262) ressalta ainda um equívoco acerca do propósito comunicativo quando diz que: “A heterogeneidade funcional, como se pode pensar, torna os traços gerais dos gêneros discursivos demasiadamente abstratos e vazios.” O autor revela que esta aparente compreensão é equivocada justamente por até então os gêneros não serem analisados como enunciados concretos, situados e construídos a partir de propósitos comunicativos específicos. Se estes aspectos não são levados em consideração o enunciado se revela solto no espaço sem relação com sua situação social.

Em outro momento Bakhtin (2011) fala sobre intenção discursiva ou vontade discursiva que determinaria o todo do enunciado. Esta imagem do que o falante quer dizer determinaria a conclusibilidade, o tema, a forma composicional, enfim “a vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na escolha de um certo gênero de discurso”. Essa intenção discursiva é adaptada ao gênero escolhido com ou sem a percepção do enunciador (p.281,282).

Bhatia (1993) afirma que o propósito comunicativo, assim como o conteúdo, a forma, a audiência o meio e o canal, caracteriza o gênero em sua natureza e construção. A relação entre gênero e propósito comunicativo seria tão fundamental que o gênero poderia ser compreendido como uma realização bem-sucedida de um determinado propósito comunicativo.

Assim, o propósito comunicativo tem a ver com aquilo que os gêneros realizam na sociedade, e ainda assim, o propósito de um gênero não é necessariamente único e predeterminado. Um gênero pode apresentar variados propósitos comunicativos específicos, gerados pelas intenções de específicos e situados atores sociais além dos propósitos socialmente reconhecidos como típicos daquele gênero. O propósito comunicativo está relacionado, portanto, a um processo de construção social desses propósitos que podem ser intenções públicas ou escamoteadas. Junto a esses propósitos sociais do gênero está o propósito do autor, porém não como realidade estritamente psicológica de um autor onipotente (BHATIA, 1993).

“São tantas questões aqui colocadas e angústias do dia a dia de quem está em sala de aula e quem está em escola, eu queria pelo menos conseguir sintetizar minimamente essas angústias.” Assim inicia Amanda Gurgel já esclarecendo que o propósito comunicativo de seu enunciado é sintetizar angústias que fazem parte do cotidiano profissional do professor. Este propósito comunicativo está claramente a serviço da autora enquanto docente que se pronuncia sobre sua condição profissional, mas também em função do discurso polêmico que tem por finalidade discutir uma situação.

Este discurso procura mostrar a situação do professor, descreve sua realidade a fim de incomodar e chocar os interlocutores. É assim que logo de início a professora lê o número do seu salário comparando ironicamente aos números cheios de algarismos lidos costumeiramente naquele local: “um número composto por 3 algarismos apenas, bem diferente dos outros números que são apresentados aqui com tantos algarismos”.

O propósito de afrontar, estimular debate, enfrentar, fica também claro quando pergunta se eles conseguiriam manter o padrão de vida que levam com este salário. Ela mesma responde que obviamente não. Quase no final de seu discurso ela retoma o assunto para afrontar mais uma vez jogando a vergonha pelo baixo salário para os legisladores: “não me sinto constrangida em apresentar o meu contra cheque, nem a aluno, nem a professor e nem a nenhum dos senhores aqui. Porque eu penso que o constrangimento deve vir de vocês.”

Um propósito comunicativo estabelecido neste discurso também é o de dar autoridade à voz do professor. A enunciativa procura mostrar que a pessoa mais autorizada para discutir a questão é o professor que vivencia a situação e não os teóricos ou políticos: “só quem está em sala de aula, só quem está pegando três ônibus por dia pra chegar ao seu local de trabalho, ônibus precário inclusive, é que pode falar com propriedade sobre isso.” Em outra situação ela coloca o professor acima dos estudiosos: “Eu gostaria de pedir aos senhores,(..) que se

libertem dessa concepção errônea, (...)isso eu digo com propriedade, porque sou eu que estou lá, inclusive além, propriedade maior até que dos grandes estudiosos.”

A denúncia é uma finalidade constante neste discurso. A precariedade do transporte, o baixo salário, o descaso do governo com a educação, as críticas aos professores, a alimentação precária do professor, a vestimenta pobre, o excesso de trabalho, a superlotação das salas, a impaciência do governo e a inflexibilidade do mesmo. Todos estes itens são denunciados no discurso. São feitas denúncias pessoais à secretária quando se refere ao caos promovido pela greve dos professores. A professora compara este caos ao caos cotidiano enfrentado pelo professor denunciando a insensibilidade da secretária.

Pedimos ainda secretária, respeito pra que a senhora não vá mais a mídia dizer assim: “pedimos flexibilidade” como se nós fossemos os responsáveis pelo caos, que na verdade só se apresenta pra sociedade quando estamos em greve, mas que está lá, todos os dias dentro da sala de aula, dentro da escola e em todos os lugares, certo. (aplausos) Respeito, não se refira a nossa categoria dessa forma, não se refira, nem se refira apenas como se fosse à direção do SINDE que está querendo fazer essa greve, não é não, são 90% da categoria. Noventa por cento da categoria no Estado inteiro, nos interiores e aqui na capital.

Fica evidente também que um dos propósitos deste enunciado polêmico é responder a secretária Betânia Ramalho e indiretamente a todos que ela representa. Em quatro momentos a fala da secretária é retomada para receber uma resposta polêmica: a primeira vez quando a secretária pede que não se fale no assunto por já ser conhecido; depois quando a secretária pede que os professores não sejam imediatistas; mais uma vez quando a secretária pede paciência aos professores; e quando a secretária pede flexibilidade. As respostas sempre revelam indignação. No primeiro caso questiona a banalização do assunto. Depois rebate a fala mostrando o imediatismo das necessidades do professor. Zomba do pedido de paciência e exige que a secretária respeite os professores e não peça ,ais flexibilidade, pois os professores são flexíveis demais. Neste último caso até denuncia a mentira da secretária quanto a aderência a greve.

Como já foi mencionado, o propósito de confrontar é evidente nas perguntas retóricas feitas pela professora em sua enunciação. Além de perguntar comparando seu salário, são feitas perguntas sobre a expectativa formada sobre a imagem do professor como salvador,

redentor. O propósito revelado por esta estratégia é ironizar as referências feitas ao professor por parte do governo. Assim se destrói uma imagem mentirosa e ficcional da profissão e do profissional docente. Isso é feito não só por meio das perguntas, mas criando imagens caricaturais do professor como um consumista, ou como um perdedor baderneiro zombado pelos alunos, ou ainda como um profissional tão paciente que morre esperando uma atitude do governo.

Um último propósito parece ser o de pedir em nome dos professores e alunos o apoio, participação, presença dos deputados. Pede também uma fiscalização justa da promotoria.

Resumidamente, o propósito comunicativo deste enunciado é de forma geral sintetizar angústias, ao mesmo tempo que: descreve a realidade do professor para chocar, incomodar; restaura a autoridade da voz do professor; denunciar a situação caótica da educação; responder a secretária e aqueles a quem ela representa; ironizar as imagens irreais feitas sobre os professores; e pedir em nome da sua categoria uma presença coerente de seus interlocutores.

Este propósito comunicativo continua a revelar uma imagem de professor que não aceita sua situação profissional. Que quer ser ouvido, respeitado, apoiado. Um professor que não aceita as imagens mascaradas que são vestidas sobre sua profissão que escondem a realidade difícil do cotidiano docente.

Levando em consideração que o propósito comunicativo esperado dos interlocutores era uma observação do cenário da educação no Rio Grande do Norte fica evidente que o enunciado não só atende a este propósito superficial como também estabelece seus próprios propósitos comunicativos já acima demonstrados.

A imagem docente neste caso está mais próxima do tema que se concentra na ampla descrição que é feita do cotidiano do professor, mas neste caso com o propósito de desmascarar uma falsa imagem que é feita do professor e substituir esta imagem pela imagem real do professor, trabalhando em estado de precariedade, exigindo melhorias em sua atuação profissional.

O propósito comunicativo deste enunciado concreto colabora, portanto também para a formação de uma imagem docente. Como um todo o enunciado funciona como voz polêmica de um professor que descreve a situação da sua profissão docente partindo da realidade local e nacional até a imagem da profissão docente como um todo. O propósito de polemizar frente a vozes alienadoras produziu imagens de um docente consciente de sua opressão real, pautada em suas experiências diárias, contra as imagens falsas e as abstrações presentes nas vozes do governo.

### 3.4.2. Exotopia

Quando termos como exotopia são trazidos a tona, torna-se necessário esclarecer algumas questões próprias do uso do termo. Bakhtin e o Círculo geralmente se referem ao termo ou ao que ele significa num contexto literário, analisando aspectos estéticos, especificamente quanto à autoria.

Esse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha posse – excedente sempre presente em face de qualquer outro indivíduo – é condicionado pela singularidade e pela insubstituíbilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim (BAKHTIN, 2011).

Faraco (2006) trata da exotopia como a voz da qual o autor se reveste ao se diferenciar do escritor. As ideias do escritor se transformam em refração, imagens artísticas das ideias. O autor ocupa uma posição axiológica e puramente discursiva. Acontece assim um distanciamento entre escritor e herói em que mesmo na autobiografia há um olhar com excedente de visão e conhecimento que objetifica.

Volochínov (s/d) trata da exotopia ao explicar a construção do herói, por parte do autor, em consideração ao valor atribuído pelo interlocutor. Um afastamento por levar em consideração o outro/interlocutor, gerando um herói que não é apenas apoiado no ato do autor.

Bakhtin (2013, p.59), discutindo a poética das obras de Dostoiévski também toca na percepção da exotopia na literatura. Menciona a exotopia como refração da imagem do personagem nas consciências alheias de outras personagens. Ao se referir a outros personagens do autor russo, Bakhtin percebe um aspecto criativo original: polifonia. Este aspecto demonstra a capacidade do autor em criar personagens mais vivos, mais humanos, mais reais por meio da autoconsciência do próprio personagem sobre si, “a palavra do herói sobre si mesmo e sobre o mundo.”.

Através de imagens inconclusas, construídas e desconstruídas no discurso, o enunciador julga a si mesmo nas consciências alheias e dá sua palavra num processo de interação com outras consciências. Este tipo de personagem inconcluso é vivo como os vivos, que o são por serem ainda inconclusos (BAKHTIN, 2013).

Tezza (2007) se refere a exotopia como uma consciência fora de outra, uma consciência que vê a outra acabada. Quando o autor dá ao herói sua imagem externa. O autor é para o herói o que o outro é para mim. O autor é aquele que dá o acabamento em função do seu excedente de visão.

Assim, o termo exotopia, como outros termos usados pelo Círculo, é estudado e explicado em sua relação com obras de arte, obras literárias. Mas ao mesmo tempo pode ser termo teórico para analisar outros tipos de discurso. No caso da exotopia, a criação dos personagens por um afastamento do autor serve como recurso para dar vida e voz a esse personagem. Assim, também o enunciador de qualquer discurso, para falar de si mesmo o faz por meio deste afastamento. Tezza (2007) chega a dizer que o tratamento dado a Bakhtin ao termo exotopia extrapola o uso para analisar fenômenos estéticos e chega a parecer que está criando uma concepção filosófica.

No enunciado analisado nesta pesquisa temos uma professora que fala de sua condição como profissional e a condição de seus pares frente ao descaso dos representantes do governo. E faz isso por meio do afastamento e do excedente de visão, fruto da percepção de não ser acabado em si, mas de ser formado pelo olhar e discurso do outro.

Como não se trata de um enunciado estético, literário, o discurso analisado nesta pesquisa, o que se percebe é o uso deste aspecto exotópico para criar uma imagem de professor por meio de diversos olhares e discursos. Estes diversos olhares transmitidos pelos discursos são agrupados pelo enunciador/autor e temos um herói que não é a professora enunciativa palestrante, mas um professor criado pela visão declarada que outros tem sobre seu agir e falar.

A imagem começa construída pela identificação pessoal com as angústias da condição dos professores em geral e com a realidade do salário da própria enunciativa, mas logo parte para uma pergunta que contrasta a realidade do professor comparando-a com a do parlamentar quanto ao salário e roupas. Daí se começa a formar uma imagem de professor não mais presa a enunciativa, mas a uma imagem geral:

...vocês conseguiriam sobreviver ou manter o padrão de vidas que vocês mantêm com este salário (fecha a boca e internaliza os lábios em sinal de dificuldade e faz novamente o gesto de dúvida abrindo os braços e as mãos)?... Não conseguiriam. Certamente esse salário, ele não é suficiente pra pagar nem a indumentária, né, que os senhores e as senhoras utilizam pra poder frequentar está casa aqui, não é? (recebe aplausos)

Após esta imagem formada pelo contraste começa uma caracterização do professor, a formação desse “personagem/herói”, justamente pelo excedente de visão, por uma visão geral e ampla sobre a realidade desse profissional no contexto local, mas também em grande parte nacional. Ao descrever a realidade precária desse professor a enunciadora se identifica com ele, encontrando nessa situação, na forma como o professor vive e que só ele conhece, a autoridade para falar enquanto professora. Sua descrição alcança a figura de um professor que poderia ser ela e também qualquer outro do local, e que por isso mesmo não é apenas ela e também não é um professor qualquer, inexistente. É um professor específico, visto pelo excedente de visão da enunciadora, mas que lhe serve para dar autoridade de voz pela identificação com sua imagem:

Então assim, minha fala não poderia partir de um ponto diferente desse, porque só quem está em sala de aula (dito com aumento de voz e pausadamente para gerar ênfase), só quem está pegando três ônibus por dia pra poder chegar ao seu local de trabalho, ônibus precário inclusive (olhando para os parlamentares em tom de acusação), é que pode falar com propriedade sobre isso. (gesticula negativamente com a cabeça) Fora isso, qualquer colocação que seja feita aqui (levantando a mão aberta como se fosse bater no púlpito), qualquer consideração que seja feita aqui (rindo olhando para alguém na plateia) é apenas para mascarar uma verdade, que é uma verdade visível a todo mundo, que é o fato de que em nenhum governo, em nenhum momento que nós tivemos no nosso Estado (Rio Grande do Norte), na nossa cidade, no nosso país a educação foi uma prioridade. (pausa) Em nenhum momento.(aplausos) Certo.

A formação da imagem desse “personagem” continua com uma reaproximação da enunciadora como um exemplo de professor banalmente idealizado. Desta vez sua aproximação com a imagem do professor serve para corrigir uma imagem distorcida. Cria-se uma situação comum a esse personagem para revelar o equívoco quanto a sua atuação profissional. Seu personagem não se identifica com a de um salvador ou redentor.

Estão me colocando dentro de uma sala de aula com um giz e um quadro pra salvar o Brasil? É isso? (gesticula como se pegasse o giz e roda com a mão como quem diz que resolve tudo com o giz como mágica) Salas de aulas superlotadas com os alunos entrando a cada momento (aplausos) com uma carteira na cabeça, porque não tem carteira nas salas. (pausa) Sou eu a redentora do país?(apontando pra si mesma com os indicadores das duas mãos) Não posso, não tenho condições. Muito menos com o salário que eu recebo!(coloca a mão na cintura) Tá certo.



Além da criação deste professor por meio de imagens descritas pela própria enunciadora temos a formação desta imagem sendo preenchida por outros, como as falas da secretária, dos parlamentares e até do senso comum. A enunciadora usa a fala dos parlamentares e assim corrige e completa uma imagem de professor. É um professor que trabalha em três turnos e não para ostentar luxo. Refere-se a estes professores como “eles” explicando a precariedade de transporte em que vivem. Este afastamento procura então corrigir uma imagem formada pela fala do outro e assim completar de forma mais realista e justa a imagem do professor:

Eu gostaria de pedir aos senhores, (se vira para os parlamentares e gesticula com firmeza as mãos abertas) inclusive, que se libertem dessa concepção errônea, extremamente equivocada, isso eu digo com propriedade, porque sou eu que estou lá, (batendo a mão no peito) inclusive além, propriedade maior até que dos grandes estudiosos. Parem de associar qualidade de ensino da educação com o professor dentro da sala de aula, (frase dita em tom mais auto seguida de pausa) parem de associar isso daí. Porque não tem como você ter qualidade em educação com professores três horários dentro de sala de aula, certo. Porque é assim que os professores multiplicam os 930. (pega seu contracheque na mão) 930 de manhã, 930 à tarde e 930 à noite pra poder sobreviver. Não é pra andar com bolsa de marca nem pra usar perfume Francês, certo. É pra ter condição de pagar a alimentação dos seus filhos, é pra poder pagar a prestação de um carro, que muitas vezes eles compram pra poder se locomover mais rapidamente entre uma escola e outra. E eles precisam escolher o dia em que vão andar de carro porque não tem condição de comprar o combustível. Tá certo. (dito em tom indignado)

O afastamento se dá no próximo trecho por evocar a imagem do professor como impaciente na fala da secretária, mas como excessivamente paciente nos exemplos apresentados pela professora. Esse professor é paciente a ponto de morrer esperando por mudanças.

Então assim, entra governo e sai governo, peço desculpa mais uma vez a você Betânia, mas não tem novidade na sua fala. (olha para a secretária e a câmara foca a mesa dos parlamentares) Sempre o que se solicita da gente é paciência, é tolerância e eu tenho colegas que estão aguardando pacientemente (pronunciada pausadamente) há 15 anos, há 20 anos por uma promoção horizontal. (abre os braços e afina o tom da voz em sinal de indignação) Professores que morrem e não recebem uma promoção.

A construção da imagem acontece também pelo olhar do aluno que percebe a situação do profissional que é ignorado pelo governo. O olhar do aluno aqui completa a formação dessa imagem como a de um profissional desmoralizado e ignorado, zombado:

Voltar mais uma vez desmoralizado pra sala de aula pro aluno dizer: “professora a gente ficou aqui sem ter aula e só isso. Vocês receberam vinte

reais, trinta reais” e dão risada. (imita o deboche dos alunos até no tom da voz e nos gestos)

O professor é construído também por números que indicam sua ação militante. A construção dessa imagem de professor procura associá-lo a uma massa em concordância, um exercito, um grupo em militância, uma grande maioria que assume a reponsabilidade por desejar mudanças, mas que rejeitam a culpa pelo caos na educação erroneamente atribuído a eles pelo olhar do governo. O professor que conhece o caos fora da greve e que sabe que não é ele a causa do caos por causa da greve. O afastamento aqui se dá pelo uso dos números, pelo professor construído como categoria, grupo:

Pedimos ainda secretária, respeito pra que a senhora não vá mais a mídia dizer assim: “pedimos flexibilidade” como se nós fossemos os responsáveis pelo caos, que na verdade só se apresenta pra sociedade quando estamos em greve, mas que está lá, todos os dias dentro da sala de aula, dentro da escola e em todos os lugares, certo. (aplausos) Respeito, não se refira a nossa categoria dessa forma, não se refira, nem se refira apenas como se fosse à direção do SINDE que está querendo fazer essa greve, não é não, são 90% da categoria. Noventa por cento da categoria no Estado inteiro, nos interiores e aqui na capital.

Enfim, o que se percebe no discurso da professora é por vezes aproximação e por vezes afastamento na construção deste “personagem” professor. O afastamento cria uma imagem de um profissional unido, que luta por mudança em sua atuação profissional e que responde a imagem que o olhar dos outros tentam lhe imprimir. Essa resposta acontece por meio de comparações, correções irônicas e principalmente por um retrato da realidade vivida pelo próprio professor frente as imagens distorcidas do olhar dos outros sobre ele. É uma construção de imagem gerada por resposta a tentativa de construção de imagens distorcidas.

### 3.4.3. Dialogismo

A análise do enunciado seguirá a segunda concepção de dialogismo usada pelo Círculo, como sendo a produção de enunciados, resultado de resposta, e que ao ser enunciado gera novas possibilidades de respostas.

O dialogismo se faz presente nas obras do Círculo de três maneiras distintas, aqui apresentadas da mais geral para a mais particular: a) como princípio

geral do agir – só se age em relação de contraste com relação a outros atos de outros sujeitos: o vir-a-ser, do indivíduo e do sentido, está fundado na diferença. b) como princípio da produção dos enunciados/discursos, que advém de “diálogos” retrospectivos e prospectivos com outros enunciados/discursos. c) como forma específica de composição de enunciados/discursos, opondo-se nesse caso à forma de composição monológica, embora nenhum enunciado/discurso seja constitutivamente monológico nas duas outras acepções do conceito (SOBRAL, 2006, p.106).

Sendo assim, cabe perceber o dialogismo no discurso da professora Amanda Gurgel e como este resulta numa construção específica da imagem do professor. Além disso, um aspecto dentre tantos outros, mas que parece mais evidente, quando se analisa o dialogismo nos enunciados é o da alteridade. Aquele que enuncia se construindo a partir daquele que enunciou antes e que é provocado a enunciar depois. A alteridade e a responsividade nesta relação de enunciador e interlocutor.

Assim começa o discurso da professora:

Bom dia a todas e todos, eu, durante cada fala aqui eu pensava em como organizar a minha fala. São tantas questões aqui colocadas e angústias do dia a dia de quem está em sala de aula e quem está em escola, eu queria pelo menos conseguir sintetizar minimamente essas angústias.

Fica evidente que desde o início o enunciado é uma resposta. A autora está ciente disso. Seu enunciado se apresenta como resposta as falas ditas imediatamente antes da sua quando ela afirma que “durante cada fala aqui eu pensava em como organizar a minha fala”. Este enunciado se apresenta de início como uma resposta a questões levantadas no momento (“são tantas questões aqui colocadas”) e a angústias do dia a dia do professor. A proposta da autora é sintetizar falas, falas angustiadas anteriores.

Após a introdução o discurso da professora segue assim:

Como as pessoas apresentam muitos números e sempre colocam que os números são irrefutáveis eu gostaria também de apresentar um número pra iniciar a minha fala. Que é um número composto por 3 algarismos apenas, bem diferente dos outros números que são apresentados aqui com tantos algarismos (se referindo aos parlamentares da assembleia legislativa) que é o número do meu salário. Um nove, um três e um zero que é meu salário base, R\$930,00 e ai eu gostaria de fazer uma pergunta a todas e todos que estão aqui sem nível superior com especialização: se vocês conseguiriam, mas também só respondam se não ficarem constrangidos obviamente, se vocês conseguiriam sobreviver ou manter o padrão de vidas que vocês mantêm com este salário (R\$930,00)?... Não conseguiriam. Certamente esse salário, ele não é suficiente pra pagar nem a indumentária que os senhores e as senhoras utilizam pra frequentar está casa aqui, não é?

Novamente a professora ressalta o aspecto dialógico do seu enunciado quando diz “como as pessoas apresentam muitos números e sempre colocam que os números são irrefutáveis, eu gostaria também de apresentar um número para começar a minha fala”. Neste trecho ela traz para seu enunciado as vozes daqueles que ensinam a argumentar e responde a esta voz obedecendo á regra, argumenta com números.

Na segunda frase deste trecho ela diz “diferente de outros números que são apresentados aqui com tantos algarismos”. Nesse momento é feita uma comparação entre o salário da professora com o salário dos parlamentares. Esta comparação é feita retomando as vozes dos próprios parlamentares com relação aos seus bons salários. É mais uma vez uma resposta a uma fala anterior provavelmente não imediata, já que não está claramente situada nem no tempo, nem quanto á autoria específica. Na verdade, como é típico do dialogismo no discurso, a autora imagina o enunciado internamente e o responde como convém a sua enunciação.

Em seguida há uma provocação à resposta “vocês conseguiriam, mas também só respondam se não ficarem constrangidos obviamente, se vocês conseguiriam sobreviver ou manter o padrão de vidas que vocês mantêm com este salário?” A provocação é dirigida a ouvintes específicos sem nível superior e com especialização que estivessem ali presentes. Como parte da provocação condiciona a resposta à falta de constrangimento do interlocutor. Por fim faz a pergunta se eles conseguiriam manter seu padrão de vida com o salário que a professora ganha. O dialogismo está na provocação a respostas, na conclusibilidade dos enunciados que possibilitam novos enunciados. A pergunta feita é respondida pelo próprio enunciador: eles não conseguiriam nem se vestir da maneira como estavam ali. Até mesmo a não resposta, a resposta óbvia e dar a resposta à própria pergunta são marcas dialógicas.

O enunciado é introduzido mais uma vez com uma compreensão metalinguística:

Então assim minha fala não poderia partir de um ponto diferente desse, porque só quem está em sala de aula, só quem está pegando três ônibus por dia pra chegar ao seu local de trabalho, ônibus precário inclusive, é que pode falar com propriedade sobre isso. Fora isso qualquer colocação que seja feita aqui, qualquer consideração que seja feita aqui é apenas para mascarar uma verdade, que é uma verdade visível a todo mundo, que é o fato de que em nenhum governo, em nenhum momento que nós tivemos no nosso Estado (Rio Grande do Norte), na nossa cidade, no nosso país a educação foi uma prioridade. Em nenhum momento. Certo. Então me preocupa muitíssimo a fala da maioria aqui, inclusive da secretária Betânia Ramalho, com todo respeito, que é: “não vamos falar da situação precária porque isso todo mundo já sabe”.

O enunciado se apresenta como resposta a uma situação. O enunciador se situa como professor, aquele que está presente na sala de aula mesmo com as dificuldades de transporte para chegar lá e que por isso tem propriedade para falar. O enunciado é situado deste ponto de vista, como uma resposta a esta situação. Como resposta a uma experiência e nesse sentido aproxima-se mais da definição de dialogismo como princípio geral do agir.

A seguir as vozes evocadas são as de todos os que já falaram naquele recinto sobre educação. Estas vozes são definidas como mascaradoras da verdade de a educação nunca ter sido uma prioridade. Estas vozes são contrapostas a do professor pelo termo “fora isso”. A voz do professor que experimenta a realidade responde as vozes daqueles que mascaram a verdade.

O trecho retoma ainda as vozes de forma geral e uma voz específica. Se diz que a voz da maioria é preocupante. A resposta a maioria das vozes anteriores foi o enunciado “me preocupa muitíssimo a fala da maioria aqui”. A voz específica retomada é a da secretária Betânia Ramalho, citada integralmente em discurso direto: “não vamos falar da situação precária porque isso todo mundo já sabe.” A citação é trazer de forma evidente e clara, sem mascaramentos, o enunciado de outro para dentro do seu enunciado para refutá-lo ou apoiá-lo. Assim respondendo a ele de qualquer forma.

Como assim não vamos falar da situação precária? Gente! Nós estamos banalizando isso daí, estamos aceitando a condição precária da educação como uma fatalidade. Estão me colocando dentro de uma sala de aula com um giz e um quadro pra salvar o Brasil? É isso? Salas de aulas super lotadas com os alunos entrando a cada momento com uma carteira na cabeça, porque não tem carteira nas salas. Sou eu a redentora do país? Não posso, não tenho condições. Muito menos com o salário que eu recebo!

A fala da secretária que pretendia não gerar respostas foi retomada para possibilitar uma resposta. O enunciado de resposta interpreta a fala do outro como um apoio a banalização e conformismo frente a uma fatalidade. É ressaltado então que na voz da secretária estão as vozes do conformismo e da banalização da educação emitidas por um enunciador genérico “nós”.

Nesse aspecto constata Lima (2003) que historicamente se coloca sobre o professor e para a educação a função de salvadores da pátria. Discurso esse que gera uma expectativa irreal e por fim frustração e desprestígio ao profissional docente. A fala da professora retoma, portanto esta voz da história que caracteriza o professor de forma pouco real e produtiva.

Nas perguntas seguintes do enunciado nota-se que não são provocações a respostas, mas retomadas de vozes sobre imagens pré-concebidas acerca do professor. Neste caso é

levantada a voz daqueles que dizem que a salvação do Brasil está na educação, ou melhor, no professor. A voz que coloca o professor como redentor. A resposta da professora a essas vozes é não aceitar as imagens criadas por estas vozes. Em sua resposta contrasta a imagem da realidade das salas superlotadas e do baixo salário com a imagem romântica do professor salvador, redentor.

Interessante sobre essas vozes é que parecem “a verdade sobre o homem na boca dos outros, não dirigida a ele por diálogo, ou seja, uma verdade à revelia, transforma-se em mentira que o humilha e mortifica” (BAKHTIN, 2013, p.67).

A secretária disse ainda: “que nós não podemos ser imediatistas, ver apenas a condição imediata, precisamos pensar á longo prazo”, mas a minha necessidade de alimentação é imediata, a minha necessidade de transporte é imediata, a necessidade de Jéssica de ter uma educação de qualidade é imediata.

Novamente o enunciado retoma a fala específica da secretária para refutá-la. Na fala da secretária estão presentes as vozes que criticam o imediatismo imprudente, que desafiam o pessimismo do olhar somente a condição imediata e desafia a que se pense á longo prazo. A resposta a estas vozes de conteúdo abstrato é novamente contrastá-las a necessidade real e imediata de alimentação, transporte e educação de qualidade.

No trecho a seguir notamos mais algumas contraposições de vozes:

Eu gostaria de pedir aos senhores, inclusive, que se libertem dessa concepção errônea, extremamente equivocada, isso eu digo com propriedade, porque sou eu que estou lá, inclusive além, propriedade maior até que dos grandes estudiosos. Parem de associar qualidade de ensino da educação com o professor dentro da sala de aula, parem de associar isso daí. Porque não tem como você ter qualidade em educação com professores três horários dentro de sala de aula. Porque é assim que os professores multiplicam os 930. 930 de manhã, 930 à tarde e 930 à noite pra poder sobreviver. Não é pra andar com bolsa de marca nem pra usar perfume Francês é pra ter condição de pagar a alimentação dos seus filhos, é pra poder pagar a prestação de um carro, que muitas vezes eles compram pra poder se locomover mais rapidamente entre uma escola e outra. E eles precisam escolher o dia em que vão andar de carro porque não tem condição de comprar o combustível.

Um pedido é feito aos parlamentares na autoridade de quem vivencia e experimenta a realidade da profissão do professor, autoridade maior que a dos estudiosos da área. Nesta fala percebemos a voz da academia que considera o enunciado científico, produzido por especialistas como mais importante, mais crível, mais real e sério que o enunciado empírico,

daquele que experimentou, vivenciou uma situação. No enunciado da professora está voz também é levantada como mais uma das vozes abstratas para ser contraposta a voz da realidade, a voz do professor que vivencia a vida docente.

O pedido é o de que parem de associar qualidade de ensino com a presença do professor em sala de aula. Há aqui a voz da mídia e do governo contra as greves. Há aqui também a voz da lei e das teorias da educação que depositam sobre o professor toda a responsabilidade pelo sucesso no ensino.

A resposta a estas vozes e enunciados é mais uma vez a realidade da experiência profissional docente. Diante da voz teórica e dogmática a resposta é a realidade do professor que trabalha em três turnos para ter uma renda razoável para sobreviver.

Ainda neste trecho o enunciado traz a voz do consumismo, do professor enquanto profissional em busca de luxo quando diz “Não é pra andar com bolsa de marca nem pra usar perfume Francês”. Frente a esta voz que considera o professor como alguém que reclama sem poder reclamar, como alguém que quer aumento para viver em luxo, a resposta mais uma vez é apresentada com exemplos reais do cotidiano do professor quanto a sua necessidade de alimentação e transporte.

A nossa realidade, o cenário da educação no Rio Grande do Norte hoje é esse. E eu não me sinto constrangida em apresentar o meu contra cheque, nem a aluno, nem a professor e nem a nenhum dos senhores aqui. Porque eu penso que o constrangimento deve vir de vocês. Sinto muito, eu lamento, mas deveriam todos estar constrangidos. Entra governo e sai governo, peço desculpa mais uma vez a você Betânia, mas não tem novidade na sua fala. Sempre o que se solicita da gente é paciência, é tolerância e eu tenho colegas que estão aguardando pacientemente há 15 anos, há 20 anos por uma promoção horizontal. Professores que morrem e não recebem uma promoção.

Desta vez a voz presente é a do status relacionado ao salário. Frente a voz social que diz ao professor que ele deveria ficar constrangido em falar de seu salário está a resposta deste enunciado de que o constrangimento deveria ser dos parlamentares. Logo em seguida, mais uma vez é citada a voz da secretária, mas desta vez em discurso indireto. A voz da secretária é a voz do governo que pede paciência, voz antiga, voz repetitiva. Seguindo o mesmo caminho a resposta ao substantivo abstrato da paciência é a demora de 15 a 20 anos de promoção, senão a morte dos professores que esperam até o fim de suas vidas.

Então eu quero pedir a secretária, em primeiro lugar, paciência também porque nós não aguentamos mais esse discurso, não aguentamos! O que queremos é objetividade, como que é? Queremos sair desse impasse?

Queremos, mas como? Sem nenhuma proposta, de mãos abanando. Voltar mais uma vez desmoralizado pra sala de aula pro aluno dizer: “professora a gente ficou aqui sem ter aula e só isso”. Vocês receberam vinte reais, trinta reais e dão risada.

Outra resposta é dada a fala da secretária usando a própria fala dela. A resposta ao discurso que pede paciência é um pedido de paciência. Paciência porque a resposta é a de alguém que já não aguenta o discurso do outro. A resposta do enunciador enquanto professor pede objetividade, já que até aqui tem justamente contraposto ao discurso irreal e abstrato do governo uma resposta real, factual e objetiva. Espera uma resposta também concreta em formato de proposta.

Destá vez aparece a voz do aluno que diz: “professora, a gente ficou sem ter aula e só isso. Vocês receberam vinte reais, trinta reais.” A esta voz o professor ouve desmoralizado frente aos risos dos alunos. Esta voz é levantada para confrontar o interlocutor, para provocar uma resposta mais coerente. A voz dos alunos é a voz cruel da verdade. Por meio da voz dos alunos se zomba das respostas do governo. Assumir a voz do aluno como parte da voz do professor é responder ao governo com a percepção de quão ridículas tem sido as respostas, já que até os alunos percebem e riem.

Sobre a construção da imagem profissional docente por meio do diálogo com o aluno, Coracini (2003, p.250) afirma que o imaginário de alguém se constrói por meio do outro. O sujeito se constitui no e pelo olhar do outro, como é possível entre professores e alunos. Em uma pesquisa a autora buscou perceber a imagem de professor formada pelos alunos no contato entre eles, ao longo dos anos de escolaridade. Ela percebeu que a imagem formada pelos alunos era tanto a de um professor sábio, amigo, modelo, vocacionado, modificador de destinos, herói, paciente, responsável, como também incompetente, desocupado, mal educado, insuportável, autoritário, esnobe, sofredor, humilhado. Uma imagem bastante conflituosa e que revela em partes o dizer do próprio professor, a imagem do próprio professor sobre si ressonando na fala dos alunos.

Pedimos ainda secretária, respeito pra que a senhora não vá mais a mídia dizer assim: “pedimos flexibilidade” como se nós fossemos os responsáveis pelo caos, que na verdade só se apresenta pra sociedade quando estamos em greve, mas que está lá, todos os dias dentro da sala de aula, dentro da escola e em todos os lugares. Respeito, não se refira a nossa categoria dessa forma, não se refira, nem se refira apenas como se fosse à direção do SINDE que está querendo fazer essa greve, não é não, são 90% da categoria.

Outra vez a voz específica da secretária é retomada para ser confrontada. Agora a fala da secretária aparece como uma resposta aos professores por meio da mídia “pedimos



flexibilidade”. É uma voz percebida como acusadora, já que coloca os professores como responsáveis pelo caos em função da greve que se estende em função da inflexibilidade dos professores. Perante o enunciado abstrato antigrevista, a resposta enunciativa do professor novamente aponta para a realidade do caos na educação, caos de todos os dias. Além de apresentar uma porcentagem objetiva para comprovar sua fala como real frente a fala mentirosa e abstrata da secretária.

Por fim responde a uma possível fala da secretária sobre a greve. A de que o sindicato é que estaria interessado na greve. Confronta esta fala com números mais uma vez, uma alta porcentagem de professores que apoiam a greve, 90%. A resposta do professor é a de quem exige respeito por toda uma categoria profissional, inclusive pelo seu sindicato, todos desrespeitados na fala da secretária quando pede flexibilidade.

Noventa por cento da categoria no Estado inteiro, nos interiores e aqui na capital. Pedimos aos deputados, apoio. Estejam mais presentes, participem ali, vão a nossa assembleia, procurem ouvir os trabalhadores, procurem saber a realidade. Pedir à promotoria que esteja com a fiscalização efetiva, ao ministério público, mas que não seja pra dizer: “professor não pode comer desse cuscuz não porque é um cuscuz alegado”, o cuscuz que a gente come, o cuscuz da merenda. Porque a promotoria está ali pra dizer que a merenda é do aluno não é do professor, é assim que funciona.

Após pedir aos parlamentares presentes, à secretária, se dirige ainda aos deputados pedindo apoio. Em seu pedido está implícita a acusação de que são ausentes, não participativos, não ouvirem os trabalhadores e não conhecerem por isso a realidade. Posição coerente com a que o enunciador vem tomando até aqui.

Por fim faz um pedido a promotoria de que faça seu trabalho de fiscalizar e não de impedir o professor de se alimentar. A resposta do professor frente a fala da promotoria que impede o professor de se alimentar na escola, alegando que a merenda é somente pro aluno é a seguinte:

Diga-se de passagem, nós não temos recurso para nos alimentar diariamente fora de casa, não temos pra isso. São muitas questões mais complexas, questões muito complexas que poderiam ser colocadas aqui, mas infelizmente o tempo é curto e eu gostaria de solicitar isso em nome dos meus colegas que comem o cuscuz alegado, em nome dos meus colegas que pegam três ônibus pra chegarem ao seu local de trabalho, em nome de Jéssica que está sem assistir aula nesse momento, mas que fica sem assistir aula por muitos outros motivos: por falta de professor, por falta de merenda... É isso que eu quero dizer

A realidade do baixo salário do professor torna impossível sua alimentação fora de casa. Este fato real é a resposta a mais uma abstração, a uma regra sobre merenda escolar.

Regra implícita na voz da promotoria, mais uma das vozes que são levantadas para serem confrontadas.

O enunciado termina com a professora pretendendo ser a voz dos professores sem alimento e com dificuldades de transporte; e a voz da filha, e assim de todos os filhos, sem aula em função da greve, da falta de professores ou da falta de merenda. Ser porta voz de muitas vozes. Assim termina este enunciado claramente marcado pelo dialogismo.

Percebe-se neste primeiro momento que há principalmente um “diálogo” entre o professor e o governo assumidos nas pessoas da professora Amanda Gurgel e da secretária Bêtânia. Este “diálogo” principal está acompanhado de outros com os alunos, com os parlamentares, deputados e promotoria. Estas citações e “diálogos” revelam vozes, um dialogismo explícito. Dentro da fala do governo e da fala do professor outras vozes falam.

Este dialogismo revela um enunciado do governo como abstrato, teórico, dogmático. Ao mesmo tempo mostra o enunciado como concreto, realista, empírico. O dialogismo acontece na dinâmica de resposta objetiva a um enunciado abstrato.

A imagem criada pelo dialogismo presente no texto é a de representantes do governo que em sua maioria ganham bem e usam sua voz para mascarar a realidade de que a educação nunca foi prioridade. Fazem isso por meio de enunciados que deixam clara a impossibilidade de diálogo e de aceitação das greves. Enxergam o professor como consumista, aquele que já ganha bem e quer ganhar além do que precisa, mas também o colocam como responsável por salvar a educação. Valorizam mais teóricos da área que a realidade do professor. Em seu discurso pedem paciência e flexibilidade, mas são indiferentes a realidade da profissão docente. Acreditam que o professor deve ficar constrangido com seu salário e desmoralizado frente aos alunos depois das greves. São ainda retratados como ausentes, desconhecedores da realidade dos profissionais e que só usam as leis contra os profissionais ignorando suas reais necessidades.

Já a imagem de professor, que é gerada pelo dialogismo no texto, revela um profissional angustiado, mal pago e por isso injustiçado em comparação ao salário dos parlamentares. O professor é desenhado ainda como aquele que vive as dificuldades da profissão docente e que pode falar sobre isso com mais propriedade que os teóricos da educação. O docente é ainda descrito como aquele que fala a verdade, fala de sua realidade sem mascarar. É aquele que abre diálogo para buscar solução ainda que o governo não esteja aberto para tal. Não aceita a imagem de ser consumista ou redentor da educação. Sabe ser carente de alimentação, transporte e qualidade de ensino para seus filhos. Sabe o que é ter que trabalhar três turnos. São retratados como extremamente flexíveis e pacientes, apesar de já

não aguentarem mais. Espera objetividade do governo, pois, já percebeu, desmoralizado perante os alunos, que as propostas do governo são ridículas. Participam nas greves e cobram participação coerente de deputados e da promotoria para algo mais que lhes proibir de comer merenda.

Que o dialogismo está presente em todos os textos de forma evidente ou não é óbvio. Mas o efeito que o dialogismo evidente pode gerar na produção de uma imagem pode adquirir muitas formas diferentes. Para ressaltar melhor a construção da imagem do professor no discurso da professora Amanda Gurgel, como uma imagem única, fruto do dialogismo presente neste corpus, com enunciados concretos únicos, será produtivo estabelecer uma comparação com outra construção de imagem, também feita pelo próprio profissional docente, mas em outra situação.

Coracini (2003, p. 249), realizou uma análise de respostas de professores quanto à escolha da profissão docente. Estes professores expressaram uma forma ideal de escolher a profissão: gosto, afinidade com o conteúdo, por ideal, por amor, pelo retorno gratificante. Claro que nessas imagens construídas se percebe uma espécie de espelhamento apontado pela pesquisadora como “o sujeito vê-se no outro e pelo outro”.

De acordo com a autora uma opção do professor é construir uma imagem de si firmada na memória do “professor missionário, fonte de saber e transformador da sociedade”, como resposta a experiência presente de um profissional mal preparado, mal remunerado, a todo o momento desvalorizado, principalmente frente às novas tecnologias, enfim ridicularizado. O professor percebe então que não é possível uma realização profissional digna, com reconhecimento real de seu saber e importância social, e assim busca se esconder nesta imagem idílica daquele que apesar de tudo continua sua missão (CORACINI, 2003, p.253).

Seria, portanto possível sintetizar este “diálogo” em 18 respostas às vozes diferentes. Pretende-se por fim perceber como o diálogo da autora com ela mesma e com seus interlocutores em função do tema produziu uma imagem docente original:

- 1º - responder as vozes parlamentares com a voz dos docentes angustiados.
- 2º - responde a voz normativa gramatical por conveniência
- 3º - responde a voz imaginária dos parlamentares sobre quantias financeiras com o número do valor de seu contracheque
- 4º - cria um diálogo ficcional com pergunta e resposta sobre o salário recebido pelo professor e o recebido pelos parlamentares
- 5º - responde a situação do professor em sua precariedade

6° - responde às vozes mascaradoras dos parlamentares contrastando com a realidade e autoridade do professor que experimenta a precariedade da profissão

7° - resposta à secretária quanto a banalização e conformismo: o professor não é herói e recebe mal, não é possível ignorar

8° - resposta à secretária quanto a acusação de imediatismo: as necessidades dos professores e de suas famílias são imediatas

9° - resposta ao conceito de que os especialistas são autoridade máxima: o professor que vivência e é experiente é a autoridade máxima sobre vida docente

10° - resposta ao governo e mídia que afirmam que professor em sala de aula é solução: o professor está três turnos na escola e mal pago, isso não é solução

11° - resposta a imagem do professor que reclama querendo além do que precisa: a realidade da precária alimentação e transporte

12° - resposta ao constrangimento de se falar do baixo salário: o constrangimento deveria ser do governo que paga mal

13° - resposta a secretária que pede paciência: o professor espera até a morte, já é paciente demais.

14° - resposta ao governo pela voz dos alunos ridicularizando a greve: o governo não faz nada relevante e até os alunos percebem

15° - resposta à secretária sobre a greve como interesse de uma minoria: 90% dos professores aderiram a greve

16° - pede apoio acusando implicitamente os parlamentares de ausentes e ignorantes

17° - Resposta a promotoria sobre o professor que não pode comer merenda: o professor não tem condições de se alimentar fora de casa

18° - Responde como sendo a voz dos professores vivendo em precariedade e de seus filhos com péssimo ensino.

Assim, fica evidente que a imagem construída no discurso dialógico presente é a de um docente que, apesar de sofrer a múltipla precariedade, é objetivo, consciente de sua realidade e que combate a toda voz alienante acerca de sua profissão e de si enquanto profissional. Admite a imagem de angustiado que sabe discursar. Está ciente dos altos valores tratados entre os parlamentares e, portanto da riqueza do governo. Sabe que seu salário é ridículo e que só a ele interessa revelar a verdade. Ao governo só interessa mascarar. Não admite a imagem do herói, pois se sabe mal pago e não pretende ignorar esta situação injusta. Não aceita mais enrolação, quer atitudes imediatas, tem pressa. Não aceita mais a voz dos especialistas, ele sabe realmente o que passa. Sabe que mesmo trabalhando três turnos sua

situação não melhora e que a fala do governo antigrevista sobre o professor em sala de aula como solução é só estratégia alienadora. Não aceita que tentem convencê-lo de que reclama de barriga cheia para gastar com futilidades. Sabe de sua precariedade. Sabe que sua paciência é absurda e que precisa exigir urgência. Sabe que todos percebem como é ridícula a situação do governo que não tem interesse em mudar sua situação. Percebe que até os alunos notam a indiferença. Percebe a ação do governo de mentir sobre a ação grevista e o corrige objetivamente com números. Sabe o papel dos parlamentares e que eles não o realizam. Sabe que deve somar vozes com outros professores e enfrentar a injustiça pelos profissionais docentes e seus familiares.

Enfim, é a imagem de um profissional consciente e desmascarador. Sabe responder e revelar as vozes alienantes. Está consciente da batalha de discursos e pretende brigar enquanto autoridade no assunto por uma mudança em prol dos colegas de profissão e de seus familiares. Aparece assim a professora sindicalizada e militante que se revela em seu discurso se colocando como o profissional docente genericamente.

É um diálogo também deste enunciado concreto como resposta a todos os enunciados anteriores que se posicionaram contra ou a favor da greve, da imagem docente em seus diferentes aspectos e até mesmo com relação a profissão docente em seus mais diferentes aspectos. É uma resposta a muitos enunciados proferidos, desde o início da história da educação no Brasil ou mesmo da profissão docente no mundo. O dialogismo deste enunciado concreto forma uma imagem de docente, enfim como resposta, portanto a enunciados próximos e locais, mas também distantes e gerais no tempo e no espaço. Responde não só à pesquisas recentes, às vozes alienantes do governo e à tudo o que se tem dito pela mídia e pelo povo sobre a docência, mas também a história da profissão e deste profissional revelada em todo o seu percurso de construção de imagem

Por outro lado é um enunciado dialógico porque provoca respostas a esta formação de imagem. O discurso da professora Amanda Gurgel provoca respostas próximas e locais como o foram as greves subsequentes e as entrevistas, a candidatura da professora e as pesquisas recentes (como esta), mas gerará novas possibilidades de respostas futuras e distantes.

## CONCLUSÃO

A pesquisa permite ouvir o que o próprio professor tem a dizer sobre si, como ele se percebe e como se expressa. Não há voz mais importante a ser ouvida sobre a profissão docente que a do próprio professor, aquilo que ele vivencia, sua realidade e os dilemas de sua profissão. Analisar o discurso de Amanda Gurgel é ouvir o professor, é dar valor a sua voz e projetá-la, ampliar seu alcance em busca de uma identidade mais clara. A escolha do corpus e o significado construído pelo seu conteúdo acerca da imagem do professor já são colaborações importantes.

O objetivo foi analisar se era possível perceber a construção e desconstrução da imagem do professor no discurso do próprio professor, especificamente na voz da professora Amanda Gurgel. Assim, a pesquisa analisou esta possibilidade, da desconstrução e construção da imagem docente, por meio das categorias: 1) o enunciado concreto, o gênero discursivo; 2) o tema, a cronotopia e a ideologia; 3) a forma composicional, o estilo e a entonação; 4) e o propósito comunicativo, exotopia e dialogismo.

Em primeiro lugar, ficou evidente se tratar de um enunciado concreto do gênero discursivo Audiência Pública, um gênero secundário por ser mais complexo e pertencer a um convívio cultural bastante desenvolvido e organizado. É um enunciado situado no contexto da política e na relação desta com o funcionário público. Já esta conclusão revela algo sobre a imagem do professor como alguém que faz uso de um gênero discursivo complexo e polêmico para falar acerca de si mesmo. O professor que decide se pronunciar em um contexto político e por meio de um gênero complexo é alguém que não se cala e que é capaz de polemizar.

O tema constrói uma imagem de profissional docente extremamente relacionada a um contexto, uma situação de onde o enunciado emerge. Há um cenário de greve constante em que os professores são pintados pelo governo como injustos, atores de uma greve abusiva, mentirosos e incoerentes. Nesse contexto há uma desconstrução desta imagem pelos professores que se reuniam e se pronunciavam a comunidade a ao governo como enganados por promessas não cumpridas do governo, presos a uma situação precária que dificultava aos profissionais exercer sua função e acusando o governo de divulgar falsas informações.

O discurso de Amanda Gurgel dá formato e torna evidente esta tensão, este embate de vozes e revela o tema da crise de identidade profissional docente como algo gerado pela situação da educação como um todo. É uma identidade em crise pela ação do outro, pela voz

alienante do outro. O governo como voz que constrói uma imagem de profissional docente ambicioso e inimigo da ordem pública. Mas o tema é realmente formado neste enunciado concreto como resposta a estas vozes e a estas imagens, pela voz e olhar do próprio professor que esta vivendo uma realidade precária e injusta. A voz deste professor procura desconstruir esta imagem e desnudar as falas do governo, apresentando uma nova imagem de profissional docente, que por estar ciente de sua situação precária, enfrenta a voz da autoridade substituindo sua imagem por uma nova, mais adequada ao contexto atual.

O aspecto cronotópico, por sua vez, revela que a imagem do profissional docente é marcada em primeiro lugar pela imagem do sacerdote. O professor/padre se faz presente no discurso da professora Amanda Gurgel quando ela diz que não é a salvadora ou redentora do país. Há um resgate nestes termos da imagem religiosa que se faz do professor que se sacrifica para a salvação sobrenatural da nação. As dificuldades vividas pelos professores com os quais Amanda Gurgel se identifica apontam para a imagem de profissionais com baixos salários e em péssimas condições de transporte como os docentes do período régio. Essa segunda imagem cronotópica permanece, pois a realidade dos dois problemas citados permanece apesar da distância do tempo. Outro aspecto cronotópico da imagem do professor régio é ser pedante, ostentar um conhecimento que não condiz com sua precariedade de vida. Isso também é percebido no discurso de Amanda Gurgel quando revela a ridicularização da imagem do professor realizada pela secretaria. A imagem formada pelo discurso de um professor que reclama sem necessidade e que reclama para desfrutar de luxo é radicalmente oposta a revelada pela professora Amanda Gurgel. Outra forma em que esta imagem do profissional que fala bem, mas que não vive bem no discurso da professora Amanda está presente também no discurso dela como um todo, pronunciado com habilidade pela professora que revela neste mesmo hábil discurso sua condição precária de vida.

A imagem do professor da república, esvaziado da figura de autoridade paternal, ou maternal, e que não pode mais usar de violência para impor ordem, aparece no corpus em um professor que é ridicularizado pelos alunos. Os alunos zombam do professor por este não conseguir mudar sua realidade por meio das greves. O profissional desacreditado até por crianças e adolescentes. Há também a imagem cronotópica do professor da Nova Escola: esquerdista, que protesta, que luta pelo pobre, que luta por sua categoria, também é evidente na fala de Amanda Gurgel. Seu discurso é o de um profissional sindicalista que defende a situação precária em que trabalham os de sua categoria. É o discurso daquele que se inclui na condição de explorado, porém consciente e inconformado com tal situação.

O enunciado polêmico da professora é bastante marcado com o discurso sindical que denuncia a realidade de uma categoria e exige mudanças em um contexto de greve. A identificação do professor com o operário é muito forte quanto a sua precariedade de condições de vida. O ambiente de trabalho opressor, baixas condições salariais, transporte coletivo, extensão da jornada de trabalho em três turnos, entre outros fatores o relacionam ao profissional proletarizado da época da ditadura. Por fim há a imagem contemporânea do professor esvaziado de prestígio que prefere abandonar a docência. Esta imagem aparece no discurso de Amanda Gurgel como a do profissional já esgotado com o descaso do governo e que morre esperando uma mudança, uma promoção. O discurso analisado apresenta, portanto, forte presença de toda a história da imagem da profissão docente. O acúmulo das diversas imagens que o professor foi adquirindo com o tempo no Brasil se faz presente de diversas formas no discurso da professora. São imagens resgatadas por historiadores, escritores e até mesmo por políticos e que agora encontram forma no discurso aqui analisado, que por sua vez revela esta antiga e recente imagem na voz do próprio professor dos dias atuais.

Quanto a luta ideológica presente no discurso da professora sobre o professor aparece também uma imagem do professor criada tanto pela tensão evidente na construção desta imagem por parte da ideologia dominante como pela desconstrução e reconstrução por parte da ideologia do cotidiano do professor. Há, no discurso dominante, uma tentativa ideologicamente deformadora e não pautada na realidade e uma resposta, do professor ideologicamente concreta e que elucida a situação real em que atua o profissional docente.

A forma composicional contribuiu na formação da imagem docente em primeiro lugar quanto às possibilidades oferecidas pelo próprio gênero discursivo. As características composicionais do gênero ressaltam uma professora enunciativa que faz uso de um discurso oral, complexo e polêmico. Um discurso que não teve preparação prévia, mas que surge como resposta a falas tanto ditas anteriormente como falas ditas minutos antes: “durante cada fala aqui eu pensava em como organizar a minha fala.”

A professora faz uso do discurso polêmico oral em uma situação de formalidade, já que responde ao discurso do governo em audiência pública. Apresenta assim, seus argumentos com: números; descrições do cotidiano do professor; exemplos; falas anteriores proferidas pelas autoridades para então respondê-las; dúvidas acerca da condição real do professor; e ironia quanto à posição assumida pelo discurso político. Tudo isso com voz alta, denúncias firmes e consistentes, exigências sóbrias. Em uma situação de conflito e formalidade frente a frente com o interlocutor.



Assim a forma composicional revela um docente oprimido, mas não calado; em situações precárias, mas consciente e exigindo mudanças. A pessoa do enunciador concentra, portanto características importantes neste caso enquanto se concentra na forma composicional formando um típico enunciador do discurso polêmico, o professor que questiona. As características típicas do formato do discurso polêmico ressaltam um docente que sabe falar, que sabe perceber e responder as imagens que fazem de sua profissão e do seu cotidiano.

O estilo deste enunciado, por sua vez, é marcado pelo tom de revolta e de oposição ao estabelecido. Sua experiência real é exposta no discurso, tanto cotidiana quanto imediata ao momento da fala. Esse estilo possibilita a construção de uma imagem de docente que tem autoridade pra falar sobre si mesmo e sobre seu contexto. O enunciador é o docente que sabe responder à imagem prefigurada pela sociedade sobre sua profissão e seu dia a dia por conhecer esta realidade e estar ciente da precariedade dela. Sabe responder ao discurso político, pois percebe seu tom de quem não assume a responsabilidade pela situação transferindo a mesma para o docente, e enquanto docente assume o estilo do sindicalizado que polemiza e com autoridade se pronuncia. Gera-se a imagem de um docente que originalmente assume a posição de consciente e exigente, que não quer fugir mais para uma imagem alienada de si mesmo e nem usá-la como refúgio, antes quer respeito e mudanças.

O tom, como enunciadora professora que fala em nome de professores e familiares é, portanto de indignação e desvendamento. Um tom de autoridade de quem tem experiência sobre o que diz. Enquanto docente falando do cotidiano docente. Assume o tom de desabafo e de confronto pelos seus pares. Desde o início o discurso parte conscientemente do propósito de ser a voz dos professores, ser a voz de um professor que é todos os professores. Esse tom é retomado no final. Quando se leva em consideração o interlocutor o tom se revela denunciador. A fala do outro é recitada de forma debochada e desacreditada. A fala dos interlocutores e seus conceitos são ridicularizados e desautorizados. O outro é desafiado a ser mais autêntico e realista. É em relação ao interlocutor que o tom de protesto se torna evidente. O enunciado é construído evidentemente em resposta ao interlocutor, à indiferença e à alienação deste.

O propósito comunicativo deste enunciado continua a revelar uma imagem de professor que não aceita sua situação profissional. Que quer ser ouvido, respeitado, apoiado. Um professor que não aceita as imagens incoerentes quanto à situação real de sua profissão, que escondem esta realidade difícil do cotidiano docente. A imagem docente surge da ampla descrição que é feita desse cotidiano com o propósito de evidenciar uma imagem inconsistente e substituir esta imagem pela imagem real do professor, trabalhando em estado

de precariedade, exigindo melhorias em sua atuação profissional. O propósito comunicativo deste enunciado concreto colabora, para a formação da imagem docente de um professor que descreve a situação da sua profissão docente partindo da realidade local e nacional até a imagem da profissão docente como um todo. O propósito de polemizar frente a vozes alienadoras produziu imagens de um docente consciente de sua opressão real, pautada em suas experiências diárias, contra as imagens falsas e as abstrações presentes nas vozes do governo.

Quanto ao aspecto da exotopia no discurso da professora o que se percebe é por vezes aproximação e por vezes afastamento na construção deste “personagem” professor. O afastamento cria uma imagem de um profissional unido, que luta por mudança em sua atuação profissional e que responde a imagem que o olhar dos outros tentam lhe imprimir. Essa resposta acontece por meio de comparações, correções irônicas e principalmente por um retrato da realidade vivida pelo próprio professor frente as imagens distorcidas do olhar dos outros sobre ele. É uma construção de imagem gerada por resposta a tentativa de construção de imagens distorcidas. A imagem formada pela aproximação procura se identificar com a realidade difícil do cotidiano docente se incluindo nesta situação em vários momentos do seu discurso.

A imagem criada pelo dialogismo presente no texto é a de representantes do governo que em sua maioria ganham bem e usam sua voz para mascarar a realidade de que a educação nunca foi prioridade. Fazem isso por meio de enunciados que deixam clara a impossibilidade de diálogo e de aceitação das greves. Enxergam o professor como consumista, aquele que já ganha bem e quer ganhar além do que precisa, mas também o colocam como responsável por salvar a educação. Valorizam mais teóricos da área que a realidade do professor. Em seu discurso pedem paciência e flexibilidade, mas são indiferentes a realidade da profissão docente. Acreditam que o professor deve ficar constrangido com seu salário e desmoralizado frente aos alunos depois das greves. São ainda retratados como ausentes, desconhecedores da realidade dos profissionais e que só usam as leis contra os profissionais ignorando suas reais necessidades.

Já a imagem de professor, que é gerada pelo dialogismo no texto, revela um profissional angustiado, não satisfeito com seu salário e que por isso se percebe privado do necessário em comparação com o salário dos parlamentares. O professor se coloca também como aquele que vive as dificuldades da profissão docente e que por isso pode falar sobre elas com mais propriedade que os teóricos da educação. O docente é ainda descrito como aquele que fala pautado na sua realidade e não em opiniões pré-concebidas sobre docência. É aquele

que abre diálogo para buscar solução ainda que o governo se pronuncie fechado para isso. Não aceita a imagem de consumista e nem mesmo a de redentor da educação. Sabe ser privado de alimentação, transporte e ensino de qualidade para seus filhos. Revela sua jornada três turnos. São retratados como extremamente flexíveis e pacientes, apesar de já não aguentarem mais. Espera objetividade do governo, pois, já percebeu, desmoralizado perante os alunos, que as propostas do governo não resolvem os problemas reais apresentados. Participam nas greves e cobram participação coerente de deputados e da promotoria para algo mais que lhes proibir de comer merenda.

Assim, fica evidente que a imagem construída no discurso dialógico presente é a de um docente que apesar de sofrer a múltipla precariedade é objetivo, consciente de sua realidade e que combate a toda voz alienante acerca de sua profissão e de si enquanto profissional. Enfim, é a imagem de um profissional que sabe responder e revelar as vozes alienantes. Está consciente da batalha de discursos e pretende posicionar-se enquanto autoridade no assunto por uma mudança em prol dos colegas de profissão e de seus familiares. Aparece assim a professora sindicalizada e militante que se revela em seu discurso se colocando como o profissional docente genericamente.

É um diálogo também deste enunciado concreto como resposta a todos os enunciados anteriores que se posicionaram contra ou a favor da greve, da imagem docente em seus diferentes aspectos e até mesmo com relação à profissão docente em seus mais diferentes aspectos. É uma resposta a muitos enunciados proferidos, desde o início da história da educação no Brasil ou mesmo da profissão docente no mundo. O dialogismo deste enunciado concreto forma uma imagem de docente, enfim como resposta, portanto a enunciados próximos e locais, mas também distantes e gerais no tempo e no espaço. Responde não só às pesquisas recentes, às vozes alienantes do governo e a tudo o que se tem dito pela mídia e pelo povo sobre a docência, mas também a história da profissão e deste profissional revelada em todo o seu percurso de construção de imagem.

Por outro lado é um enunciado dialógico porque, segundo Bakhtin (2011) provoca respostas a esta formação de imagem. O discurso da professora Amanda Gurgel provoca respostas próximas e locais como o foram as greves subsequentes e as entrevistas, a candidatura da professora e as pesquisas recentes (como esta), mas gerará novas possibilidades de respostas futuras e distantes.

## REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, A. J. *Representações da identidade docente: uma contribuição para a formulação de políticas*. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 15, n. 57, p. 579-594, out./dez. 2007
- ANDRADE, C.D. et al. *Para gostar de ler: crônicas*. São Paulo: Ática, 1980.
- ARAÚJO, M. A. C. de. *A configuração dos dêiticos aqui, lá e ali no discurso político da professora Amanda Gurgel*. IX Colóquio do Museu Pedagógico. ISSN 2175-5493, Vol. 9, No 1. 05 a 07 de out. 2011
- ARIMATEA, V. *Trabalhadores em educação da rede municipal de ensino estão em greve*. Disponível em:  
[http://sintern.org.br/artigos/visualizar/34/trabalhadores\\_em\\_educacao\\_da\\_rede\\_municipal\\_de\\_ensino\\_estao\\_em\\_greve](http://sintern.org.br/artigos/visualizar/34/trabalhadores_em_educacao_da_rede_municipal_de_ensino_estao_em_greve). Acessado em 25 ago. 2013
- ASSIS, M. de. *Várias histórias*. São Paulo: Escala Educacional, 2008.
- AURELIO, B. de H. F. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Editora Positivo, 2010
- BAKHTIN, M.M. *Estética Da Criação Verbal*. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- BAKHTIN, M.M.; VOLOCHÍNOV, V.N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BARROS, D.L.P. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, Dialogismo e construção de sentido*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- BHATIA, V. K. *Analysing genre: language use in professional settings*. London: Longman, 1993.
- BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, Dialogismo e construção de sentido*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- \_\_\_\_\_. Estilo. In BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- BRASIL. Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001. *Plano Nacional de Educação*. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF. Disponível em:  
 <<https://www.planalto.gov.br/leg.asp>>. Acesso em: 21 ago. 2014.
- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação: Lei n 9.394/96 – 24 de dez. 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1998.

- BUSTOS, A. *Professora Amanda Gurgel no Domingão do Faustão – COMPLETO*. Youtube, 23/05/2011. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=C2DR8RZTVWE>. Acessado em: 23 Mai. 2013
- CANTINHO DA WEB. *Discurso da Professora Amanda Gurgel na Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte*. Disponível em: <http://cantinhodaweb.com/variedades/discurso-professora-amanda-gurgel-por-escrito>. Acessado em: 15 Abr. 2013
- CARMAGNANI, A. M. G. *Linguagem e exclusão: o discurso da mídia sobre o professor e a escola*. RBLA, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 499-514, 2009
- CASTRO, M. L. D. A dialogia e os efeitos de sentido irônicos. In BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, Dialogismo e construção de sentido*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- CHARAUDEAU, P. *Discurso Político*. São Paulo: Contexto, 2006
- CITELLI, A. (Org.). *Educomunicação: imagens do professor na mídia*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- CORACINI, M.J. *Identidade e discurso: desconstruindo subjetividades*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- DAHLET, P. Dialogização enunciativa e paisagens do sujeito. In BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, Dialogismo e construção de sentido*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- DAHLET, V. A entonação no dialogismo bakhtiniano. In BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, Dialogismo e construção de sentido*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- DIAS, L. F. Significação e forma linguística na visão de Bakhtin. In BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, Dialogismo e construção de sentido*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- FAIRCHILD, T. *O professor no espelho: refletindo sobre a leitura de um relatório de estágio na graduação em Letras*. RBLA, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 271-288, 2010.
- FAÏTA, D. A noção de gênero discursivo em Bakhtin: uma mudança de paradigma. In BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, Dialogismo e construção de sentido*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- FARACO, C. A. Autor e autoria. In BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- FARIA, E. *Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores*. *Psicol. Esc. Educ.* (Impr.) vol.15 no.1 Maringá Jan./June 2011
- FAVERO, L. L. *Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez, 1999.
- FERREIRA JR, A.; BITTAR, M. *A ditadura militar e a proletarização dos professores*. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 27, n. 97, p.1159-1179, set./dez.2006.

- FIORIN, José Luiz de. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006
- GOMES, M. C. A. O gênero audiência pública. In MAGALHÃES, C. M. (Org.). *Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.
- GURGEL, A. Vereadora Amanda Gurgel. Disponível em: <http://www.amandagurgel.com.br/vereadora/>. Acessado em 07/01/2015
- HOLANDA, S.B. *História geral da civilização brasileira: tomo 1 a época colonial-do descobrimento a expansão territorial*. 18.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- LEAL, M. C. PIMENTEL, M. A. L. *História e memória da Escola Nova*. São Paulo: Edições Loyola, 2003
- LIMA, R. C. de C. P. Ser ninguém-ser alguém: análise do discurso de uma narrativa de professor. In CORACINI, M.J. *Identidade e discurso: desconstruindo subjetividades*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- MACHADO, I. A. Os gêneros e o corpo do acabamento estético. In BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, Dialogismo e construção de sentido*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- MADEIRO, C. *Professores de Natal (RN) entram em greve; rede tem 55 mil alunos*. UOL, 30/03/2012. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/noticias/2012/03/30/professores-de-natal-rn-entram-em-greve-rede-tem-55-mil-alunos.htm>. Acessado em: 25 Set. 2013
- MARCUSCHI, L.A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MEDVIÉDEV, P. N. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução de Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.
- MIOTELLO, V. Ideologia. In BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- NATAL, V. *Depoimento da professora Amanda Gurgel*. Youtube, 14/05/2011 Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=yFkt0O7lceA>. Acessado em: 20 Mar. 2013
- NOVAIS, F.A; SOUZA, L. M. *História da vida privada no Brasil 1: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- PERELMAN, Ch. *Argumentação*. In Enciclopedia Einaudi. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987, vol 11. p.234-265.
- PIERUCCI, A. F. O. *O Brasil republicano, tomo III: economia e cultura 1930-1964*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997
- PIETROFORTE, A. V. *Semiótica visual: os percursos do olhar*. São Paulo: Contexto, 2004.

- PINHEIRO, P. S. et al. *O Brasil republicano, tomo III: sociedade e instituições 1889-1930*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- POMPEIA, R. *O ateneu*:(crônica de saudades). São Paulo: Paulus, 2005.
- REGO, J. L. *Doidinho*: romance. 41.ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2006.
- ROCCO, M.T.F. *A linguagem autoritária*. São Paulo: Brasiliense, 2003
- SILVA, A. A. da. *A constituição do ethos do professor de educação básica: em foco o discurso de Amanda Gurgel*. Diálogo das Letras, Pau dos Ferros, v. 02, n. 01, p. 147 – 161, jan./jun. 2013.
- SINTE/RN. *Sindicato dos trabalhadores da educação pública do estado do Rio Grande do Norte*. Disponível em: <<http://www.sintern.org.br/tags/visualizar/110/greve>>. Acesso em: 28 Mai. 2014.
- SOBRAL, A. Ético e estético: na vida, na arte e na pesquisa em ciências humanas. In BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- SOUZA, A. R. de. *O professor da educação básica no Brasil: identidade e trabalho*. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 48, p. 53-74, abr./jun. 2013. Editora UFPR.
- TATEO, L. *What do you mean by "teacher"? psychological research on teacher professional identity*. Psicologia & Sociedade, Belo Horizonte, Psicol. Soc. v.24 n.02, May/Aug. 2012.
- TEZZA, C. Sobre o autor e o herói – um roteiro de leitura. In FARACO, C.A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. (Org.). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Editora UFPR, 2007.
- VOLOCHINOV, V.N. *O discurso na vida e o discurso na arte*. Tradução para uso didático por C. Tezza e C. A. Faraco. [s.d.]